

DM

**A Origem e o Papel
dos Serviços Educativos
dos Museus da RAM**
Uma abordagem

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rui Filipe da Silva Sé Fernandes
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2020

**A Origem e o Papel
dos Serviços Educativos
dos Museus da RAM**
Uma abordagem

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rui Filipe da Silva Sé Fernandes
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO
Rui Alexandre Carita Silvestre

*Aos meus pais e irmão,
à minha família
aos meus amigos de longa data!*

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Rui Carita, pela paciência, disponibilidade e compreensão. O seu contributo e a sua orientação foram imprescindíveis para o desenvolvimento desta dissertação. A sua boa disposição e humor estiveram sempre presentes e contribuíram para que eu encarasse este desafio com ânimo e optimismo.

Agradeço aos meus pais e à minha avó Osvalda por todo o apoio, pelos sacrifícios feitos durante o meu percurso académico e por acreditarem nas minhas capacidades. Quero também agradecer ao meu irmão por toda a ajuda prestada e enorme incentivo durante todo o processo.

Ao professor Martinho Mendes agradeço a disponibilidade, o apoio e as preciosas sugestões. Auxiliou-me sempre que precisei, quer na facultação de várias fontes para complementar a tese, quer com o seu conhecimento da área de estudo que facilitou a pesquisa documental.

Deixo um agradecimento especial a todos os diretores dos museus estudados, pela cooperação na recolha de informação essencial ao desenvolvimento desta tese.

Aqui fica, também, o reconhecimento pelo papel desempenhado pela Regina do Arquivo Regional da Madeira na fase de pesquisa documental.

Não quero deixar de agradecer aos meus colegas do mestrado de Estudos Regionais e Locais pelo acolhimento e apoio durante este percurso. Estendo o agradecimento a todos os meus amigos pelas palavras de encorajamento.

Resumo

Atualmente os museus possuem uma vasta diversidade de atividades direcionadas ao público visitante. As atividades desenvolvidas pelos serviços educativos das instituições museológicas têm como propósito promover a participação dos visitantes no seu programa educativo e cultural. Neste sentido, as atividades educativas desenvolvidas por estes serviços potenciam a construção de novos conhecimentos, o que, por sua vez, desperta as aptidões naturais do público visitante.

Após ter feito o enquadramento da temática deste trabalho, foi feito o registo histórico de oito instituições museológicas, de forma a compreender as suas origens. O capítulo seguinte incidu no enquadramento histórico do serviço educativo, dos princípios educacionais e das atividades educativas e culturais dos oito museus em análise. Desta forma, e com base na informação recolhida, procedi à comparação entre os museus abordados de acordo com as atividades que cada um desenvolve. O conjunto deste tipo de iniciativas e os eventos das instituições museológicas que incentivam a participação do visitante, constituem um complemento importante da visita. Os serviços educativos dos museus têm este papel e é, essencialmente, esse aspecto que tentaremos desenvolver neste trabalho.

A tutela de cada museu tem feito o possível para desenvolver um diverso número de atividades educativas e culturais direcionadas para o público visitante, especialmente o público escolar, alocando os recursos disponíveis e, também dentro do possível, articulando-se com o grau de conhecimento dos visitantes, tal como dos programas das instituições visitantes.

Palavras-chave: Museu, Serviços Educativos, Atividades Educativas e Culturais, Público Visitante, Tutela.

Abstract

Currently, museums have a wide range of activities aimed at the visiting public. The activities developed by the educational services of the museological institutions aim to promote the participation of visitors in their educational and cultural program. In this sense, the educational activities developed by these services enhance the construction of new knowledge, which, in turn, awakens the natural aptitudes of the visiting public.

After framing the theme of this work, the historical record of eight museological institutions was made, in order to understand their origins. The next chapter focused on the historical background of the educational service, the educational principles and the educational and cultural activities of the eight museums under analysis. In this way, and based on the information collected, I proceeded to compare the museums approached according to the activities that each one develops. The set of this type of initiatives and the events of the museological institutions that encourage the participation of the visitor, constitute an important complement to the visit. The educational services of museums have this role and it is essentially that aspect that we will try to develop in this work.

The tutelage of each museum has done its best to develop a diverse number of educational and cultural activities aimed at the visiting public, especially the school audience, allocating the available resources and, as far as possible, articulating with the degree of knowledge of the visitors, as well as the programs of visiting institutions.

Keywords: Museum, Educational Services, Educational and Cultural Activities, Visitors, Tutelage.

Índice

1. Introdução	2
Capítulo I	3
1.1. Enquadramento	3
1.1.1. Os museus ao longo dos tempos	4
1.1.2. A constituição de um museu	6
1.1.3. Funções dos museus e organização interna	8
1.1.4. A exposição	12
1.1.5. Conceito de “Serviço Educativo”	15
1.1.6. Os Serviços Educativos nos Museus em Portugal	19
1.2. Objetivos e Hipóteses	22
1.3. Metodologia	23
Capítulo II	25
2. Registo Histórico de Unidades Museológicas da Madeira	25
2.1. Museu de História Natural do Funchal	25
2.2. Museu de Arte Sacra do Funchal	30
2.3. Museu Quinta das Cruzes	34
2.4. Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias de João Carlos Abreu	41
2.5. Museu Henrique e Francisco Franco	43
2.6. Casa-Museu Frederico de Freitas	46
2.7. Museu da Baleia da Madeira	50
2.8. Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico	55
Capítulo III	58
3. Serviços Educativos dos Museus	58
3.1. Museu de História Natural do Funchal	58
3.1.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	58
3.1.2. Princípios Educacionais Subjacentes	59
3.1.3. Atividades Educativas e Culturais	60
3.2. Museu de Arte Sacra do Funchal	62
3.2.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	62

3.2.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	64
3.2.3. Atividades Educativas e Culturais	67
3.3. Museu Quinta das Cruzes.....	69
3.3.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	69
3.3.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	69
3.3.3. Atividades Educativas e Culturais	70
3.4. Museu Henrique e Francisco Franco.....	71
3.4.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	71
3.4.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	72
3.4.3. Atividades Educativas e Culturais	72
3.5. Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu.....	74
3.5.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	74
3.5.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	75
3.5.3. Atividades Educativas e Culturais	75
3.6. Casa-Museu Frederico de Freitas	79
3.6.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	79
3.6.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	81
3.6.3. Atividades Educativas e Culturais	81
3.7. Museu da Baleia da Madeira.....	83
3.7.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	83
3.7.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	83
3.7.3. Atividades Educativas e Culturais	83
3.8. Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico.....	85
3.8.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo	85
3.8.2. Princípios Educacionais Subjacentes.....	85
3.8.3. Atividades Educativas e Culturais	86
Conclusão	87
Webgrafia.....	91
Referências bibliográficas.....	92
Legislação	94

Fontes.....	94
Iconografia	95
Anexos.....	96

Introdução

Começaremos por fazer o registo histórico de oito museus situados na Região Autónoma da Madeira. Nesse sentido, será dada ênfase às histórias do Museu de História Natural do Funchal, do Museu de Arte Sacra do Funchal, do Museu Quinta das Cruzes, do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu, do Museu Henrique e Francisco Franco e da Casa-Museu Frederico de Freitas, todos localizados na cidade do Funchal. Além destes, debruçar-nos-emos também na história de dois museus situados no distrito de Machico: o Museu da Baleia e o Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico. Este breve estudo histórico abordará a origem das instituições museológicas descritas, bem como, conforme os recursos que temos à disposição, as atividades que desenvolvem para divulgar a sua história e o seu funcionamento.

Nessa sequência, abordaremos a descrição, origem e papel dos serviços educativos nos museus, desde os seus primórdios nos anos 70 do passado século até às ações que são atualmente desenvolvidas. Procuraremos fazer o enquadramento de cada um dos serviços educativos nas respectivas unidades museológicas, e destacar quais os princípios educacionais que lhes são subjacentes, incluindo os trabalhos desenvolvidos nestas unidades. Nesse quadro, também será feita a enumeração e recolha dos projetos educativos dessas instituições, tal como uma comparação quantitativa e qualitativa, nos casos em que isso foi possível, das actividades desenvolvidas. Iremos percorrer o panorama museológico da ilha da Madeira com base nas respetivas atividades educativas. Analisaremos também o público-alvo de cada instituição. A influência da tutela em cada instituição museológica abordada também será tida em conta, especificamente da Câmara Municipal de Machico e do Funchal, da Direção Regional da Cultura e da Diocese do Funchal.

Capítulo I

1.1. Enquadramento

Os museus são entendidos, de um modo geral, como absolutamente necessários para a consolidação da sociedade como a entendemos hoje, dedicando-se à recolha, preservação, investigação e exposição de uma variedade de coleções de objetos de interesse cultural, científico, histórico, artístico, entre outras áreas. Nesse quadro, através do seu discurso expositivo e apelando às raízes e linhas gerais de organização, os museus contribuem não só para a consolidação e educação da sociedade, como para o desenvolvimento cultural da mesma. As instituições museológicas, em princípio, sem fins lucrativos, estão responsabilizadas pela administração das suas coleções, o que, por sua vez, serve como ponto de partida para a difusão das mesmas e, por conseguinte, do conhecimento relacionado com os seus acervos. Existem, no entanto, museus privados que podem ter fins lucrativos, embora mantenham, de igual forma, os mesmos princípios de investigação, conservação e exposição das suas coleções.

De acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM – International Council of Museums)¹, os museus são designados como:

*“A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.”*²

Ou seja, os museus são designados como instituições permanentes sem fins lucrativos, abertos ao público e estando ao serviço da sociedade e do seu respetivo desenvolvimento. Ao adquirir, conservar, investigar, comunicar e expor (associado aos fins de educação e estudo) o património material e imaterial da humanidade, e o património do meio em que se insere o próprio museu, os museus correspondem, pelas mais variadas razões, às expectativas da sociedade e, concretamente, do público que os visita. Deste modo, os visitantes usufruem de todos os recursos disponibilizados pelos museus. O facto de haver mais recursos disponíveis pressupõe um maior número de visitantes.

¹ O ICOM foi fundado em novembro de 1946, reconhecido e filiado pela UNESCO, sendo considerada a instituição mais importante a nível da organização internacional de museus. Disponível em: <https://icom.museum/en/about-us/history-of-icom/>

² Definição oficial dos Estatutos do ICOM, adotado pela 22ª Assembleia Geral realizada em Viena, Áustria, a 24 de agosto de 2007. Disponível em: <http://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/museum-definition/>

A Comissão Nacional da UNESCO³, por seu lado, caracteriza os museus como “instituições que procuram representar a diversidade natural e cultural da Humanidade, desempenhando um papel essencial na proteção, preservação e transmissão do património.”⁴ Isto pressupõe que os museus são mais do que locais onde se exibem e conservam objetos. São um meio de proteção tanto do património material e imaterial, como da diversidade cultural e natural existente na sua área de intervenção, exercendo um papel de elevada importância na valorização e promoção criativa da economia local e regional. Os museus funcionam, assim, como vetores de discussão e debate no âmbito social e cultural, incentivando a própria participação da sociedade civil nessa discussão.

Para Sara Barriga e Susana Gomes da Silva (2007, p.79) os museus, através das suas funções inerentes, são considerados como pontos sólidos para a melhoria do conhecimento do público visitante. As instituições museológicas cuidam das coleções que reúnem, conservando-as e exibindo-as a quem as visita, “(...) *uma comunidade estrutura e organiza segmentos ou paráfrases, seja da memória colectiva das sociedades ou dos grupos que a constituem, seja da memória histórica elaborada pelas elites académicas e científicas.*”⁵

Deduz-se, deste modo, que as principais missões dos museus consistem tanto na sua capacidade de investigação e divulgação de determinados acontecimentos ou objetos, como na recolha e conservação dos dados relacionados com a história geral da humanidade. As coleções expostas por intermédio dos museus e as suas funções têm nesse quadro um impacto significativo e benéfico para a incrementação do conhecimento do público visitante.

1.1.1. Os museus ao longo dos tempos

Os museus tiveram a sua génese a partir do momento em que os homens adotaram hábitos relacionados com o colecionismo, como ponto de partida para a elaboração de registos históricos e de poder. Os primórdios e o desenvolvimento dos museus datam da Grécia Antiga, em locais considerados como locais propícios a centros

³ Em 1965, Portugal aderiu à UNESCO, e em 1972, por problemas políticos, retira-se desta Organização Internacional. Reingressa a 11 de setembro de 1974. A criação da sua Comissão Nacional decorreu em 1979, pelo Decreto-Lei N°218/79 de 17 de julho, sob a égide do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na qual se encontra sediada.

⁴ Definição de “museu” da Comissão Nacional da UNESCO proveniente da Recomendação relativa à Proteção e Promoção dos Museus e das Coleções, da sua Diversidade e do seu papel na Sociedade.

⁵ Barriga, S., & Silva, S. G. D. (2007). *Serviços educativos na cultura*. Porto: Setepés. P.79

académicos, espirituais, religiosos e criativos. No século III a. C., um dos primeiros museus foi edificado na cidade de Alexandria, no Egito, por Ptolomeu II Filadelfo. Nesta época, Alexandria era a cidade visionária da aprendizagem do mundo mediterrâneo e o museu ptolemaico desempenhava o papel de biblioteca e centro de pesquisa para os estudiosos.⁶

Segundo Neil G. Kotler Philip Kotler & Wendy I. Kotler, a partir do século II a.C., na Roma Antiga, os museus começaram a desenvolver as questões relativas ao armazenamento e, posteriormente, exposição das coleções que eram provenientes, em grande parte, das campanhas militares.⁷ Deste modo, podemos notar que os museus atuais mantêm, ainda, algumas das características das estruturas museológicas que existiam no passado, a partir do qual a sua identidade e funções evoluíram com o passar do tempo, até chegar ao que entendemos hoje como “museu”.

Durante a época medieval no Ocidente, a Igreja Católica Romana transformou-se num centro intelectual e com possibilidades económicas notáveis, e nessa medida, numa padroeira das artes. A recolha de uma vasta coleção de arte, incentivada pelo Papa Sisto IV, por exemplo, ficou armazenada em Roma até ao século XV. O enorme interesse do estudo da natureza, da criatividade e da arte refletido pelo pensamento renascentista, foram os motivos que levaram a que a Itália procedesse ao acolhimento de inúmeras coleções privadas a partir dos inícios e meados do século XVI. As coleções em causa exemplificavam a diversidade de *habitats* e das culturas do mundo conhecido de então, e ganharam enorme apetência à época, o que fez com que, nos séculos XVII e XVIII, nascessem também os “gabinetes de curiosidades” (*cabinets of curiosities*).⁸

Na Europa, e não só, estas coleções eram reunidas por reis, pela nobreza, pelas igrejas e mais tarde, por comerciantes ricos, os representantes da emergente burguesia. Essas coleções foram posteriormente guardadas em palácios e residências de certas dimensões, estando estes espaços abertos apenas a públicos seletivos e da estrita confiança do proprietário. Da mesma forma que em Alexandria o museu era apenas frequentado por estudiosos, ou entendidos, o mesmo se aplicou depois às coleções reunidas na Europa entre os séculos XVI a XVIII, embora o seu caráter, quase sempre privado, limitasse bastante o acesso a essas coleções. As coleções ligadas à ciência e

⁶ Kotler, N. G., Kotler, P., & Kotler, W. I. (2008). *Museum marketing and strategy: designing missions, building audiences, generating revenue and resources*. John Wiley & Sons. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=4zoZDQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

história natural, no entanto, embora também reservadas essencialmente aos estudiosos da área, acabaram por conhecer um outro tipo de acesso e, inclusivamente, divulgação.⁹

Entre os séculos XVIII e XIX, com o Iluminismo e, depois, com o Liberalismo, a importância dada ao encorajamento da aprendizagem pública fez com que ocorresse uma transformação drástica nos museus. Com o passar do tempo, os museus deram lugar, de forma progressiva, a instituições mais espaçosas e, com efeito, disponibilizaram-se a facultar a promoção e a zelar pelo bem-estar público. Um dos primeiros exemplos foi o Museu Universitário de Basileia, na Suíça, fundado em 1671¹⁰. Outro exemplo é o *Ashmolean Museum*, situado em Oxford, Reino Unido, abrindo ao público em 1683.¹¹ Estas gozam da fama de terem sido primeiros museus públicos a serem fundados.

Nas décadas seguintes, começam a surgir instituições deste género também em Portugal. A partir de 1720, D. João V., através do decreto de 8 de dezembro de 1720¹², funda a Academia Real da História Portuguesa, que já tinha a função oficial de zelar pela conservação do património cultural móvel e edificado, fazendo assim a ligação com os anteriores “gabinetes de curiosidade”. Posteriormente, surgem os museus universitários, primeiramente o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra¹³, com o seu jardim botânico, e no mesmo sentido, o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda¹⁴, na formação dos quais, acrescente-se, a ilha da Madeira desempenhou um interessante papel como local de aclimação de muitos dos exemplares para ali depois transferidos.

1.1.2. A constituição de um museu

A constituição de um museu nasce da organização de um determinado acervo, assunto que se foi aperfeiçoando ao longo dos tempos e que, depois de estudado e organizado, é disponibilizado ao público. Será depois a constituição científica desse acervo, ou acervos, que ditará a vocação futura museu.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Alexander, Edward Porter & Alexander, Mary. *Museums in motion: an introduction to the history and functions of museums*. Rowman Altamira, 2008, pp. 3-5.

¹¹ Kotler, N. G., Kotler, P., & Kotler, W. I. (2008). *Museum marketing and strategy: designing missions, building audiences, generating revenue and resources*. John Wiley & Sons.

¹² Plataforma online oficial da Academia Portuguesa de História, instituição científica de utilidade pública, restaurada pelo Decreto-Lei n.º 26611, de 19 de maio de 1936, legítima herdeira da Academia Real da História Portuguesa: <https://academiaportuguesadahistoria.gov.pt>

¹³ Plataforma online do Museu da Ciência, situado na Universidade de Coimbra. <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=museum&action=museum>

¹⁴ Plataforma online do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. <https://www.isa.ulisboa.pt/jba/apresentacao/historia-do-jba>

O acervo consiste num grande, ou não, número de peças reunidas, ou seja, a sua designação indica um conjunto de coleções integrado numa entidade pública ou privada. No âmbito cultural, o acervo é normalmente feito para fazer referência ao conteúdo das coleções inerentes em instituições culturais, como por exemplo, os museus.

O acervo de cariz cultural envolve as manifestações culturais e artísticas de um povo, sendo compostas pelas tradições, hábitos e costumes que são passados de geração em geração. Desta maneira, os acervos culturais e históricos são organizados por uma instituição de excelência especializada na coleção, na investigação, na conservação e na sua exposição. As instituições com as especialidades enumeradas podem ser associações culturais, ou outras entidades, como por exemplo, as dependentes dos governos, nacionais, regionais ou locais, as bibliotecas, as paróquias, as dioceses, entre outras corporações.

Renata Cardozo Padilha (2014, p.21) complementa que “*o acervo museológico é formado por objetos bi ou tridimensionais, de ampla variedade tipológica, podendo ser de cunho etnográfico, antropológico, arqueológico, artístico, histórico, tecnológico, imagético, sonoro, virtual, de ciências naturais, entre outros.*”¹⁵ Deste modo, podemos afirmar que os acervos museológicos abrangem uma diversidade de áreas, constituídos sempre de acordo com a vocação do museu.

A exibição de qualquer acervo é encarada como um processo complexo. O mesmo se aplica às restantes funções dos museus relativamente aos seus acervos, como a seleção, o depósito e a conservação.

O Artigo 3 da Lei nº47/2004 de 19 de agosto comprova a importância desta questão, quando espelha a necessidade de garantir “*(...) um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos.*”¹⁶

Maria do Rosário Amador (2011) destaca o facto de os acervos dos museus envolverem, direta ou indiretamente, todos os funcionários.¹⁷ Visto que o público

¹⁵ Padilha, R. C. (2014). *Documentação museológica e gestão de acervo*. Coleção Estudos Museológicos Florianópolis: FCC Edições. P.21

¹⁶ Alínea 3 do Artigo 3 da Lei nº47/2004 de 19 de agosto, (2004). *Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses*. Diário Da República, nº195. I Série – A. P. 5379.

¹⁷ Amador, M. D. R. H. (2011). *Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel activo na formação das crianças* (Dissertação de Doutoramento), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. P.4

visualiza apenas o que é exposto pelos museus, tem apenas uma ideia parcial e ínfima do trabalho realizado pelos funcionários e pelas entidades organizadoras das exposições, permanentes ou temporárias nestas instituições. A autora salienta que a educação do público é possível no momento em que ocorre o contacto direto do mesmo com os acervos das instituições museológicas. Este processo é facilitado pelos guias, vulgos textos que acompanham as exposições, acompanhado pelos guias propriamente ditos (pessoas formadas para esse efeito) ou complementado pelos catálogos (onde consta informação mais detalhada sobre a exposição).

1.1.3. Funções dos museus e organização interna

Os museus possuem funções específicas que os distinguem das restantes instituições culturais. As suas funções primárias inserem-se na incorporação, conservação e exposição dos objetos que possuem, numa primeira fase. As funções das instituições museológicas, numa vertente mais geral e organizada, correspondem à incorporação (embora muitas vezes também a procura dos objetos a incorporar), ao estudo e investigação, inventário e documentação, conservação, segurança, interpretação, exposição e a educação, sendo esta última o principal enfoque deste trabalho. As funções constam do artigo 7, presente na lei nº47/2004 de 19 de agosto¹⁸, referente à aprovação da Lei Quadro dos Museus Portugueses, que identifica 7 funções dos museus.

Como referido anteriormente, os museus são considerados instituições abertas ao público sem quaisquer fins lucrativos que concedem os seus serviços à sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de ambas as partes. Através das suas funções, os museus apresentam os testemunhos materiais dos nossos antepassados, ou seja, as memórias do passado relacionadas com os seres humanos constituem um elo essencial da articulação do presente com o passado. Só compreendendo o presente, através do passado, se pode equacionar coerentemente o futuro.

Segundo o artigo 8 da Lei Quadro dos Museus Portugueses, a função do estudo e investigação envolve o fundamento de “(...) *acções desenvolvidas no âmbito das restantes funções do museu, designadamente para estabelecer a política de incorporações, identificar e caracterizar os bens culturais incorporados ou*

¹⁸ Artigo 7 da Lei nº47/2004 de 19 de agosto, (2004). *Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses*. Diário Da República, nº195. I Série – A. P. 5380

incorporáveis e para fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação.” ¹⁹

É possível constatar que todas estas funções estão interligadas e cada uma delas possui um papel específico na organização interna de um museu. O seu produto final, ou seja, a exposição do acervo (face visível do conjunto), transporta para a sociedade o papel dessas funções. Acresce que a função dos museus em investigar e estudar está também relacionada com a cooperação com o ensino. Quer isto dizer que os museus facultam, sempre que possível, cursos ligados às áreas da museologia, conservação, restauro de bens culturais, entre outras associadas à sua vocação.²⁰ A realidade, no entanto, diz-nos que um ínfimo número de museus tem as capacidades necessárias para realizar este tipo de atividades. A generalidade dos museus não possui recursos suficientes para o fazer. Os museus, ao não terem a capacidade interna e externa para a realização de ações deste género, limitam-se, maioritariamente, a desenvolver ações correlacionadas com a animação cultural.

A possibilidade da criação de uma parceria entre museus e instituições de ensino deve enquadrar-se nos objetivos das escolas. Ainda que estes objetivos não contemplem formação ministrada pelos museus, a sua disponibilização tenderá a aperfeiçoar o conhecimento desse público específico em relação às capacidades e possibilidades dos acervos museológicos.

A incorporação, uma das funções primárias dos museus, consiste na inclusão formal das aquisições nos seus acervos, quase sempre por doações, pois muito raramente existem verbas alocadas para esse fim. O artigo 12 da lei nº47/2004 de 19 de agosto sumariza esta função, indicando que os museus devem:

“(…) formular e aprovar, ou propor para aprovação da entidade de que dependa, uma política de incorporações, definida de acordo com a sua vocação e consubstanciada num programa de actuação que permita imprimir coerência e dar continuidade ao enriquecimento do respectivo acervo de bens culturais.” P. 5380 ²¹

Em qualquer museu, ocorre a necessidade e a importância de documentar e inventariar os acervos que chegam a estas instituições. Embora nem sempre se verifique de imediato, a identificação de certos objetos é fundamental que reúna todos os elementos possíveis para uma futura identificação. Essa é uma responsabilidade dos

¹⁹ Artigo 8 da mesma Lei nº47/2004 de 19 de agosto, (2004).

²⁰ Artigo 11, ibidem,

²¹ Artigo 12, idem

profissionais especializados nesta área. O inventário dos objetos incorporados desempenha, assim, um papel crucial, na medida em que só a partir do momento em que o objeto está identificado e estudado é que se adquire conhecimento sobre o mesmo.

O inventário museológico consiste numa ferramenta de gestão e uma fonte de conhecimento, que permitem, uma visão global e incorporada relativamente aos objetos que vão ser expostos. Desta maneira, o inventário das coleções dos museus é considerado como uma das funções mais complexas de uma instituição cultural. Tendo em conta o artigo 16 da lei nº47/2004 de 19 de agosto, designa-se o inventário museológico com base em dois aspetos: o primeiro ponto refere-o como “(...) *a relação dos bens culturais que constituem o acervo próprio de cada museu, independentemente da modalidade de incorporação*”²²; ²³ o segundo ponto complementa o primeiro, na medida em que refere que o mesmo deve dispor de uma identificação e de uma individualização exaustivas de cada bem cultural, incluindo a respetiva documentação, com base nas normas técnicas que se adequem à natureza e características do museu.

Por sua vez, estes procedimentos tornam-se a fonte de informação para serem aplicadas nas mais variadas áreas: curadoria, pesquisas científicas, ações de cariz educativo e cultural, inúmeras e variadas publicações, entre outras. Segundo o artigo 25, a documentação assevera que o “(...) *inventário museológico deve ser complementado por registos subsequentes que possibilitem aprofundar e disponibilizar informação sobre os bens culturais, bem como acompanhar e historiar o respectivo processamento e a actividade do museu.*”²⁴

Assim sendo, e em complementaridade com a função do inventário, a documentação museológica é vista como um sistema de informação, tendo em si a capacidade de transformar as coleções dos museus em fontes de informação.

A função da conservação consiste no conjunto de medidas de carácter operacional que visam preservar os acervos inseridos nas estruturas museológicas. Por outras palavras, a conservação engloba uma série de intervenções técnicas e científicas, as quais podem ser periódicas ou permanentes. Em primeira instância, as intervenções servem para conservar os acervos que precisem de resoluções imediatas para a sua preservação. Neste sentido, é imprescindível que se verifique a vulnerabilidade dos objetos das coleções dos museus, inclusivamente, com o propósito de identificar agentes

²² Artigo 13, idem. Modalidades de incorporação em museus: Compra; Doação; Legado; Herança; Recolha; Achado; Transferência; Permuta; Afetação permanente; Preferência; Doação em pagamento.

²³ Artigo 16, idem.

²⁴ Artigo 25, idem.

que possam ser nocivos para a saúde pública. Os museus devem conservar plenamente todos os bens culturais incorporados nas suas coleções, certificando-se de que todas as condições sejam adequadas no momento da incorporação, reserva e exposição. A promoção de medidas preventivas, por ação dos museus, assegura a conservação dos bens culturais inseridos nestas instituições.²⁵

A conservação, tanto nos museus como em outros estabelecimentos com esta função específica, é uma prática comum nestas instituições, no qual envolve a execução de normas essenciais para que este processo decorra eficazmente. Os bens culturais integrados nos museus seguem uma série de normas e procedimentos, ou seja, métodos relativos à conservação preventiva, concebidos por cada instituição museológica. As normas e procedimentos em questão “(...) *definem os princípios e as prioridades da conservação preventiva e da avaliação de riscos, bem como estabelecem os respectivos procedimentos, de acordo com normas técnicas emanadas pelo Instituto Português de Museus e pelo Instituto Português de Conservação e Restauro.*”²⁶

A função de segurança nos museus é estipulada por um conjunto de medidas com o propósito de proteger tanto o património cultural salvaguardado nestas instituições, como o público visitante. O artigo 32 da lei nº47/2004 de 19 de agosto indica condições essenciais para assegurar a segurança nos museus. Os museus devem ter as condições de segurança que são imprescindíveis para garantir a proteção e integridade dos bens culturais incorporados nas suas coleções. Além da certificação da segurança dos seus acervos, os museus adotam também medidas que visam a segurança dos visitantes, precavendo danos, acidentais ou intencionais, nas suas coleções.²⁷ Desta forma, é de salientar que os museus salvaguardam conforme os seus acervos, o público visitante e o pessoal que trabalha nos seus edifícios.

Numa vertente mais concreta, as condições de segurança física imediata, em ambos os planos, dizem respeito aos meios mecânicos, físicos e eletrónicos. Os meios em causa conferem a proteção física, a deteção, o alarme, a vigilância e a prevenção nos museus, implementados através de um plano de segurança presente em cada uma das instituições museológicas²⁸, tal como é nas instituições públicas.

²⁵ Artigo 27, idem.

²⁶ Artigo 28, idem.

²⁷ Artigo 32, idem.

²⁸ Artigo 32, idem

1.1.4. A exposição

A exposição de um acervo é a quase função final de um museu. A sua importância revela-se idealmente quando, ao ser visitado, se tem a perfeita noção e compreensão do que se está a ver. A função da interpretação nos museus trabalha nesse sentido, para que tenhamos um melhor entendimento dos objetos expostos. Interpretar consiste, pois, em descobrir um sentido e significado para algo. Como tal, os museus procuram constantemente transmitir os melhores conhecimentos sobre os bens culturais expostos, dando-lhes enquadramento informativo, histórico e cultural, tal como os apresentando com uma determinada encenação, que os valorize ²⁹.

A exposição dos bens culturais dos museus não constitui um processo simplista e imutável, pois que cada museu tem de procurar e encontrar formas dinâmicas de se apresentar e chamar novos públicos. De acordo com o seu respetivo acervo, o museu deve ter, para além da sua exposição permanente, exposições itinerantes, que prolonguem o museu para além do seu espaço físico. Deverá ter também exposições temporárias, que aí apresentem núcleos de reserva e que chamem ao museu outras coleções, adequadas às suas características e aos programas de investigação aos quais se ligue ³⁰.

Os museus, dentro das suas possibilidades, devem recorrer sempre à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, incluindo as redes sociais. Deste modo, os museus têm à sua disposição diferentes formas de divulgar, tanto os bens culturais integrados nos seus acervos, como iniciativas já realizadas e as que ainda estão para acontecer, através de plataformas online ou aplicações, que permitem um contacto mais directo e imediato com o público.

A divulgação dos acervos museológicos assume uma importância cada vez maior na sociedade actual. Esta importância decorre da presença e da evolução das tecnologias no quotidiano de pessoas e instituições. Nestas incluem-se, naturalmente, os museus, de acordo com os recursos disponíveis. A presença de tecnologias mais avançadas nas instituições museológicas e o seu uso constante não substitui a função da exposição, mas deverá antes funcionar como complemento da mesma.

Cada museu deve delinear e executar um plano de edições, próprio ou em parceria, definido, inclusivamente, em diferentes suportes, dos quais devem estar

²⁹ Artigo 39, idem,

³⁰ Artigo 40, idem.

moldados de acordo a sua vocação e tipologia, implementando e incrementando diversos programas culturais³¹. Todos os museus são dotados hoje de uma receção, que deve cumprir também a função de posto de venda, que não só dos bilhetes de entrada e das suas publicações, mas de outros objetos, por exemplo, que prolonguem a sua exposição permanente.

A última função inerente dos museus refere-se ao papel educativo destas instituições. Entende-se hoje que o conceito de educação é vasto e que a sua definição é um processo complexo e exaustivo. Neste momento de novos conceitos de educação, acrescem-lhes ainda diretivas internacionais.

José Amado Mendes (2013, p.167) destaca a importância atribuída atualmente à educação, superando a simples ideia da escola e da idade estarem tradicionalmente ligados à sua frequência. Este autor complementa que em inícios dos anos setenta (século XX), o conceito de “educação” era confundido com a escolarização. A educação estava apenas associada à faixa etária dos indivíduos, e sendo um sistema educativo formal, contemplava o primeiro ano até ao último ano do curso universitário. Com base nesta ideia, o grau da educação estava restritamente dependente dos títulos que eram obtidos em instituições de ensino. Por um lado, a mentalidade de que apenas as escolas ou outras instituições de ensino tinham a credibilidade de educar e assim, satisfaziam as necessidades básicas de aprendizagem das pessoas. Por outro lado, os indivíduos que não tivessem possibilidade de frequentar as escolas e ter uma educação básica ideal nestas instituições, eram denominados de “não educados” e “ignorantes”.³²

Atualmente, essa realidade mudou drasticamente, pelo que se entende educação como uma ação que se desenvolve durante toda a vida. Desta forma, o conceito de “educação” abrange mais do que simplesmente frequentar um estabelecimento de ensino, e neste sentido, é necessário que sejam criadas as condições essenciais para que as pessoas continuem a sua educação, independentemente da sua faixa etária. É então fundamental que todas as pessoas tenham direito à educação, sem que haja impedimentos ou restrições a nível da idade, ao facto de terem ou não frequentado um estabelecimento de ensino, entre outros fatores. Os museus providenciam auxílio nesta vertente, através da educação não-formal, sendo uma de várias alternativas à disposição da sociedade para prosseguir a sua educação.

³¹ Ibidem.

³² Mendes, J. A. (2013). *Estudos do património: museus e educação*, 2ª edição. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press. P. 167.

No contexto pedagógico, os museus desenvolvem, ou devem desenvolver programas de mediação cultural e atividades de cariz educativo, dando o seu contributo ao público visitante através do acesso ao património cultural e às manifestações culturais presentes na organização expositiva. Estas instituições valorizam a função educativa recorrendo à promoção da diversidade cultural por meio da educação permanente, da participação da comunidade e do incremento e da variedade dos públicos que visitam os museus.

Os programas de mediação e atividades de cariz educativo estão conectados com as políticas públicas sectoriais que dizem respeito às famílias, à juventude, ao apoio a pessoas com necessidades especiais, turismo e combate da exclusão social.³³ De certa forma, o contexto educativo formal ou não formal deve seguir uma orientação que maximize a aprendizagem dos indivíduos, o que por sua vez, promove a autoformação e flexibilidade, fatores normalmente presentes na evolução da sociedade. Os museus, com base nestes fatores, têm de corresponder incansavelmente às necessidades do público visitante através das inovações que ocorrem periodicamente. Deste modo, as instituições museológicas precisam de potenciar as capacidades inerentes aos vários grupos de visitantes e, conseqüentemente, fomentar aprendizagens duradouras aos mesmos.

Os museus, face à sua função educativa, devem, por todos os meios ao seu alcance, procurar desenvolver colaborações com os sistemas de ensino. As instituições em causa devem criar formas regularizadas de cooperação e de articulação institucional com os sistemas de ensino inseridos nos quadros de ações de colaboração geral fundadas pelos Ministérios da Educação, da Ciência, do Ensino Superior e da Cultura.³⁴

Desta maneira, as parcerias formadas entre as instituições de ensino e os Ministérios servem como um apelo para o público escolar, o que faz com que os jovens frequentem com mais regularidade as atividades desenvolvidas pelos museus. Na mesma ótica, o público escolar é o fator de colaboração das instituições de ensino com outras entidades. Neste sentido, ocorre a elaboração de atividades educativas específicas, adequadas à avaliação da receptividade dos alunos e vocação de cada museu.³⁵ Assim sendo, podemos evidenciar o papel dos museus na promoção de atividades que fomentam a transmissão de saberes socioculturais, demonstrando o cumprimento da sua função educativa.

³³ Artigo 42 da Lei já citada.

³⁴ Artigo 43, *idem*.

³⁵ *Ibidem*.

Sandra Barbosa (2006, pág. 35) destaca a relevância do contributo de Piaget no campo da educação dos museus, em que “(...) *as instituições museológicas têm a necessidade de se orientarem por uma teoria da educação, através da qual o museu concebe o conhecimento.*”³⁶ Assim sendo, as instituições museológicas desempenham o papel de transmissores de informação e de conhecimento. Cada indivíduo tem a sua forma específica de aprender e os museus devem estar preparados, dentro das suas possibilidades, para todo o tipo de pessoas que os visitam. Como tal, estas instituições dão origem a diversas formas de expor as suas obras, sendo que os indivíduos que as visitam aprendem consoante a forma como são elaboradas e expostas as coleções. Na mesma perspetiva, os museus organizam os seus programas educativos com o objetivo de corresponder às necessidades do público visitante, mas com a preocupação de inovar constantemente.

1.1.5. Conceito de “Serviço Educativo”

A educação nos museus é crucial para o desenvolvimento social dos visitantes que os visitam. Neste contexto, os museus incorporaram nos seus estabelecimentos o serviço educativo. O artigo 1 da Lei nº46/1986 de 14 de outubro, referente à Lei de Bases do Sistema Educativo, define o serviço educativo como (...)“*o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.*” Deste modo, o serviço educativo, sempre que possua os meios para esse efeito, deve promover, junto dos indivíduos, o direito à educação através da organização de ações formativas que fomentem o desenvolvimento social, servindo como plataforma de lançamento na formação da identidade do indivíduo.

O artigo em questão menciona, em outro ponto, o facto de o serviço educativo ser designado como um “(...) *conjunto organizado de estruturas e de acções diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições e entidades públicas, particulares e cooperativas.*” Desta forma, é possível constatar que a educação não é facultada exclusivamente pelas escolas, mas também é proporcionada por um conjunto diversificado de instituições, nas quais se pode e deve incluir os museus.

³⁶ Barbosa, S. D. F. (2006). *Serviços educativos online nos museus: análise das actividades*, (Dissertação de Mestrado). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. P. 35

Segundo Sara Barriga e Susana Gomes da Silva (2007, p. 28), o serviço educativo (...) “*corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos.*”³⁷. comprovando o facto de os museus estarem dependentes de recursos específicos mínimos. Assim sendo, a inexistência destes recursos impossibilita os museus de estarem dotados de um serviço nesta área e, conseqüentemente, de desenvolverem atividades de cariz educativo. Com efeito, os museus que possuem os recursos específicos necessários para implementar atividades educativas têm uma capacidade superior de estimular o desenvolvimento educativo e cultural dos indivíduos. Desta maneira, os museus que possuem os recursos específicos necessários para implementar atividades educativas, têm uma maior capacidade de estimular o desenvolvimento educativo e cultural dos indivíduos.

O papel desempenhado pelos serviços educativos das instituições museológicas prende-se com a fulcral necessidade de desenvolver programas e atividades nesse âmbito. Assim, os museus têm uma quase obrigação de facultarem o auxílio e complemento na educação dos indivíduos com base nos objetivos determinados pelas parcerias criadas com as instituições de ensino. No âmbito da educação, estes serviços implementam medidas de modernização e, no mesmo sentido, diversificam a oferta cultural e pedagógica da instituição. Nesta perspetiva, a promoção de um diversificado conjunto de eventos e iniciativas nos museus tem como finalidade a participação dos indivíduos nestas atividades, o que, por sua vez, pode resultar na satisfação da comunidade educativa e da sociedade em geral.

Apesar de os serviços educativos dos museus terem um impacto preponderante na educação dos indivíduos, fruto das atividades elaboradas com esse objetivo, são poucos os estudos que fazem uma abordagem mais detalhada destas áreas adjacentes às instituições museológicas. Cátia Ezequiel (2015, p.61)³⁸ salienta o facto de haver poucos estudos sobre os serviços educativos dos museus, sobre a sua importância na mediação entre os públicos e o conteúdo exposto por estas instituições.

Como tal, tanto o público visitante, a história e o impacto dos serviços educativos, como o envolvimento de ações criadas por esses serviços, são fundamentais

³⁷ Barriga, S., & Silva, S. G. D. (2007). *Ob. cit.* P. 28.

³⁸ Ezequiel, C. S. M. (2015). *O serviço Educativo como mediador entre a Coleção António Cachola e os públicos-Programa, "Uma obra para todos"*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Artes e Design. Instituto Politécnico de Leiria. P. 61

para averiguar o cumprimento das questões que envolvem a execução eficiente dos objetivos estipulados por cada museu. Esta autora salienta ainda que o registo de mudanças de atitudes pela direção dos museus e a redução das visitas com o passar do tempo foram os fatores que limitaram a realidade de que apenas as elites tinham acesso às instituições museológicas.³⁹ Atualmente, o acesso aos museus não se restringe apenas às elites. Os museus transformaram-se em instituições mais abertas à inclusão social.

As novas formas de comunicação com o público, visíveis na montagem das obras que são expostas nos museus, refletem a evolução museológica ao longo dos tempos. Segundo Ezequiel (2015, p.62) as mudanças realizadas não só na exposição dos acervos, como no museu em toda a sua articulação, têm como finalidade facultar uma melhor compreensão do conteúdo cultural que é exposto, o que por sua vez provoca o aumento e posterior valorização da receção de visitas escolares nestes estabelecimentos.⁴⁰ Assim, a inovação nas instituições museológicas serve como pretexto para corresponder às necessidades do público visitante. Neste sentido, além de ser uma das razões que provoca um aumento relativamente ao número de visitantes, os museus suscitam no público visitante a sensação de integração nas suas exposições. Este processo é supervisionado pelos guias dos museus. Através das suas competências inerentes, os guias devem esclarecer os conteúdos dos acervos aos visitantes de forma concisa.

O serviço educativo dos museus, ao ser perspetivado como um agente ativo na educação permanente e plural da comunidade, contribui, em grande escala, para a construção do futuro das pessoas, funcionando como ponto de ligação entre as instituições museológicas e o público visitante. Visto que os museus são encarados como um centro de aprendizagem informal e de educação permanente, os programas dos seus serviços educativos elaboram diversas atividades de animação cultural e pedagógicas, direcionadas tanto à comunidade escolar, independentemente dos níveis de ensino, como para o público em geral.

Elisabete Anastácio (2009, p. 10) refere que os projetos dos serviços educativos dos museus têm como principal objetivo a transmissão de informação sobre o museu e os seus acervos. Além deste aspeto, os projetos em questão aludem ao desenvolvimento social, cultural e cognitivo do público visitante, fomentando a

³⁹ Ibidem, P. 62

⁴⁰ Ibidem.

alacridade e a compreensão dos objetos expostos.⁴¹ O estímulo à descoberta e o apelo à criatividade e imaginação dos visitantes permite a partilha de saberes e formação de um sentido crítico, sendo um dos papéis assumidos pelos serviços educativos dos museus.

A mesma autora ainda acrescenta que o serviço educativo dos museus impulsionou a comunicação entre as instituições museológicas e as do ensino, ampliando os respectivos recursos educativos. A implementação de equipamentos multimédia criou formas inovadoras de interação do público com os conteúdos presentes nos museus. Desta forma, os serviços educativos dos museus incorporam novas tecnologias consoante os objetivos estipulados pela direção dos mesmos.

A integração de novas tecnologias nos serviços educativos das instituições museológicas implica a existência de recursos adequados para a instalação de equipamentos modernos e inovadores. Para este efeito, os museus necessitam de introduzir conteúdos multimédia, recorrendo a uma equipa especializada, de modo a tornar possível a aplicação pedagógica desejada por estas instituições. A mesma autora complementa que os museus devem “(...) proporcionar aos seus visitantes experiências de aprendizagem eficazes, combatendo as dificuldades mais comuns e actualizando, tanto quanto possível, os instrumentos pedagógicos que utilizam de acordo com as exigências sociais.”⁴² Assim sendo, é evidente a necessidade constante dos museus em corresponder às premências da sociedade. Com base na inovação e implementação de novas tecnologias nos seus acervos, os museus promovem a valorização das suas aptidões como instituição de índole pedagógica.

A missão educativa dos museus é bastante inclusiva no sentido em que abrange todos os tipos de público, independentemente da sua faixa etária. Além das atividades direcionadas ao público infantojuvenil, as instituições museológicas, muitas vezes com o recurso a outras entidades, como os “grupos de amigos dos museus”, alargam as suas atividades educativas a todos os tipos de público incluindo as famílias, os idosos e grupos minoritários, como pessoas com incapacidades físicas e mentais e os imigrantes.

O potencial intrínseco dos museus está fortemente interligado com o aumento da diversidade das suas ações educativas, sempre que haja disponibilidade de recursos. João Pedro Fróis (2008, p.71) refere que “(...) o “potencial educativo” dos museus aumenta quando se apresentam aos alunos oportunidades para estabelecerem um

⁴¹ Anastácio, E. M. R. P. (2009). *O multimédia na educação museológica: uma experiência interactiva para o Museu Romântico* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. P. 10

⁴² Ibidem. P. 21

encadeamento entre a experiência no museu com a experiência na sala de aula.”⁴³

Desta maneira, a relação entre museu e escola beneficia a formação autónoma dos alunos, devendo as instituições museológicas providenciar uma tão elevada quanto possível qualidade de aprendizagem, complementando com a experiência facultada pelas instituições de ensino. Assim, o museu não só contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos e do público visitante em geral, como também favorece o progresso da sociedade, pois em ambos os casos todos adquirem conhecimento útil para a vida.

1.1.6. Os Serviços Educativos nos Museus em Portugal

A inauguração de museus mais inovadores permitiu a acessibilidade de um público mais abrangente a este tipo de instituições. A transmissão de conhecimentos está hoje presente em grande parte dos museus, o que, por sua vez, contribui para a formação dos visitantes, principalmente na vertente artística e cultural.

Sara Barriga e Susana Gomes da Silva (2007, p.29) mencionam o facto de que Portugal, tendo em conta os dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2002, dos 591 museus inquiridos, 48% das instituições museológicas afirmam possuir um serviço educativo, dando ênfase à diferença de 4% relativamente a 2000, ano em que se verificou 44%.⁴⁴ Partindo destes factos, é possível notar que, neste período, 52% dos museus declararam não ter um serviço educativo implementado. Embora se verifique uma tendência crescente na existência de serviços educativos nas instituições museológicas portuguesas, estes dados demonstravam a necessidade urgente de implementar atividades pedagógicas nos museus.

O gráfico 1 demonstra a perceptível evolução relativamente ao número de museus que têm um serviço educativo implementado nas suas instalações entre 2000 e 2009. O estudo realizado por José Neves e outros (2013), *O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na primeira década do Século XXI*, destaca que em 2009, a percentagem de museus que afirmaram ter este serviço nos seus estabelecimentos foi de 62%. Em comparação a 2000, a discrepância é evidente,

⁴³ Fróis, J. P. (2008). *Os Museus de Arte e a Educação: discursos e práticas contemporâneas*. Museologia. Pt, N°2. P. 71.

⁴⁴ Barriga, S., & Silva, S. G. D. (2007). *Ob. cit.*. P.29

dado que representa uma diferença de 18% relativamente a 2009.⁴⁵ Assim sendo, podemos notar a evolução positiva durante este período, sem discriminar o facto de 40% das instituições museológicas em Portugal ter declarado não ter um serviço educativo integrado nas suas corporações.

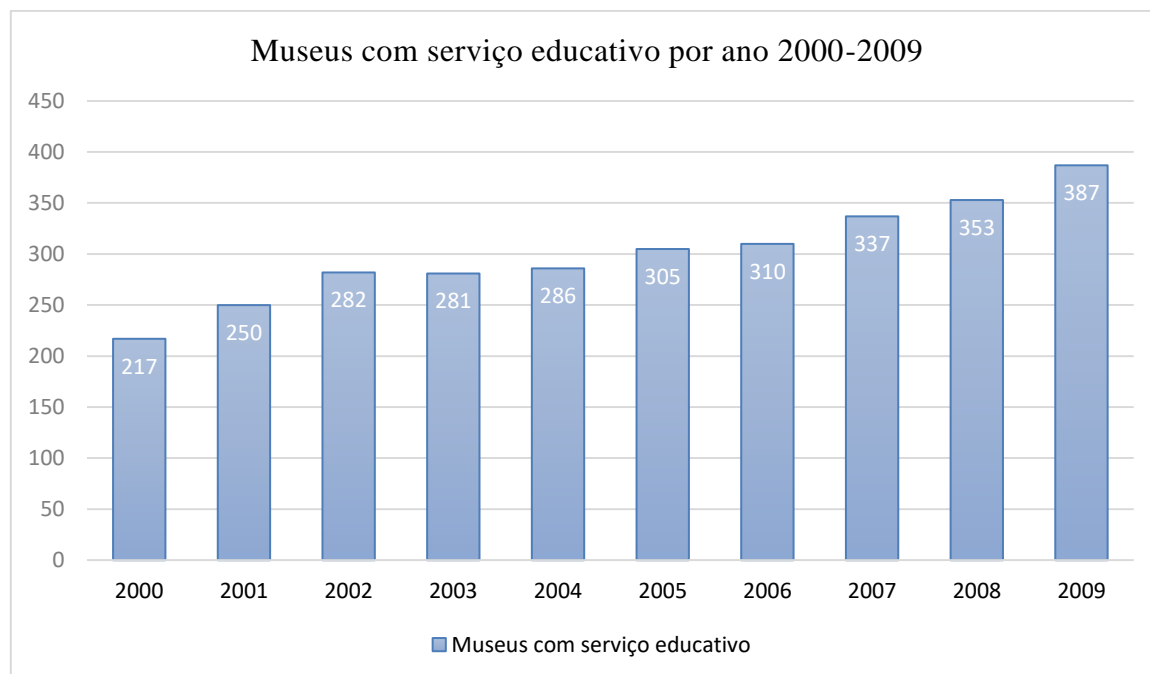


Gráfico 1 - Museus com Serviço educativo por ano 2000-2009 (Fonte: Neves, 2013)

Com base nestes dados, pôde-se verificar que a criação de serviços educativos nos museus e a sua evolução foram motores do desenvolvimento gradual e da mudança de paradigmas das instituições museológicas nos últimos anos. A inexistência de atividades de âmbito educativo provocava debilidades em outras áreas inerentes aos museus, realidade que hoje não se constata, já que cada vez mais há instituições museológicas com um serviço educativo integrado.

De certa forma, pode-se dizer que Portugal foi um dos países pioneiros a introduzirem atividades educativas nos museus. Na década de cinquenta, decorreram as primeiras experiências educativas no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, por intermédio de João Couto e Madalena Cabral. O primeiro foi diretor do museu entre

⁴⁵ Neves, J. S., Santos, J. A., & Lima, M. J. (2013). *O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI*. Direção-Geral do Património Cultural. P.81 a 82.

1938 a 1964 sendo, posteriormente, directora a pintora Madalena Cabral.⁴⁶ Ambos são considerados os pioneiros no que concerne à integração de atividades educativas nesta instituição cultural. Embora o primeiro serviço educativo no Museu Nacional de Arte Antiga tenha surgido em meados da década de cinquenta, a sua oficialização apenas decorreu em 1982.

A inovação do Museu Nacional de Arte Antiga consistiu assim em introduzir e executar atividades de índole educativa desde a década de cinquenta. Na década de setenta, o serviço educativo do Museu Nacional de Arte Antiga tinha como enfoque três tipos de atividades: a colaboração com as escolas; a colaboração com os professores; a formação de monitores. Esta medida emergente, pioneira em Portugal, teve repercussões em diversos museus portugueses e foi referência para a implementação de atividades educativas em outras instituições museológicas do país, fomentando a promoção da colaboração dos museus portugueses com as escolas.⁴⁷

Na sequência do Museu Nacional de Arte Antiga, outro museu seguiu os passos desta instituição relativamente à inserção de atividades educativas na sua estrutura. O Museu Nacional do Traje introduz um serviço educativo no seu Sector de Extensão Cultural através da medida correspondente ao Decreto Lei nº 863/76 de 23 de dezembro⁴⁸, sendo a primeira medida legislativa em Portugal referente aos Serviços de Educação. Este decreto oficializou, assim, o funcionamento deste serviço no Museu Nacional do Traje conforme consta no seu artigo 2⁴⁹.

Esta legislação assenta as funções cruciais a serem desenvolvidas no Museu Nacional do Traje, nomeadamente, a organização de visitas e exposições, a divulgação das coleções com recurso a meios audiovisuais e a realização de cursos, colóquios, seminários e conferências sobre a temática envolvente desta instituição museológica.⁵⁰

Apesar de os serviços educativos e as atividades de âmbito pedagógico já serem uma prática comum a nível nacional nas instituições museológicas, esta realidade ainda não se verificava na ilha da Madeira entre as décadas de cinquenta e oitenta.

⁴⁶ Leal, V. O. (2007). *As artes plásticas como actividade lúdica no espaço museal: estudo de caso "Manhãs no museu", realizadas no Museu de Arte Sacra, do Funchal* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Artes, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. P. 34

⁴⁷ Mendes, J. A. (1999). *O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências actuais*. P. 684.

⁴⁸ Decreto Lei nº 863/76 de 23 de dezembro (1976). *Cria o Museu do Trajo e o Parque Botânico de Monteiro-Mor*. Diário da República, 1ª série, Nº 298. P. 2821 a 2822.

⁴⁹ *Ibidem*, Artigo 2: "O Museu compreende os seguintes sectores: a) sector técnico; b) sector de extensão cultural; c) sector do apoio geral."

⁵⁰ *Idem*, Artigo 5.

O ano de 1994 marcou o início dos serviços educativos na RAM, com a sua introdução no Museu de Arte Sacra do Funchal. As atividades educativas organizadas por este museu foram coordenadas, neste período, pela diretora Luiza Clode, com a colaboração de Ana Duarte e Fernando António Baptista Pereira.⁵¹ A constituição de uma equipa de serviços educativos no Museu de Arte Sacra do Funchal foi o modelo de referência para outros museus da cidade do Funchal e que se estendeu depois a outras instituições museológicas situadas em outros concelhos da ilha da Madeira.

A inovação da estratégica museológica iniciada em Portugal em meados da década de cinquenta do século XX, adquiriu proporções significativas com o passar do tempo. Foi um dos fatores que instigaram a preocupação dos museus com questões de cidadania ativa e inclusiva do público visitante, agregando a necessidade de uma educação para a cultura. Neste sentido, os profissionais dos museus dão uma relevância constante à função educativa das suas estruturas. Maria do Rosário Amador (2011, p.11) realça que apesar de os museus portugueses terem tido uma fraca adesão no passado relativamente ao número de visitas, esta tendência tem sido ligeiramente contrariada ao longo do tempo. A mudança de mentalidade nos museus teve como fundamento as preocupações pedagógicas e lúdicas presentes nestas instituições. Nesta perspetiva, ocorreu a cativação e formação estável do público visitante e preparação dos monitores e educadores através dos cursos de formação facultados pelos museus. Assim sendo, a tendência é apontada como forma de resposta às formalidades do sistema educativo, tendo como critério as novas perspetivas que visam a intervenção do público visitante perante o conteúdo exposto pelos museus.⁵²

1.2 . Objetivos e Hipóteses de Trabalho

As instituições museológicas apresentam - ou devem apresentar - um diversificado leque de atividades direcionado ao público visitante, tendo como propósito promover a sua participação. No entanto, além das atividades desenvolvidas pelos museus dirigidas ao público, é de salientar uma série de questões importantes que motivaram o desenvolvimento deste trabalho. O que são os serviços educativos das instituições museológicas? Como é que estes serviços estão estruturados em cada museu? Quem é responsável pelos serviços educativos nestes museus? Quais os princípios educacionais defendidos?

⁵¹ Leal, V. O. (2007) *Ob. cit.* P. 51

⁵² Amador, M. D. R. H. (2011). *Ob. cit.* P. 11

Partindo destas questões, vai-se procurar saber quais as atividades desenvolvidas nas instituições museológicas da ilha da Madeira. Procurar-se-á também compreender, nos museus abordados, para que públicos desenvolvem os serviços educativos as suas atividades, já que existem museus que desenvolvem atividades para um grupo específico e outros para o público em geral.

A educação ainda está presente nos museus da Madeira? Este será um dos principais focos desta dissertação, englobando o número de atividades desenvolvidas pelos museus, e o seu papel na sociedade madeirense. Assim, será feita uma comparação entre os museus abordados, de acordo com as atividades que cada um desenvolve.

A educação em geral facultada pelas instituições de ensino é, ou deve ser, complementada pela oferta cultural e pedagógica dos museus. Neste sentido, o conjunto de iniciativas e eventos das instituições museológicas deve incentivar a participação do público visitante nessas atividades, como complemento para a educação dos indivíduos. Este é o papel dos serviços educativos dos museus, sendo objecto de estudo neste trabalho.

Importa também perceber o papel que desempenham as tutelas dos vários museus estudados. Impõe-se questionar se a tutela dos museus tem influência nas atividades por estes desenvolvidas. Se sim, até que ponto? Durante o trabalho será dado ênfase a estas questões de forma a identificar a ligação entre a tutela e os serviços educativos dos museus.

1.3. Metodologia

Os instrumentos de recolha de dados utilizados para desenvolver este trabalho consistiram na pesquisa bibliográfica, quer em formato digital, quer em formato impresso, sobre alguns museus da Região Autónoma da Madeira. O estudo de diversas fontes bibliográficas e documentais serviu para reunir indicadores de referência nesta temática.

Por outro lado, desenvolveu-se um questionário direccionado aos diretores das instituições museológicas da ilha da Madeira. O questionário teve como propósito a obtenção de informação fulcral sobre os museus, especialmente sobre os seus serviços educativos.

O passo seguinte consistiu em efetuar uma pesquisa alargada relativamente à origem dos serviços educativos nas instituições museológicas a nível regional, nacional

e internacional. Neste trabalho incidiu-se sobre os primórdios dos serviços educativos em alguns museus da ilha da Madeira, bem como a importância destes serviços na sociedade madeirense. No mesmo sentido também foi feita a recolha de informação sobre as atividades educativas realizadas em cada uma das instituições museológicas.

Capítulo II

2. Registo Histórico das Unidades Museológicas da Madeira

Os museus são instituições permanentes abertas ao público, sem fins lucrativos e devem, por princípio, facultar serviços à sociedade de forma a contribuir para o seu desenvolvimento. As instituições museológicas, ao receberem ou adquirirem determinadas peças, investigam-nas, conservam-nas e divulgam esses testemunhos materiais dos seres humanos com o intuito de os salvaguardar e, posteriormente, servirem de base de apoio à educação e usufruto geral da sociedade.

A coleção de peças e a sua conservação para o futuro foram fatores determinantes para o surgimento de instituições museológicas. Luis Alonso Fernandez (1993), citado por José Amado Mendes (1999, p.670), refere que:

*“A história e a evolução do museu estão intimamente ligadas à própria história humana. Especialmente a necessidade que o homem de todos os tempos, culturas e lugares tem sentido de coleccionar os mais diversos objectos e de os preservar para o futuro. Esta constante produziu, após mil anos de gestação, o nascimento do museu, que explica sectores importantes dessa evolução humana em múltiplas facetas do seu desenvolvimento cultural, técnico e científico.”*⁵³

Constata-se, assim, que os museus surgiram da necessidade dos seres humanos em preservar uma diversidade de obras artísticas. A sua divulgação materializou-se, depois, na criação das instituições museológicas. Os museus têm tido um desenvolvimento excepcional ao longo dos tempos. É neste sentido que o próximo capítulo se irá focar, ou seja, na história de oito museus situados na ilha da Madeira.

2.1. Museu de História Natural do Funchal

O Museu de História Natural do Funchal pertence ao Departamento de Ciência e de Recursos Naturais (DCRN) e, segundo o Decreto-Lei de 10 de fevereiro de 2015⁵⁴, tem como responsabilidade administrar e divulgar esta instituição e a Estação de Biologia Marinha do Funchal. O Decreto-Lei de 11 de fevereiro de 2015⁵⁵ abrange mais alguns detalhes relativamente à administração do Departamento de Ciência e de Recursos Naturais (DCRN), e do Museu de História Natural do Funchal. Este departamento gere os agendamentos de grupos que visitem o Museu de História Natural

⁵³ Mendes, J. A. (1999). *Ob. cit.* P. 670

⁵⁴ Decreto-lei nº 28/2015 (2015). Diário da República. Série II, P. 3972 – 3980.

⁵⁵ Decreto-lei nº 29/2015 (2015). Diário da República. Série II, P. 3980 – 3997.

do Funchal ou a Estação de Biologia Marinha do Funchal. Esta instituição museológica está integrada no Departamento de Ciência e Recursos Naturais da Câmara Municipal do Funchal, sendo por esta tutelada e financiada.⁵⁶

O Museu de História Natural do Funchal, ou seja, o antigo Museu Municipal do Funchal e Museu de Ciências Naturais, foi uma das instituições marcantes e pioneiras na história destas instituições na Região, tendo sido instalado a 5 de outubro de 1933. O Museu encontra-se sediado no Palácio de São Pedro, situado na Rua da Mouraria nº31, no Funchal, considerado um dos mais significativos edifícios da arquitetura civil portuguesa do séc. XVIII, o Museu de História Natural do Funchal é a instituição museológica mais antiga da Região Autónoma da Madeira, ainda em funcionamento nos dias de hoje. Para além de ser um museu, merece também especial atenção como monumento histórico edificado.



Fig.1 – Museu de História Natural do Funchal

O edifício do Museu de História Natural do Funchal, o Pálacio de São Pedro, foi a residência urbana dos Condes de Carvalhal. O atual edifício, em linhas gerais, deve ser uma reformulação da época do primeiro Conde de Carvalhal, João José Xavier do Carvalhal Esmeraldo Vasconcelos, abastado proprietário em quase todas as freguesias madeirenses. O primeiro Conde Carvalhal nasceu a 7 de março de 1778, no Funchal, filho de João Carvalhal Esmeraldo de Atouguia e Câmara e de D. Isabel Maria Sá

⁵⁶ Disponível em: <http://www.cm-funchal.pt/pt/serviços/ciência/museu-de-história-natural-do-funchal/sobre-o-museu.html>

Accioioli, sabendo-se que passou largas temporadas nas principais capitais europeias. Tendo apoiado, pessoal e economicamente a Causa Liberal, em finais de 1834, foi nomeado Governador Civil por carta régia a 13 de setembro de 1835, após receber o título nobiliárquico de Conde do Carvalho da Lombada no dia 5 do mesmo mês pela rainha D. Maria II.⁵⁷ Faleceu a 11 de novembro de 1837. Foi graças ao primeiro Conde de Carvalho que algumas espécies botânicas da Madeira foram introduzidas neste arquipélago, como o carvalho, trazidas especialmente para o parque da sua Quinta do Palheiro do Ferreiro.

A posse do Palácio de São Pedro passou para o segundo Conde de Carvalho, António Leandro da Câmara de Carvalho Esmeraldo Atouguia Sá Machado, sobrinho neto do primeiro Conde de Carvalho. Nasceu a 6 de outubro de 1831 e era filho de João Francisco da Câmara Leme de Carvalho Esmeraldo de Atouguia Bettencourt Sá Machado e de D. Maria Teresa Xavier Botelho. Herdeiro do primeiro Conde de Carvalho, o 2º Conde também era possuidor de inúmeras propriedades nas diferentes freguesias da Madeira, tendo vivido no Palácio de São Pedro. Em 1858, João Carvalho Sá Machado recebeu a visita do infante D. Luís de Portugal tanto no Palácio de São Pedro como na Quinta do Palheiro.

Uma vida luxuosa e de grande esplendor, tal como uma má administração, levaram-no à ruína. Faleceu aos 56 anos na casa da sua residência, ou seja, no Palácio de São Pedro, a 4 de fevereiro de 1888, já então parcialmente alugado para fazer face às suas despesas.⁵⁸ Em 1882, o Palácio de São Pedro, funcionou como Hotel Sheffield sob a direção de D. Carolina Sheffield e, posteriormente, tornou-se a sede do Colégio de São Jorge por intermédio da irmã Mary Jane Wilson, em 1883. Em 1897 esteve em funcionamento no mesmo local o Clube Internacional.⁵⁹

A 27 de setembro de 1921, faleceu uma das herdeiras do Palácio de São Pedro, D. Teresa da Câmara, Viscondessa do Ribeiro Real e filha do segundo Conde de Carvalho. Como a viscondessa do Ribeiro Real não tivera descendentes diretos e indexara os seus bens a várias instituições de caridade, num curto prazo de tempo, a venda do Palácio de São Pedro era praticamente inevitável. Adolfo César de Noronha (1873-1963), por intermédio da Câmara Municipal do Funchal, pediu um empréstimo de 400 contos à Caixa Geral de Depósitos com o propósito de adquirir o Palácio de São

⁵⁷ Informação facultada pelo diretor do Museu de História Natural do Funchal via correio eletrónico.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Disponível em: <http://www.cm-funchal.pt/pt/serviços/ciência/museu-de-história-natural-do-funchal/sobre-o-museu.html>

Pedro. Mais tarde, seria nesse local que iria ocorrer a incorporação do Museu Municipal do Funchal.⁶⁰

Adolfo César de Noronha, estudioso da história natural, fora nomeado, em 1914, bibliotecário da Biblioteca Municipal do Funchal. A hipótese de venda do Palácio de São Pedro despertou o seu entusiasmo, com o intuito de ali criar um Museu de História Natural. Após vários entraves, pois a viscondessa do Ribeiro Real tinha uma irmã no Continente, a condessa de Resende a Câmara Municipal do Funchal adquiriu o palácio a 19 de setembro de 1929 através de um processo de expropriação judicial. Depois de algumas obras de beneficiação, como a substituição de toda a instalação elétrica, é que foi possível dar início à implantação do Museu Regional no palácio.

Nesse mesmo ano de 1929, a vereação funchalense nomeia Adolfo César de Noronha para o cargo de diretor desta histórica instituição. A ajuda de grande valor de inúmeros colaboradores, tais como o Dr. Américo Durão, os Srs. Adão Nunes, Manuel Bianchi e Alberto de França Ferreira, foi determinante para a constituição do acervo, com a receção de vários espécimes animais que foram minuciosamente preparados pelo taxidermista da instituição, Günther Maul (1909-1997), contratado por Adolfo César de Noronha.⁶¹

A inauguração oficial do Museu Regional da Madeira aconteceu a 5 de outubro de 1933⁶². Inicialmente, o Museu Regional da Madeira abrangia áreas de estudo relacionadas com a História Natural, a Arqueologia, as Belas Artes e a Etnografia, como era usual á época. Com o passar dos anos, o Museu de História Natural do Funchal foi-se especializando cada vez mais na área da História Natural. Atualmente, é considerada a temática central da instituição. O primeiro diretor do Museu de História Natural do Funchal, Adolfo César de Noronha, dirigiu o mesmo desde 1929 até ao dia 9 de setembro de 1943 por ter alcançado o limite de idade. Num ato de homenagem, a Câmara Municipal do Funchal decidiu batizar uma das salas do museu com o seu nome e a colocar uma lápide de mármore branco, um sinal evidente de respeito e honra pelo contributo dado ao Museu de História Natural do Funchal. Mais tarde, na entrada, ainda seria colocado um busto da autoria do mestre Anjos Teixeira, pouco depois do seu falecimento, em 1963.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ Ibidem.

⁶² Anexo nº 4.

Após Adolfo César de Noronha, seguiu-se como diretor do Museu de História Natural do Funchal Günther Maul, ictiólogo e taxidermista de nacionalidade alemã, desempenhando esse cargo entre 1943 e 1981. O diretor seguinte foi o Dr. Manuel Biscoito, entre 1981 e 1994, seguindo-se o Dr. Ricardo Araújo, 1994 e 2017.⁶³ Atualmente o diretor do Museu de História Natural do Funchal é o Dr. Eng.º José Carlos Marques.



Fig.2 – Entrada do Museu de História Natural do Funchal

Passados alguns anos depois da criação do Museu de História Natural do Funchal, este foi forçado pela administração a mudar mais uma vez o seu nome. Passou a designar-se Museu Municipal do Funchal (História Natural). Mais recentemente, ainda houve a necessidade de simplificar o seu nome. A Câmara Municipal do Funchal aprovou em 2010 uma nova designação para o seu museu. Desde então é denominado como Museu de História Natural do Funchal.⁶⁴ De certa forma, desde 1929 que o museu patenteou sempre uma vertente regionalista e em algumas das suas coleções, apenas estão representadas espécies que foram capturadas exclusivamente no arquipélago madeirense.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem.

Em 1957 foi montado no rés-do-chão do edifício um conjunto de aquários de água salgada, com orientação técnica do Dr. Günther E. Maul, onde se apresentaram elementos da fauna marinha costeira da Madeira. O Museu foi desenvolvendo ao longo dos meados do século passado a apresentação de animais montados, encontrando-se hoje ao público algumas dezenas de espécies de peixes, mamíferos e répteis terrestres e marítimos, insectos e outros invertebrados, assim como uma importante coleção de rochas e minerais do arquipélago, tal como fósseis marinhos do Porto Santo, atingindo as coleções quase 30.000 exemplares.

Permanecendo praticamente intacto desde a sua inauguração, em termos de concepção museográfica, é hoje, também um importante exemplo da história da museologia portuguesa, mantendo o seu cariz oitocentista. Este museu, desde sempre desenvolveu uma vertente de investigação científica, publicando desde 1945 o *Boletim do Museu Municipal do Funchal* e ainda de forma não periódica a *Revista Bocagiana*, com a inscrição de novas espécies para a ciência dos vários arquipélagos atlânticos. A manutenção desde o nascimento do Museu de um sistema de permutas, fez constituir uma importante biblioteca especializada.

Ao longo dos tempos foi possível evidenciar um contínuo desenvolvimento do vínculo do Museu de História Natural do Funchal ao mundo científico desta área. Deste modo, esta evolução foi fruto da modernização da comunicação do museu com a sociedade onde está inserido.

2.2. Museu de Arte Sacra do Funchal

O Museu de Arte Sacra do Funchal encontra-se instalado no antigo Paço Episcopal e o seu acervo pertence à Diocese do Funchal. Desde 1933, o conservador do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa da época, o Dr. Manuel de Almeida Cayola Zagalo, no trabalho denominado “*A Pintura dos Séculos XV e XVI da Ilha da Madeira*”, incluído na comunicação que decorreu no Congresso Nacional do Turismo em 1936⁶⁵, destacara a existência de um património particularmente notável no arquipélago da Madeira.⁶⁶ Cayola Zagalo deu ênfase à existência de inúmeras obras artísticas na ilha da Madeira, salientando a especial primazia destas coleções.

⁶⁵ Zagalo, Cayola (1936), *Museu de Arte no Funchal, tese apresentada ao Iº Congresso Nacional de Turismo de 1936*, Sociedade Nacional de Tipografia. Lisboa.

⁶⁶ Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 92.

O antigo Paço Episcopal foi mandado construir em 1594 pelo sétimo Bispo da Diocese do Funchal, D. Luís Figueiredo de Lemos e levantado segundo projeto do mestre das obras reais Jerónimo Jorge, sendo uma edificação com características arquitetónicas do período maneirista. Em 1748, entretanto, este edifício sofreu danos consideráveis na sua estrutura com o terramoto ocorrido nesse mesmo ano. Dois anos depois, por ordem do Bispo D. João Nascimento foi feita a reconstrução do Paço, reaproveitando-se a loggia maneirista e a capela da anterior edificação.⁶⁷

A parte principal do novo edifício é composta por três andares e um quarto piso onde se desenvolveu uma torre Avista Navios. A torre exhibe uma parede voltada a sul e revestida por um painel de azulejos azuis e brancos, do segundo quartel do século XVIII⁶⁸. Este espaço tem uma ampla varanda com vista parcial para o anfiteatro da baía do Funchal. Em 1910 o edifício deixou de desempenhar a função de residência eclesiástica, mas nacionalizado, entre 1913 e 1942, esteve ali em funcionamento o Liceu do Funchal.⁶⁹

A partir do trabalho de investigação do Dr. Manuel de Almeida Cayola Zagalo Nesta, com a identificação do espólio de arte religiosa e de uma quantidade significativa de obras de pintura flamenga espalhadas pelas igrejas e capelas situadas na ilha, a consciência desse património criou um ambiente favorável à organização e instalação de um museu de arte sacra.

Em fevereiro de 1949, o presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, o Dr. João Figueira de Freitas, solicitou à Junta Nacional da Educação uma autorização que permitisse o deslocamento de Cayolla Zagalo à ilha da Madeira. A solicitação do convite da Junta Geral do Funchal de deslocação novamente à Madeira Cayolla Zagalo foi aceite e com o mesmo veio Fernando Mardel, responsável pela oficina de restauro do Museu Nacional de Arte Antiga na época.⁷⁰ Cayola Zagalo e Fernando Mardel deslocaram-se assim à ilha da Madeira com o propósito de levar as obras em questão para a oficina de restauro de pintura antiga, em Lisboa⁷¹.

⁶⁷ Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. (Dissertação de Mestrado em Educação Artística). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. P.36.

⁶⁸ Ibidem. P.36 e 37

⁶⁹ Ibidem. P.37

⁷⁰ Guerra, J. V. (2016), “Intervenções da Junta Geral no âmbito do Património Cultural”, in *Junta Geral do Distrito do Funchal (1836-1976): Administração e História*. Arquivo Regional da Madeira, D.L. Vol. I. Pág. 331.

⁷¹ Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 93

Desde 1933 que se reuniram algumas peças da Sé em duas salas anexas, nascendo assim uma primeira preocupação com o património religioso madeirense⁷². Depois do apoio logístico e financeiro da então Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, e do bispo do Funchal da época, D. António Pereira Ribeiro, o conjunto foi enviado para Lisboa para ser restaurado no atelier de Fernando Mardel e depois apresentado em 1949, no Museu Nacional de Arte Antiga, numa exposição temporária orientada pelo diretor Dr. João Couto, no XVI Congresso Internacional de História e Arte, no mês de abril desse ano.⁷³



Fig. 3 – Museu de Arte Sacra do Funchal

Desde 1933 que se tinham reunido algumas peças da Sé em duas salas anexas, pelo que com o retorno do espólio restaurado em Lisboa, uma parte ali voltou a ser exposta. As necessárias obras de requalificação e adaptação do antigo Paço Episcopal

⁷² Mendes, M. P. (2013). *Ob. cit.* P.36

⁷³ Guerra, J. V. (2016), *Ob. cit.*, idem.

levaram algum tempo, vindo a inauguração solene a decorrer em 1 de julho de 1955, por ocasião da visita do general Francisco Craveiro Lopes, presidente da República ⁷⁴.

As coleções presentes no Museu de Arte Sacra do Funchal, após inúmeras requalificações, estão organizadas em quatro núcleos essenciais: arte portuguesa, flamenga, ourivesaria e paramentaria. Os núcleos estão dispostos cronologicamente desde o final do século XV até inícios do século XIX.

O núcleo correspondente à arte portuguesa está implantado no 1º andar do museu. As obras artísticas presentes neste núcleo estão datadas entre o século XV e século XVIII. O núcleo de arte portuguesa encontra-se também dividido por três áreas de especialidade: pintura, ourivesaria e escultura. Neste núcleo, pode-se encontrar variadas alfaias litúrgicas, paramentos, escultura e pintura.⁷⁵ Neste conjunto de obras, deve destacar-se, por exemplo, o tesouro da Sé do Funchal, do século XVI, com a célebre cruz processional manuelina, das mais importantes peças da ourivesaria portuguesa, enviadas depois para a ilha da Madeira, a pedido do cabido da Sé, pois já estavam pagas, por ordem do Rei D. João III, em 1528.



Fig. 4 – Entrada do Museu de Arte Sacra do Funchal

⁷⁴ Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. (Dissertação de Mestrado em Educação Artística). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. P.37.

⁷⁵ *Ibidem*.

O núcleo que incide sobre a arte flamenga, motivo pelo qual a instituição é maioritariamente conhecida, incorpora também peças de Pintura, Escultura e Ourivesaria, datáveis entre fins do século XV a inícios do século XVI. O núcleo de arte flamenga está exposto no segundo andar do museu, composto por esculturas e pinturas de grande formato e reconhecida qualidade técnica e artística, associadas ao período do Renascimento do norte da Europa.⁷⁶

Além de o museu ter recebido obras provenientes das igrejas e capelas da Diocese do Funchal para a sua coleção, também recebeu obras por outros meios, por via de doações particulares ou por aquisição pontual, mas, nestes casos, em número mais reduzido.

A existência de uma vasta coleção de arte flamenga no arquipélago da Madeira deve-se ao facto de ter havido intenso tráfego comercial com a Europa do Norte na época do comércio do açúcar.⁷⁷ O açúcar era produzido em grande escala no arquipélago, no período compreendido entre o final do século XV e a primeira metade do século XVI, sendo, essencialmente distribuído depois pela feitoria portuguesa de Bruges e depois, de Antuérpia, pelo que não só a Coroa, que recebia um quinto do rendimento dessa produção, ali adquiriu o material litúrgico para os seus encargos pios, como os principais proprietários madeirenses também o fizeram.

2.3. Museu Quinta das Cruzes

A família do primeiro capitão donatário do Funchal tinha em sua posse uma vasta extensão de terrenos, de São Paulo até ao Pico dos Frias. Nesses terrenos teria sido edificada uma moradia por João Gonçalves Zarco, depois ampliada pelo seu filho, João Gonçalves da Câmara.⁷⁸ O filho deve ter aproveitado depois o facto da construção do Convento de Santa Clara do Funchal, nos seus terrenos e anexando a antiga capela da Conceição de Cima, obra determinada por D. Manuel e para qual enviou mestres, também para obras na sua residência, ligeiramente acima do convento.

A propriedade, depois denominada Quinta das Cruzes, ficou na família mais ou menos direta dos capitães do Funchal até ao século XVII, data em que passou para ramos secundários e, no XIX, para os Lomelino. O início do Museu da Quinta das Cruzes data de 19 de dezembro de 1946, sendo esta data referente à assinatura da

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 96

⁷⁸ Ibidem. P. 78

Escritura de Doação feita à Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal da coleção de objetos de arte e antiguidades pertencente a César Filipe Gomes.

A doação da coleção já tinha por base a obrigação de montagem de um museu de artes decorativas na Quinta das Cruzes. O cumprimento da escritura pela Junta Geral começou pela formulação de um longo processo de negociações com os proprietários da Quinta das Cruzes na época, a família Miguéis e muitos outros. O desenlace deste processo resultou na necessária expropriação da quinta, por não acordo com alguns dos proprietários. Neste sentido, ambas as partes assinaram um acordo de forma a decidir uma indemnização, em conformidade com as circunstâncias da quitação somente assinada no dia 21 de abril de 1948.⁷⁹



Fig. 5 – Museu Quinta das Cruzes

A 29 de dezembro de 1949, ocorreu a inauguração da primeira exposição na Quinta das Cruzes, quatro anos antes da inauguração oficial do museu. A inauguração e abertura ao público aconteceram em 1953⁸⁰. Com o passar do tempo, o acervo do museu foi enriquecido por outras doações, como a de João Wetzler. Assim, as coleções abertas de artes decorativas e europeias do Museu da Quinta das Cruzes aumentaram constantemente graças às várias doações e aquisições feitos até ao longo dos tempos⁸¹.

⁷⁹ Disponível em: <http://mqc.madeira.gov.pt/museu/historia-do-museu/>

⁸⁰ Anexo nº 6.

⁸¹ Disponível em: <http://mqc.madeira.gov.pt/museu/historia-do-museu/>

O Museu da Quinta das Cruzes teve como designação inicial “*Museu César Gomes*”. A denominação deveu-se a uma decisão tomada pela direção da altura como forma de homenagem a César Filipe Gomes. A Quinta das Cruzes foi declarada como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-Lei 38 383 de 28 de junho de 1947.⁸²

O Museu da Quinta das Cruzes permanece assim aberto ao público, salvo entre 1979 e 1982, quando fechou para obras, dada a necessidade de fazer reformulações na instalação das coleções bem como a realização de obras de beneficiação e conservação do edifício. O Museu da Quinta das Cruzes, desde 1979, depende da DRAC – Direção Regional dos Assuntos Culturais. Primeiramente, esteve sob a tutela da Secretaria Regional da Educação entre 1976 a 1982. Posteriormente esteve diretamente sob a tutela da Presidência do Governo Regional em 1983 e, a partir de 1984, encontra-se tutelado pela Secretaria Regional do Turismo e Cultura.⁸³

Desde que o Museu da Quinta das Cruzes foi fundado em 1953 e até meados de 1975, foi gerido através de comissões dependentes da Junta Geral do Funchal. A comissão era composta inicialmente por três elementos: o Dr. Frederico de Freitas, o Dr. António de Aragão e o Eng^o. Rui Vieira. Com a subida do último elemento para a presidência da Junta Geral e o afastamento por motivos de saúde do Dr. Frederico de Freitas, foram convidadas três novos elementos, o então capitão Rui Carita, o professor Marques da Silva e o escultor Francisco Simões.⁸⁴ Com a reformulação da Junta Geral, em 1976, o Museu passou a ter um diretor, então o escultor Amândio de Sousa.

⁸² Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 77

⁸³ Ibidem. P. 77

⁸⁴ Ibidem. P. 79



Fig. 6 – Entrada do Museu Quinta das Cruzes

O Museu da Quinta das Cruzes encontra-se localizado na Calçada do Pico, n.º 1, perto do centro do Funchal e está disposto numa área de cerca de um hectare. Anexado ao Museu, existe um espaço de serviços de acolhimento, portaria e loja, bem como um parque ajardinado, o serviço educativo, um centro de documentação.

Apesar de não ser considerado público por causa da falta de espaço adequado, o centro de documentação pode ser utilizado por professores e alunos para a realização de trabalhos académicos. A instituição contempla uma área destinada às exposições permanentes, dispendo de oito salas reservadas para as outras funções adjacentes ao museu, isto é, para os serviços técnicos, administrativo e reservas. Os espaços são semipúblicos e privados. As reservas encontram-se no último andar do Museu Quinta das Cruzes, na Torre, a qual é repartida com a zona do vestiário, destinada aos funcionários. O museu encontra-se provido de sistemas de segurança antirroubo e anti-incêndio, conectado a um sistema eletrónico de uma empresa de segurança. Além disto, dispõe de vigilância noturna inserida no próprio quadro do museu.⁸⁵

O Museu Quinta das Cruzes foi o local onde um vasto património cultural e artístico da ilha da Madeira ficou armazenado. Até finais da década de setenta, esta instituição museológica era a única que estava dependente do governo.⁸⁶ Por esta razão,

⁸⁵ Ibidem. P. 81

⁸⁶ Ibidem.

esta instituição armazenou um enorme acervo, doado e adquirido por toda a ilha nesse período.

Com o passar do tempo, o repositório recolhido e posteriormente, armazenado no Museu Quinta das Cruzes transitou para outros locais da Região⁸⁷. O Museu Etnográfico da Madeira, situado na Ribeira Brava, e o Museu de Arte Contemporânea, são disso exemplo.

A política de aquisições do Museu Quinta das Cruzes é efetuada consoante a disponibilidade dos mercados e a natureza das coleções, de modo a enriquecer os núcleos estruturais do museu.

A catalogação e o inventário das coleções consistiam no registo das obras num livro, designando um número sequencial e uma descrição sumária a cada objeto.⁸⁸ Atualmente, todo este processo realiza-se através informaticamente, utilizando o programa informático para a uniformização nacional das fichas museológicas: a Matriz.

Em 2001, foi instalada uma base de dados informática, tendo como objetivo facilitar a informatização das coleções.

Entre 2001 a 2003, o Museu Quinta das Cruzes adquiriu vários equipamentos informáticos, entre outros recursos necessários para a instalação da base de dados “Matriz”⁸⁹.

O Museu Quinta das Cruzes possui um acervo com mais de 3800 peças, a maior parte pertencente à área das artes decorativas. O acervo museológico distribui-se por diferentes tipos de coleções, as quais se organizam por mobiliário, pintura, desenho e estampas, cerâmica, joalheria, ourivesaria e arqueologia⁹⁰. Também dispõe de núcleos de menores dimensões, compostos por elementos arqueológicos e etnográficos.

As coleções de mobiliário, entre outros objetos de arte europeia e inglesa, provieram da intensa presença da comunidade britânica na ilha da Madeira, com ligações ao comércio do Vinho Madeira. Na coleção do mobiliário estrangeiro, existe um conjunto de exemplares datados entre o século XVIII e XIX. Neste conjunto, podemos destacar as peças dentro dos estilos Chippendale, Hepplewhite e Sheraton, entre outros. No mobiliário regional, será de salientar o mobiliário dito *Caixa de Açúcar*, executado com madeiras exóticas brasileiras vindas como embalagem do

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Ibidem. P. 82

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Ibidem. P. 83

açúcar dali então importado, mas executado por oficinas madeirenses dos séculos XVI ao XVIII⁹¹.

A decadência da produção açucareira madeirense entre os meados do século XVI e inícios do século XVII motivou a importação de açúcar do Brasil, no caso particular da Madeira. O açúcar era transportado para a ilha da Madeira em caixas de madeira exótica e encaminhado para a indústria de conservas e frutos cristalizados de fabrico insular. Estas caixas de açúcar foram utilizadas depois como matéria-prima na criação de móveis então ditos de *caixa de açúcar*, tendo como base as tipologias do português coevo⁹².

O núcleo da ourivesaria, inicialmente, constituiu-se pela coleção de César Filipe Gomes, em 1966, foi ampliado pela doação de João Wetzler. A maior parte das peças são provenientes dos centros de produção portugueses, mas não só. Também contém peças de outros países europeus, como a Alemanha, a Inglaterra e a Espanha. No que concerne à ourivesaria portuguesa, destaca-se um porta-paz e um fruteiro de prata dourada, ambos do século XVI. Já ao nível da ourivesaria estrangeira, podemos realçar uma taça de pé coberta, proveniente de Nuremberga, de meados do XVI, uma salva de Ausburg, dos finais do século XVII e duas escravas-saleiros de prata mexicana, do XVIII⁹³.

Apesar de não ser tão vasta como as outras coleções do Museu Quinta das Cruzes, a coleção de escultura tem como referência, um retábulo flamengo, representando “*A Natividade*”, datado da segunda metade do século XV, com a particularidade do doador se encontrar no centro do conjunto. Outra escultura de referência é a *Virgem com o Menino*, feita numa oficina do norte da Europa, em meados do XVI.⁹⁴ Além destas, também é possível visitar uma valiosa coleção de presépios de barristas regionais do século XVIII.

As coleções de cerâmica do Museu Quinta das Cruzes encontram-se divididas em dois núcleos: o de porcelanas e o de faianças. O núcleo de faianças consiste maioritariamente, em peças portuguesas de meados do século XVIII e XIX. Já o núcleo de porcelanas encontra-se subdividido em dois grupos: o da porcelana oriental e o da europeia com exemplares desde os meados do XVI.

⁹¹ Ibidem.

⁹² Ibidem.

⁹³ Ibidem. P. 84

⁹⁴ Ibidem. P. 85 e 86

No que toca a recursos financeiros, o Museu Quinta das Cruzes dispõe de um orçamento anual autónomo desde 1995, introduzido no Plano de Investimentos da Região (PIDDAR). O valor anual introduzido através do projeto “*Apoio a Museus – Museu Quinta das Cruzes*” é dividido pelas diferentes atividades museológicas realizadas na instituição. Inclui, não só, as despesas relacionadas com as instalações de equipamentos, as publicações, a aquisição de peças, a montagem das exposições, a investigação e o restauro de tudo o que envolva o museu, como todas as despesas necessárias ao seu funcionamento normal. As ações de formação profissional – os cursos, colóquios, seminários – também representam custos contemplados neste orçamento.⁹⁵ Todas as ações de formação fazem parte de outro projeto, comum a todas as instituições tuteladas pela Direção Regional da Cultura (DRC).

O Museu Quinta das Cruzes facilita a cedência de peças pertencentes às suas coleções para a realização de exposições temporárias, a outros museus da Região Autónoma da Madeira, de Portugal Continental e do estrangeiro. São exemplos destas cedências: obras expostas nas exposições “*Europália 91*”, em Bruxelas, repetida no ano seguinte em Lisboa e “*Reflexos*”, esta última concretizada em 1997, no Museu de São Roque. Em 1998, o Museu Quinta das Cruzes também esteve representado através de peças das suas coleções na exposição “*A Arte e o Mar*”, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian. No mesmo ano, o Museu esteve representado na exposição “*Os Construtores do Oriente Português*”, na Alfândega do Porto.⁹⁶

O Museu Quinta das Cruzes divulga, regularmente, o seu acervo e as suas atividades através de diversos meios de comunicação social. Na Região, esta divulgação é feita recorrendo, tanto à televisão, como à rádio e à imprensa escrita. Também dispõe de revistas, guias, mapas e listas classificativas a nível regional, nacional e internacional. A execução de programas para as televisões estrangeiras também é uma prática frequente, concretizada por intermédio da Direção Regional do Turismo e incluída em ações de promoção da Madeira.⁹⁷

⁹⁵ Ibidem. P. 87

⁹⁶ Ibidem. P. 91 e 92

⁹⁷ Ibidem. P. 92

2.4. Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias de João Carlos Abreu

O Universo de Memórias de João Carlos Abreu está instalado numa edificação datada dos finais do século XIX, localizada na Calçada do Pico n.º 2, na freguesia de São Pedro, área onde também se encontram outras edificações históricas da cidade do Funchal, como o Museu da Quinta das Cruzes e o Convento de Santa Clara. O edifício do século XIX, situado na Calçada do Pico n.º 2, na freguesia de São Pedro, foi adquirido pelo Governo Regional da Madeira em 2002, com o propósito de armazenar os bens doados por João Carlos Abreu à Região Autónoma da Madeira.⁹⁸ O Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias de João Carlos Abreu é assim uma instituição orgânica com a responsabilidade de conservação, manutenção e exposição ao público dos bens em causa.



Fig. 7 - Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias de João Carlos Abreu

Ao longo da sua vida pessoal e profissional, João Carlos Abreu realizou inúmeras viagens e visitou diversas cidades europeias. Nessas ocasiões, adquiriu um valioso conjunto de objetos, exposto atualmente no espaço Universo de Memórias de

⁹⁸ Disponível em: <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/UniversodeMem243riasJo227oCarlosAbreu/tabid/203/language/pt-PT/Default.aspx>

João Carlos Abreu.⁹⁹ As coleções apresentam um conjunto de obras de artes decorativas de vários continentes, constituindo o gosto e vida do doador a temática central da instituição.

O Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu encontra-se aberto ao público desde o dia 1 de setembro de 2003. É uma instituição que desempenha as funções inerentes dos museus, ou seja, conserva, estuda e expõe, as coleções doadas. Dado o valor das coleções, a instituição desenvolve atividades de acolhimento e incremento de ações associadas à cultura e à educação.



Fig. 8 – Vista lateral do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias de João Carlos Abreu

O Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu está sob a tutela da Direção Regional dos Assuntos Culturais. A instituição dispõe de espaços de acolhimento, reservas, exposição, serviços técnicos e administrativos. Possui ainda uma biblioteca, uma casa de chá e uma loja de vendas.

⁹⁹ Disponível em: <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/UniversodeMem243riasJo227oCarlosAbreu/tabid/203/language/pt-PT/Default.aspx>

2.5. Museu Henrique e Francisco Franco

A 7 de setembro de 1987, a Câmara Municipal do Funchal inaugurou o Museu Henrique e Francisco Franco, os emblemáticos irmãos, Henrique Franco, pintor e Francisco Franco, escultor, nas instalações do antigo Dispensário Materno-Infantil, durante a *Marca - Festival de Arte Contemporânea*, homenageando assim estes artistas, concretizando um desejo de duas décadas antes, quando foi adquirido aos herdeiros a base esse espólio¹⁰⁰. A partir dos finais do século XIX, a Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal fez um investimento considerável, através de bolsas, destinada à formação artística de madeirenses em Lisboa.

Os irmãos Henrique (1883-1961) e Francisco Franco de Sousa (1885-1955), filhos de um professor da antiga Escola Industrial, Francisco de Sousa e de sua mulher, Carolina Pereira, iniciaram os seus estudos juntamente com o pai na Escola Industrial. Com o apoio da Junta Geral seguiram para Lisboa, ingressando na Academia de Belas-Artes.

Henrique Franco de Sousa teve como mestre mais marcante o pintor Columbano Bordalo Pinheiro, obtendo o curso de Pintura Histórica e Decorativa que terminou de forma notável¹⁰¹. Ao longo dos anos Henrique Franco ganhou várias medalhas de prata e bronze, os prémios Miguel Lupi e Tomás de Anunciação, e outras menções honrosas.

Em 1912, Henrique Franco tornou-se bolseiro do Estado por recurso do Legado Valmor, estabelecendo-se, numa primeira fase, em Madrid e depois em Paris. Dois anos depois, regressou à ilha da Madeira juntamente com o seu irmão, Francisco Franco. Em 1921, Henrique Franco iniciou a sua carreira como professor na Escola Industrial e Comercial António Augusto Aguiar do Funchal, onde lecionou até 1934¹⁰². Em 1934 candidatou-se ao lugar de professor na Escola de Belas Artes em Lisboa, ficando no primeiro lugar no concurso para esse cargo.

¹⁰⁰ Disponível em:
[https://www.academia.edu/35161073/O Museu Henrique e Francisco Franco no Funchal 1987-2017.pdf](https://www.academia.edu/35161073/O_Museu_Henrique_e_Francisco_Franco_no_Funchal_1987-2017.pdf)

¹⁰¹ Silva, S. (2003). Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 121.

¹⁰² Anexo nº8.



Fig. 9 – Museu Henrique e Francisco Franco

Na década de 30, participou em várias obras importantes, revelando um enorme gosto pela pintura histórica e decorativa, com recurso à técnica do fresco, estudada e explorada pelo pintor. Desta fase, destacam-se os frescos da Via-Sacra da Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Lisboa, o fresco “*O povo de Lisboa oferece os seus bens ao Mestre de Avis*”, elaborado para o Museu Numismático – Casa da Moeda¹⁰³.

Francisco Franco de Sousa, entretanto, foi aluno do pintor Ernesto Condeixa (1859-1933) e Simões de Almeida (Tio) (1844-1926), tirando o Curso Especial de Escultura. Enquanto aluno, participou em várias exposições anuais e em concursos para os monumentos aos Heróis da Guerra Peninsular, em Lisboa e à memória de Barahona Fernandes, em Évora. Em 1910, ganha o concurso que diz respeito à bolsa de escultura do Legado Valmor e, neste mesmo ano, viaja para Paris e para outros países, como a França, Holanda e Bélgica¹⁰⁴. Nos seus anos em Paris, onde se interessou especialmente pela obra do escultor francês Auguste Rodin, teve a oportunidade de privar com outros artistas famosos, como os portugueses Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Guilherme de Santa Rita (conhecido como Santa-Rita Pintor) e o italiano Amadeo Modigliani.

Francisco Franco passou a ter maior projecção, nacional e internacional, essencialmente após a criação da famosa estátua de João Gonçalves Zarco, obra

¹⁰³ Anexo nº8

¹⁰⁴ Anexo nº8

inicialmente projetada em 1918-1919 e reformulada em 1922¹⁰⁵. A encomenda oficial deste monumento pela Câmara Municipal do Funchal aconteceu em 1919, no quadro das Comemorações dos 500 Anos da Descoberta da Madeira. A escultura foi primeiramente exposta em Lisboa, em 1928, tornando-se num marco da estatuária portuguesa¹⁰⁶. A inauguração oficial da estátua na Região decorreu a 28 de maio de 1934. Dada a importância da obra executada por Francisco Franco, o escultor foi reconhecido como um dos maiores construtores na área da estatuária pública pelo regime do Estado Novo.

Em 1934, executou um busto de Salazar e três anos depois, desenvolveu uma estátua togada, tendo como destino a Exposição Universal de Paris¹⁰⁷s. Em 1934, Francisco Franco também participa num projecto de Pardal Monteiro para a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, situada em Lisboa. Criou um baixo-relevo, Apostolado, que foi enquadrado na fachada. Das obras encomendadas no período do Estado Novo consta ainda o projeto de uma estátua grandiosa por parte do Patriarcado de Lisboa. Trata-se do Cristo-Rei de Almada inserida num projecto do arquitecto António Lino. No âmbito deste projeto, Francisco Franco apenas teve a possibilidade de fazer um esboço inicial da obra. Um desastre de viação impossibilitou o desejo do escultor em acompanhar o desenvolvimento da obra de perto¹⁰⁸. Uns anos depois, o artista falece a 15 de fevereiro de 1955 sem ter tido a possibilidade de ver a sua obra finalizada. O monumento abriu ao público em 1959.

Em 1995, o Museu Henrique e Francisco Franco foi encerrado devido à realização de trabalhos de conservação e restauro do espólio do museu e de reforma do programa de museologia. Neste período procedeu-se à reorganização do programa museológico da instituição. O museu reabriu em 1996, tendo sido criada, para marcar a abertura, a exposição *Por Causa de Paris*¹⁰⁹. Com esta exposição e com as que se seguiram sobre as obras dos irmãos Franco, processo orientado pelo Dr. Francisco Clode de Sousa¹¹⁰, procedeu-se à remodelação e melhoramentos das salas, que não era possível dez anos antes, devido à inexistência de meios.

¹⁰⁵ Disponível em:

https://www.academia.edu/35161073/O_Museu_Henrique_e_Francisco_Franco_no_Funchal_1987-2017.pdf

¹⁰⁶ Anexo n.º 8

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 123

¹¹⁰ Anexo n.º 8

A Câmara Municipal do Funchal tinha adquirido, em 1955, uma parte do espólio do escultor Francisco Franco, proveniente dos herdeiros. Seis anos depois, a vereação funchalense ainda voltou a comprar aos herdeiros uma nova coleção de obras, das quais constou um amplo conjunto de pinturas de Henrique Franco.¹¹¹ Desta forma, o Museu Henrique e Francisco Franco encontra-se hoje organizado com a indispensável coleção de pinturas a óleo, desenhos, gravuras, pequenos frescos, estudos e esculturas do escultor Francisco Franco e do irmão, o pintor Henrique Franco. As coleções apresentadas no Museu Henrique e Francisco Franco seguem uma política de rotatividade dos acervos, construídas sempre em torno de núcleos temáticos.

O Departamento da Cultura da Câmara Municipal do Funchal, entidade que tutela o museu, não possui um orçamento próprio, sendo que esta realidade espelha o funcionamento dos museus camarários¹¹². As suas implicações verificam-se ao nível da limitação e escassez de quadros de pessoal destas instituições culturais, como acontece também no Museu “A Cidade do Açúcar”, com reflexos directos na qualidade de serviços oferecidos. O Museu Henrique e Francisco Franco e são os exemplos mais recentes desta realidade.

2.6.Casa-Museu Frederico de Freitas

A Casa-Museu Frederico de Freitas, sob a tutela da Secretaria Regional do Turismo e Cultura, encontra-se situada na Calçada de Santa Clara, na zona histórica de São Pedro, no centro do Funchal. A Casa-Museu Frederico de Freitas foi a antiga moradia dos Condes da Calçada, num edifício datado dos finais do século XVII, onde viveram até finais do século XX. A construção do Palácio da Calçada teve início em meados do século XVI, provavelmente, mas com o passar do tempo, sofreu inúmeras remodelações e ampliações que se estenderam até finais do século XIX¹¹³.

Em 1941, o Palácio da Calçada tornou-se a residência arrendada do Dr. Frederico de Freitas, um ilustre notário, advogado e colecionador madeirense. Viveu

¹¹¹ Disponível em:

https://www.academia.edu/35161073/O_Museu_Henrique_e_Francisco_Franco_no_Funchal_1987-2017.pdf

¹¹² Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. P. 123

¹¹³ *Ibidem*. P. 124

neste espaço até à data da sua morte, em 1978 e ao longo da sua vida, recolheu um fascinante conjunto de obras de arte, incontornável na temática madeirense.¹¹⁴



Fig. 10 – Casa-Museu Frederico de Freitas

A partir dos anos 30, Frederico de Freitas começou a colecionar várias obras. Esta atividade tornou-se mais evidente quando passou a viver nesta ampla moradia, pois permitiu-lhe dar um maior destaque e organização às suas coleções. O acervo de Frederico de Freitas incide num vasto conjunto de peças de pintura, escultura, mobiliário, cerâmica e gravura, de origem nacional e estrangeira. Após a sua morte, deixou o legado à Região Autónoma da Madeira por disposição testamentária.

O Governo Regional, após receção do legado do colecionador, iniciou o processo relativo à aquisição do imóvel. A inauguração da Casa-Museu Frederico de Freitas decorreu em duas fases. A primeira fase da instituição foi inaugurada a 29 de junho de 1988¹¹⁵, no âmbito do projeto de adaptação da casa de residência para Casa-Museu. A segunda fase do projeto, inaugurada a 30 de setembro de 1999¹¹⁶, marcou a conclusão do projeto. Esta segunda fase focou-se na recuperação, adaptação e

¹¹⁴ Disponível em: <http://cultura.madeira>

edu.pt/museus/Museus/CasaMuseuFredericodeFreitas/tabid/188/language/pt-PT/Default.aspx

¹¹⁵ Anexo n.º 9.

¹¹⁶ Anexo n.º 10.

integração de diversas áreas da Casa-Museu Frederico de Freitas, como a Casa da Entrada, na qual estão inseridos os serviços correspondentes à loja e receção do museu, o Serviço Educativo e o Gabinete de Estampas e Desenhos. Envolveu também a construção da Casa Principal, denominada de Casa da Calçada, abrangendo a Casa dos Azulejos, estrutura designada especificamente para a coleção de Azulejaria, bem como a Cafetaria e o Auditório. Envolveu também a construção de um anexo à casa principal, a Casa dos Azulejos, estrutura especificamente para apresentação da coleção de Azulejaria, bem como a Cafetaria e o Auditório¹¹⁷.

Desde 1988 que a Casa-Museu Frederico de Freitas possui também uma sala na qual decorrem as exposições temporárias, dada a diversidade enorme do espólio. Além do percurso da Casa da Calçada, também é possível visitar o Jardim sobre a Calçada de Santa Clara, com o tradicional pavimento feito com calhau rolado e corredor com vinha e canteiros de flores. Na extremidade do muro, encontra-se uma *Casinha de Prazer*, local onde as senhoras tomavam o chá e observavam discretamente quem passava na rua.

O acervo da Casa-Museu Frederico de Freitas tem mais de 6000 peças, vindo este número constantemente a aumentar. O acervo está dividido em cinco núcleos: Azulejaria, Estampas e Desenhos, Cerâmica, Escultura e Mobiliário. A Casa-Museu Frederico de Freitas possui uma importante coleção de estampas sobre o arquipélago da Madeira, dos finais do século XVII e XVIII, quase exaustiva, que consta do núcleo das Estampas e Desenhos. As estampas dedicadas à Madeira foram objeto de exposição e respetivo catálogo no momento em que decorreu a primeira fase da Casa-Museu em 1988¹¹⁸.

De forma a salvaguardar a coleção de Azulejaria, foi concebido e construído especificamente um espaço, dado o valor e quantidade das peças associadas a este núcleo da Casa-Museu. A *Casa dos Azulejos* serve este propósito e tem integrado na sua estrutura os espaços da Reserva, da Oficina e do Auditório. A seção da Azulejaria na Casa-Museu Frederico de Freitas é um dos núcleos principais da instituição.

A descoberta accidental de inúmeros fragmentos azulejares perto do muro que divide a Casa-Museu e o convento de Santa Clara do Funchal motivou a criação de um espaço dedicado exclusivamente à exposição de peças deste género. Os grandes

¹¹⁷ Disponível em: <http://cultura.madeira.edu.pt/museus/Museus/CasaMuseuFredericodeFreitas/tabid/188/language/pt-PT/Default.aspx>

¹¹⁸ SOUSA, Francisco Clode (2008). *Guia dos Museus do Funchal*. Coleção Guias do Funchal-1, Funchal 1500 Anos, E.M. Funchal. P.34

conjuntos são constituídos por azulejos de produção portuguesa do século XVII, sendo a maior parte proveniente de demolições na ilha da Madeira, mas também adquiridos no continente.

A zona de exposição permanente da Casa-Museu encontra-se distribuída por quatro pisos, organizados com base na origem e na cronologia lógica das peças nesta seção da Casa-Museu. A coleção de Azulejaria está dividida por dois grupos fundamentais: a azulejaria portuguesa e a estrangeira. No que concerne à azulejaria portuguesa, é possível encontrar a presença de objetos desde as mais antigas produções de majólica de finais do século XVI. Para além disso, tanto se pode encontrar exemplares da padronagem de tapete do século XVII, como também das produções dos séculos XVIII, XIX e XX. A azulejaria de índole estrangeira faz referência a um conjunto variado de centros produtivos, com exemplares medievais provenientes da França e da Inglaterra dos séculos XII e XIV, respetivamente. Na mesma medida, também existem peças dos mais importantes centros de fabrico de Espanha, desde o século XV ao XVIII.¹¹⁹

O núcleo de Cerâmica da Casa-Museu Frederico de Freitas expõe um vasto leque de centros de fabrico, com exemplares de origem portuguesa, europeia e até do Extremo Oriente, este último, especialmente com peças de porcelana chinesa de exportação, dita *Companhia das Índias*, do século XVIII¹²⁰.

A coleção de Escultura apresenta peças provenientes, maioritariamente, de oficinas portuguesas de meados dos séculos XVII e XVIII. Nesta coleção, é possível constatar um núcleo dedicado a presépios e a figuras de presépios, bem como um acervo de pequenas figuras de barro pintadas e de cor dourada, pertencentes a barristas regionais. Também se pode encontrar neste núcleo um grupo de peças em marfim, sendo a maioria de oficinas Indo-Portuguesas de meados do século XVI ao XVIII¹²¹.

O núcleo de Mobiliário da Casa-Museu Frederico de Freitas apresenta peças peculiares, destacando os conjuntos provenientes de oficinas regionais. Primeiramente, podemos distinguir as peças denominadas de *caixa de açúcar*, tendo como base os modelos do mobiliário português dos séculos XVI a XVIII. Estas peças foram produzidas utilizando tanto as madeiras das caixas que empacotavam o açúcar madeirense e as madeiras das caixas que continham o açúcar importado do Brasil para a

¹¹⁹ SOUSA, Francisco Clode (2008). *Guia dos Museus do Funchal*. Coleção Guias do Funchal-1, Funchal 500 Anos, E.M. Funchal. P.35

¹²⁰ Ibidem.

¹²¹ Ibidem. P. 36.

indústria de conserva de frutas da Região. A coleção de Mobiliário também contém um conjunto vasto de mobiliário madeirense com versões locais dos estilos ingleses produzidos em meados do século XIX¹²².

2.7. Museu da Baleia da Madeira

O Museu da Baleia da Madeira é uma instituição inovadora, pelo uso de equipamentos associados às tecnologias de comunicação, quer os filmes em 3D, quer os quiosques interativos. Os meios tecnológicos são usados em conjunto para enfatizar o valioso acervo presente nesta instituição museológica. O Museu da Baleia da Madeira encontra-se atualmente sob a tutela da Câmara Municipal de Machico.

Desde a sua origem, o Museu da Baleia da Madeira expõe o tema da caça à baleia através do seu acervo. O primórdio desta instituição museológica data de 1989 por sugestão de Eleutério Reis, gerente da *Empresa Baleeira da Madeira* na época, à Câmara Municipal de Machico. Eleutério Reis foi o último gerente da EBAM, logo, o responsável pela coordenação das caçadas de baleias na Madeira. Desta forma, pode-se afirmar que Eleutério Reis foi o instigador da criação do Museu da Baleia da Madeira.

A determinação de Eleutério Reis em resguardar a atividade baleeira na ilha da Madeira foi apoiada pela associação ambientalista regional *BIOS*, criada nessa época. Mobilizou também os responsáveis da instituição: o Dr. Manuel Biscoito e o Dr. Rui Relvas. O Museu da Baleia da Madeira recebeu o apoio do Município de Machico, com a cedência de um espaço no Caniçal¹²³.

A atividade baleeira no arquipélago da Madeira tem uma dimensão regional, pois teve o envolvimento de mão-de-obra de diferentes concelhos da ilha da Madeira e da do Porto Santo. Neste aspeto, o Caniçal representa o centro da atividade baleeira no arquipélago, uma vez que foi neste local que ocorreu a construção da fábrica de processamento das baleias¹²⁴ no início dos anos cinquenta do século XX.

A criação do Museu da Baleia da Madeira, em 1990, foi possível com a aprovação dos estatutos da instituição¹²⁵. Após todos os trâmites legais, necessários para a sua inauguração, o Museu da Baleia da Madeira abriu ao público a 28 de maio de 1990¹²⁶. A integração de um museu no Caniçal teve como fundamento principal o

¹²² Ibidem. P. 37.

¹²³ Acta da reunião de Câmara de 6 de abril de 1989, Arquivo Regional da Madeira.

¹²⁴ A Fábrica de Óleos e Farinhas da EBAM.

¹²⁵ Acta da reunião de Câmara de 26 de fevereiro de 1990, Arquivo Regional da Madeira.

¹²⁶ Anexo n.º 11.

impacto socioeconómico que a baleação causou nesta freguesia, tal como a força da memória que ali se mantém numa sólida ligação dos residentes a esta atividade.



Fig. 11 – Museu da Baleia da Madeira

Aliado à abertura ao público do Museu da Baleia da Madeira, foram trazidos objetos da antiga fábrica das Baleias por intermédio de Eleutério Reis. Outras peças e fotografias presentes no museu foram doadas por diversas pessoas da comunidade local.

No momento da abertura do museu ao público, foram dedicados precisamente 80 metros quadrados de um espaço (um pequeno edifício situado na antiga praça de peixe do Caniçal) à exposição permanente de objetos interligados à atividade baleeira. A elaboração da exposição teve o apoio financeiro da *International Fund for Animal Welfare* e o apoio técnico do Museu Municipal do Funchal.

O Museu da Baleia surgiu no sentido de perdurar a memória da época da atividade baleeira, decorrida na ilha da Madeira entre 1941 até à data da sua proibição, em 1981. Assim sendo, o museu tem como objetivo dar a conhecer e divulgar as baleias, especialmente o cachalote, contribuindo para a conservação e valorização desta espécie.

O primeiro gerente do Museu da Baleia da Madeira, Eleutério Reis, dirigiu o museu desde a abertura ao público, em 1990, até à data da sua morte, em 1993. Como principal dinamizador da instituição, o primeiro diretor do Museu teve um papel importante tanto na origem da instituição, como no acervo exposto atualmente.

Com o passar do tempo, o Museu da Baleia da Madeira tornou-se pólo de atração na freguesia do Caniçal. Refira-se que já em 1993 obteve 11.000 visitantes. A dinâmica evidenciada nos primeiros anos do museu foi subitamente cessada após o falecimento do primeiro diretor. A reafirmação e o desenvolvimento progressivo do Museu da Baleia da Madeira só aconteceram três anos depois do falecimento de Eleutério Reis, retomando o cumprimento dos objetivos iniciais.

A nova etapa do museu começou pela remodelação do espaço de pequenas dimensões, destinado às exposições permanentes, incitada pela Dr^a Petra Deimer, em 1995, juntamente com o apoio financeiro da organização não-governamental GSM (*Gesellschaft zum Schutz der Meeressäugertiere e V.*), bem como de voluntários alemães e residentes da freguesia do Caniçal.

Em 1996, o Dr. Luís Freitas é destacado pela Secretaria Regional da Educação para exercer o cargo de diretor do Museu da Baleia da Madeira, com o propósito de dinamizar a instituição. A medida inicial consistiu em dar-lhe visibilidade através da compreensão das suas necessidades, das áreas naturais de expansão e do potencial contributo desta entidade para a sociedade. Neste sentido, foram consolidados quatro pilares de atuação no museu: a museologia, a ciência, a história e a educação.

Em 1998, os terrenos nos quais se encontrava a antiga *Fábrica da Baleia*, localizada na Zona Franca da Madeira, estavam destinados à breve instalação do Centro de Combustíveis da Madeira. No sentido de resguardar o local, foram efetuadas diligências junto do Governo Regional da Madeira, apresentando como argumento o facto de este espaço possuir um valor simbólico e histórico no contexto regional e local. Nesta sequência, foi exposta uma alternativa: a parcela de terreno situada na antiga Junta Geral, junto ao cais da Pedra D'Eira, na freguesia do Caniçal. Finalmente, nesse mesmo ano, a Secretária Regional da Agricultura, Florestas e Pescas confirmou a cedência deste último terreno para a instalação do Centro de Combustíveis da Madeira.

O projeto inovador para a elaboração de um novo museu da baleia é suportado, quitativamente, em 2003, pelo Município de Machico em 2003, e pelo Governo Regional da Madeira. Este projeto surgiu devido à necessidade de dar um novo rumo à instituição, nomeadamente, no desenvolvimento de melhores condições para a execução de atividades de investigação científica, educação e divulgação. Desta forma, as infraestruturas do novo museu conseguiram corresponder aos desafios impostos.

O novo edifício apenas começou a funcionar em 2009, e após dois anos, mais concretamente, em setembro de 2011, o Museu da Baleia da Madeira abriu as portas ao

público de forma definitiva¹²⁷, juntamente com a inauguração das novas exposições permanentes.

Por um lado, o museu iniciou a construção de parcerias e atividades sobre as temáticas envolventes do museu com inúmeras escolas da ilha da Madeira, mais concretamente, com os clubes de ciência das instituições de ensino. Por outro lado, o Museu da Baleia da Madeira deu início à realização de trabalhos científicos que envolviam saídas para o mar, com o objetivo de estudar os cetáceos. Desta forma, foi estabelecida uma Rede de Arrojamentos de Cetáceos do Arquipélago da Madeira (RACAM), uma parceria entre outras instituições regionais e o museu. O resultado desta parceria permitiu o estudo e registo de forma sistemática, até aos dias de hoje, dos cetáceos localizados nas costas do arquipélago da Madeira.

Em 1999, o "*Projecto para a conservação dos cetáceos no arquipélago da Madeira – CetaceosMadeira*" foi financiado pelo programa europeu *Life-Natureza*. O Município de Machico cofinanciou o projeto, ao que se juntou a parceria do Parque Natural da Madeira e do Museu Municipal do Funchal. A aprovação deste projeto fez com que existissem os recursos financeiros necessários para o Museu da Baleia da Madeira. Deste modo, foi possível dar início a um ciclo dinâmico da atividade científica do museu, através de campanhas de investigação nas águas do arquipélago da Madeira.

Durante vários anos o Museu da Baleia da Madeira realizou inúmeros projetos de cariz científico, com enfoque no estudo dos cetáceos e do seu habitat. Nesta vertente, o museu contribuiu, em grande medida, para o desenvolvimento do conhecimento sobre os cetáceos que cruzam as águas do arquipélago.

Durante 19 anos, o museu procedeu à recolha, localização, estudo e preservação de documentos, filmes, objetos e fotografias que testemunham a atividade baleeira no arquipélago da Madeira. De certa forma, este intenso trabalho de investigação histórica não só nos arquivos e coleções privadas da Madeira, como também nos Açores, Portugal continental, França, Noruega e Estados Unidos da América, ilustra a evolução da atividade científica do Museu da Baleia da Madeira neste período.

A alteração de instalações serviu para encorajar a mudança da designação deste espaço para Museu da Baleia da Madeira, pelo qual é conhecido até aos dias de hoje. A mudança da designação revela a inclusividade regional relativamente à atividade baleeira no Caniçal, bem como indica a importância e impacto regional da atividade

¹²⁷ Anexo n.º 12.

ligada ao museu, o que por sua vez, contribui para projeção exterior do nome da Madeira.

As exposições permanentes estão repartidas em duas salas de grandes dimensões, correspondendo às principais temáticas do Museu da Baleia Madeira: a preservação da memória histórica da caça à baleia na ilha, bem como o conhecimento e divulgação das baleias e golfinhos do arquipélago, contribuindo para a conservação e valorização destas espécies. Estes espaços têm uma área total de 820 metros quadrados, o que se coaduna com as enormes dimensões dos exemplares expostos em modelos à escala real.



Fig. 12 – Entrada do Museu da Baleia da Madeira

A introdução de um projeto, tanto na sala destinada às exposições temporárias como no auditório, possibilitou à instituição contribuir para a dinamização cultural no âmbito local e regional. Isto reflete-se através da organização de exposições temporárias algumas como resultado da parceria com as escolas e outras instituições, bem como na realização de colóquios e *workshops*. Para transmitir a informação que pretendem, de forma concisa e explícita, os museus recorrem às exposições permanentes e temporárias, a publicações científicas e de divulgação e às atividades preparadas pelos seus Serviços Educativos, com estratégias de comunicação diferenciadas quer se destinem ao público em geral ou a públicos específicos.

O Museu da Baleia da Madeira não é exceção e tem incorporado, no seu programa direcionado às escolas, atividades interligadas com as temáticas do mar, das baleias e dos golfinhos, da história da caça à baleia, entre outros tópicos científicos. Além disto, também são tratados temas correlacionados com a arte e a literatura, de acordo com a faixa etária do grupo. As outras atividades designadas para grupos específicos, como o caso dos idosos ou das pessoas com necessidades especiais, são organizadas conforme caso a caso.

O papel cultural, museológico, científico e educacional desempenhado pelo Museu da Baleia, no contexto regional, tem sido incrementado com o passar do tempo. Com base neste facto, a instituição museológica situada no Caniçal tem um importantíssimo valor como atração turística regional com peso no desenvolvimento económico local. Consequentemente, o valor da instituição foi reconhecido a nível nacional pela APOM (Associação Portuguesa de Museologia), tendo-lhe atribuído a menção honrosa na categoria de Melhor Museu Português, em 2012. Em 2014, o Museu da Baleia da Madeira foi nomeado para finalista para o prémio europeu (YMEA, *European Museum Year Awards*) atribuído pelo Concelho da Europa e o European Museum Forum. Em 2019, o museu foi distinguido pela APOM na categoria “Incorporação”. A atribuição desta distinção demonstra o reconhecimento da qualidade do trabalho desenvolvido por esta instituição na elaboração do nicho museológico associado ao tema “*Moby Dick: representações da caça à baleia*”.¹²⁸

2.8. Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico

O Solar do Ribeirinho, também denominado por Solar do Rosário ou Solar de São Sebastião, consiste numa edificação datada dos finais do século XVII, localizada na malha urbana e histórica da cidade de Machico. O primórdio desta instituição está ligado à família Mendonça e Vasconcelos, mais concretamente ao fidalgo de El-Rei, Matias de Mendonça e Vasconcelos¹²⁹. O edifício foi, em 1831, sede da Maçonaria, tendo também albergado o “Clube Machiquense”. Até meados do século XX, a propriedade esteve sob a posse de particulares, tendo sido posteriormente adquirida pela Câmara Municipal de Machico.

Depois de 1974, o Solar do Ribeirinho serviu como residência de algumas famílias que tinham regressado das antigas colónias portuguesas de África. Uns anos

¹²⁸ Disponível em: <http://aprenderamadeira.net/baleia-museu-da/>

¹²⁹ Disponível em: <https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/news/16>

depois, funcionou como armazém da edilidade. Dado que o edifício possuía um valor histórico e arquitetónico, a Câmara Municipal de Machico fez uma solicitação ao Governo Regional para dar início ao processo de classificação do imóvel, juntamente com a ARCHAIS – Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira. Neste sentido, em dezembro de 1998, o Solar do Ribeirinho foi classificado como Imóvel de Interesse Municipal.¹³⁰

O projeto do “Núcleo Museológico de Machico – Espaço do Solar do Ribeirinho”, inaugurado a 15 de novembro de 2007, foi impulsionado pela necessidade de criar uma instituição de perfil museológico em Machico. Desta forma, a criação desta instituição museológica disponibilizou ao público um circuito museológico visitável, no centro histórico da cidade de Machico.¹³¹

O foco deste projeto consistiu em criar um circuito museológico com acervos representativos da memória histórica local de Machico. A reabilitação do imóvel teve início em 2004, projeto elaborado pelo arquiteto Victor Mestre, e teve como bases a arqueologia e a pesquisa documental, necessárias para a sua realização. Desta forma, Vitor Mestre acompanhou o projeto de restauro do imóvel com base nas diretrizes de recuperação da “Carta de Veneza”, e assim respeitou as preexistências do imóvel, mantendo o mais possível a estrutura original do edifício. As modificações de maior relevo foram realizadas no interior do edifício, uma vez que tinha de corresponder às exigências de um programa museológico. Após a recuperação do imóvel, o Núcleo Museológico de Machico foi implantado nesta edificação datada dos finais do século XVII.¹³²

¹³⁰ Disponível em: <https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/content/posts/20/1>

¹³¹ Disponível em: <https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/news/16>

¹³² Disponível em: <https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/content/posts/20/1>



Fig. 13 – Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico

O acervo da instituição museológica está dividido em quatro núcleos: O Solar do Ribeirinho; As Origens, o Povoamento e a Vida Local; O Percurso Económico; e o Quotidiano¹³³.

No decorrer do percurso dos quatro núcleos temáticos do Núcleo Museológico de Machico, é possível encontrar diversas peças de valor histórico, como por exemplo, o raro sinete com punho em marfim e cunho em prata do século XVI, uma cruz de Machim e uma inscrição gravada com uma quadra do poeta setencista de Machico, Francisco Álvares de Nóbrega, mais conhecido por *Camões Pequeno*. Além disto, é possível encontrar várias peças arqueológicas de cerâmica, pedra e metal, como também outras obras artísticas que representam a história económica, social e cultural do distrito de Machico, desde os primeiros anos do seu povoamento, no século XV, até ao século XX. De forma a divulgar a instituição e expor o seu acervo, o Solar do Ribeirinho dispõe de recursos didáticos e educativos, com base nas novas tecnologias de informação¹³⁴.

¹³³ Disponível em: <https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/news/16>

¹³⁴ Disponível em: <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/N250cleoMuseol243gicodeMachico/tabid/205/language/pt-PT/Default.aspx>

Capítulo III

3. Serviços Educativos dos Museus

Atualmente, a maioria dos museus possui um serviço educativo na sua estrutura, e assim, desenvolve atividades educativas e culturais com o intuito de suscitar o desenvolvimento social do público visitante, de acordo com os recursos disponíveis. O serviço educativo não só está presente nos museus, como também em outras instituições, por exemplo, nas bibliotecas e nos arquivos. Além das instituições de ensino, constatamos que também outras instituições facultam o acesso à educação, neste caso informal, através da organização de ações formativas que promovem o desenvolvimento da sociedade.

As atividades educativas dos museus são compreendidas como uma ação cultural, sendo que o processo de mediação suscita nos indivíduos a capacidade de adquirir conhecimento relativamente aos bens culturais ali expostos. João Pedro Fróis (2008, p. 70) menciona que os “(...) *programas educativos dos museus de arte têm como objetivo desenvolver as capacidades de proficiência visual dos seus visitantes, sensibilizar, despertar e “formar o gosto” através dos artefactos*”¹³⁵. Desta maneira, as atividades educativas e culturais dos museus não só promovem a formação e a expressão visual e, por consequência, cultural dos visitantes, como contribuem para um desempenho mais ativo e transformador do indivíduo na sociedade.

3.1. Museu de História Natural do Funchal

3.1.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

O serviço educativo do Museu de História Natural do Funchal, designado como Secção Didática, foi criado em 1990 e surgiu da necessidade de prestar um melhor acompanhamento às visitas de estudo que se realizavam no Museu. Para o efeito, a Secretaria Regional da Educação destacou para o Museu um professor licenciado em Biologia, que montou a secção. Nesta altura, o objetivo consistia na capacitação dos professores que tinham a possibilidade de guiar os seus alunos no decorrer das visitas de estudos ao museu.¹³⁶

¹³⁵ Fróis, J. P. (2008). *Os Museus de Arte e a Educação: discursos e práticas contemporâneas. Museologia. Pt*, Nº2. P. 70

¹³⁶ Informação facultada por Manuel José Biscoito, Chefe de Divisão de Ciência da Câmara Municipal do Funchal, via correio electrónico. Questionário (pergunta nº1)

3.1.2. Princípios Educacionais Subjacentes

O Museu de História Natural do Funchal funciona como uma extensão da escola, sendo a instituição que recebe mais alunos em visitas de estudo por ano. Em geral, todos os alunos do Concelho do Funchal e da maioria dos restantes concelhos da Madeira, visitaram, pelo menos uma vez, o Museu em contexto de visita de estudo. Deste modo, o serviço educativo do Museu desempenha um papel importante junto da sociedade madeirense, procurando contribuir para um incremento do conhecimento da história natural do arquipélago e da conservação do seu património natural. O trabalho em questão é complementado por palestras organizadas nas escolas pelos Conservadores do Museu, versando temáticas da fauna e flora, terrestre e marinha, poluição, entre outros¹³⁷.

Os Serviços Educativos do Museu de História Natural do Funchal constituem um importante elemento na prossecução dos objetivos/missão da instituição, tendo como público privilegiado de atuação a população escolar. A maioria dos madeirenses, em idade escolar, adquire interesses, motivações e conhecimentos sobre a História Natural do Arquipélago por intermédio do museu. As atividades didáticas do Museu têm por base uma abordagem pedagógica, respeitando os programas curriculares afectos aos diferentes níveis de ensino e assentam na seguinte premissa: dar a conhecer e divulgar o conhecimento da fauna, flora e geologia do Arquipélago da Madeira.

Nos últimos anos, a partilha de informações e experiências entre este Museu e outros espaços museológicos e instituições educativas, através de visitas guiadas conjuntas ou outras atividades didáticas, tem sido muito importante para consolidar esta área de atuação do Museu.

3.1.3. Atividades Educativas e Culturais

Com o passar do tempo a Secção Didática criou programas de formação, que incluem as visitas guiadas, ateliers temáticos, palestras e outras atividades lúdico-educativas no Museu, para todos os graus de ensino, desde o pré-escolar, até ao superior. Atualmente, o serviço educativo do Museu de História Natural do Funchal tem um responsável, licenciado em ensino da biologia-geologia e seis conservadores, perfazendo um total de sete investigadores.

¹³⁷ Ibidem. Questionário (pergunta n.º 3)

Os serviços educativos do Museu de História Natural do Funchal, do ponto de vista programático, possuem total autonomia. Ocasionalmente a tutela dá sugestões de atividades a serem realizadas no museu. No entanto, as atividades e os programas desenvolvidos são normalmente projetados, debatidos e aprovados no seio do Conselho de Conservadores, órgão máximo técnico do museu¹³⁸.

Atividades desenvolvidas pelo serviço educativo do Museu de História Natural do Funchal

Quadro 1 - Plano de Atividades do Serviço Educativo da Câmara Municipal do Funchal 2019/2020¹³⁹

Museu de História Natural do Funchal (MMF), Aquário Municipal e Jardim de Plantas Aromáticas e Medicinais (JPAM)

Data	Horário	Evento/Atividade	Objetivos	Responsáveis/ Dinamizadores	Destinatários	Recursos Materiais/Humanos
05-10-2019	10h 14h	Aniversário do Museu/ Visita guiada à exposição permanente, Aquário Municipal e à exposição temporária; realização de ateliês temáticos.	Promover a missão científica e educativa do Museu de História Natural do Funchal junto do público e dar a conhecer o património natural do arquipélago da Madeira	Marina Pinto/ Conservadores do Museu; Luís Silva; Sara Ferreira; Ulisses Reis.	Público em geral/famílias	Material de laboratório e de escritório; aquário; terrário; caixas entomológicas; material herborizado; impressões diversas (p/b, cores) / <i>Designer</i> gráfico.
12-15 maio 2020	10h 14h	Semana comemorativa do “Dia Internacional dos Museus”/ Realização de ateliês temáticos (biologia marinha, botânica, entomologia, geologia e paleontologia).	Dar a conhecer o património natural do arquipélago da Madeira; promover a missão científica e educativa do Museu de História Natural do Funchal.	Marina Pinto/ Conservadores do Museu; Sara Ferreira.	Alunos do 1º ciclo (3º e 4º anos), do 2º e 3º ciclos.	Material de laboratório e de escritório; aquário; terrário; caixas entomológicas; material herborizado; impressões diversas (p/b, cores) / <i>Designer</i> gráfico.
18-05-2020		Dia Internacional dos Museus/ Visita guiada à exposição permanente, Aquário Municipal e à	Dar a conhecer o património natural do	Marina Pinto/ Conservadores do Museu; Luís Silva; Sara Ferreira;	Público em geral, famílias.	Impressões diversas (p/b, cores) / <i>Designer</i> gráfico.

¹³⁸ Ibidem. Questionário (pergunta n.º 4)

¹³⁹ Ibidem.

	10h 14h	exposição temporária.	arquipélago da Madeira; promover a missão científica e educativa do Museu de História Natural do Funchal.	Ulisses Reis.		
05-06-2020	10h 14h	Dia Mundial do Ambiente/ Realização de jogo no Jardim de Plantas Aromáticas e Medicinais (JPAM)	Comemorar o aniversário de abertura ao público do JPAM e conhecer as plantas que existem neste espaço e as suas utilidades	Marina Pinto/ Margarida Dias e Juan Silva	Alunos do 1º ciclo (3º e 4º anos), do 2º e 3º ciclos.	Impressões diversas (p/b, cores); material de escritório / <i>Designer</i> gráfico.
08-06-2020	10h 14h	Dia Mundial dos Oceanos/ Realização de jogo didático sobre os habitats marinhos do arquipélago da Madeira	Alertar a comunidade escolar para a importância e preservação destes habitats	Marina Pinto/ Sara Ferreira	Alunos do 1º, 2º e 3º ciclos	Impressões diversas (p/b, cores); aquário; material de escritório / <i>Designer</i> gráfico.
Entre 15 de Julho e 15 de Agosto de 2020	10h 14h	Programa "Ciência Viva no verão"/ Realização de jogo no JPAM (a realização desta atividade está sujeita a aprovação da candidatura a este programa)	Conhecer as plantas que existem no JPAM e as suas utilidades	Marina Pinto/ Margarida Dias; Juan Silva.	Jovens entre os 8 e os 14 anos)	Impressões diversas (p/b, cores); material de escritório / <i>Designer</i> gráfico.
Julho de 2020 (em dias a combinar com o/a participante)	10h-12h30 e das 14h-17h	"Biólogo por UM dia"	Saber o que faz um biólogo; participar ativamente nas tarefas que ocorrem nos bastidores do Museu e Aquário Municipal no dia-a-dia; visitar as coleções científicas.	Marina Pinto/ Conservadores do Museu; Luís Silva; Ulisses Reis.	Alunos do 3º ciclo e secundário (10º ano)	Impressão de certificado de participação (cores) / <i>Designer</i> gráfico
21-03-2020	10h 14h	Dia Internacional das Florestas/ Leitura e exploração pedagógica de uma história; jogo no JPAM.	Reflexão sobre a importância das florestas; conhecer as espécies que habitam nas Laurissilvas da Madeira;	Marina Pinto/ Marina Pinto; Margarida Dias; Juan Silva.	Alunos do 1º e 2º ciclo	Impressões diversas (p/b, cores); terrário; caixas entomológicas; material herborizado; material de escritório / <i>Designer</i> gráfico.

			conhecer as plantas que existem no JPAM e as suas utilidades.			
Setembro de 2019 a julho de 2020 (sujeito a programação prévia)	10h 11h 14h 15h 16h	Visitas guiadas à exposição permanente, Aquário Municipal e à exposição temporária.	Dar a conhecer o património natural do arquipélago da Madeira tendo em conta o programa curricular no caso dos grupos escolares	Marina Pinto/ Carolina Ornelas; Juan Silva; Marina Pinto; Luís Silva; Sara Ferreira; Ulisses Reis e Ysabel Gonçalves.	Comunidade escolar (desde a creche até à universidade), instituições culturais, desportivas e de solidariedade social e ateliês de verão.	Impressões diversas (p/b, cores) / <i>Designer</i> gráfico.
Setembro de 2019 a julho de 2020 (sujeito a programação prévia)	10h 11h 14h 15h 16h	Visitas guiadas ao JPAM	Conhecer o espaço e as plantas que existem no mesmo, incluindo as suas utilidades.	Marina Pinto/ Juan Silva	Comunidade escolar (desde a creche até à universidade), instituições culturais, desportivas e de solidariedade social e ateliês de verão.	Impressões diversas (p/b, cores) / <i>Designer</i> gráfico.

3.2. Museu de Arte Sacra do Funchal

3.2.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

Após a realização de obras de beneficiação das salas de exposição na última década do século XX, o museu reformulou as suas coleções de arte portuguesa e flamenga em 1994. No decorrer da remodelação, e por ação da diretora do museu na época, a Dr.^a Luiza Clode, foi possível tratar da instalação e apresentação dos Serviços Educativos do museu. Para este efeito, o Museu requisitou duas técnicas da especialidade pertencentes aos quadros do pessoal da Secretaria Regional da Educação. O delineamento pedagógico inicial do Museu de Arte Sacra do Funchal teve a colaboração científica da Dr.^a Ana Duarte, proveniente do Museu de Setúbal¹⁴⁰.

A equipa técnica dos serviços educativos foi constituída através da iniciativa de dois professores oriundos de grupos disciplinares diferentes: história e artes visuais. Este último, com o objetivo de exercer funções técnico-pedagógicas, obteve a

¹⁴⁰ Informação facultada pelo professor Martinho Mendes, Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal.

mobilidade docente para o Museu, nos termos permitidos pela Secretaria da Educação¹⁴¹.

O serviço educativo deste museu abriu ao público no ano de 1994/1995, sendo o primeiro a inaugurar este serviço, oficialmente, na Região Autónoma da Madeira. A colaboração da Secretaria Regional de Educação começou cedo, uma vez que esta entidade destacou dois professores para programarem e dinamizarem as atividades junto dos públicos que acedem ao museu¹⁴².

Entre 1994 e 1997 o serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal operou segundo os moldes que foram inicialmente determinados pelas professoras, Susana Pestana, do grupo de História, e Isilda Correia, do grupo de Artes Visuais, trabalhando em articulação numa dinâmica. Susana Pestana era responsável pela organização de visitas guiadas, seguindo a perspetiva histórica dos contextos relacionados com as obras do Museu. No decorrer do percurso entregava uma ficha de avaliação com o objetivo de verificar os conhecimentos que foram transmitidos durante a visita de estudo. Já Isilda Correia estava encarregue pela construção de materiais didáticos, utilizados na orientação das atividades de expressão plástica, após o final da visita teórica.

Em 1998 a Secretaria Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira autorizou apenas a mobilidade de um professor para o Museu de Arte Sacra do Funchal. Neste sentido, a professora de educação visual regressou à sua escola. Entre 1998 a 2002, o serviço educativo do museu operou apenas com um docente, a professora de história Susana Pestana. Em 2003, Susana Pestana também voltou à escola. Como compensação, a direção do museu contratou a professora Vanessa Leal, que esteve como responsável pelo serviço educativo desta até ao final do ano letivo de 2005/2006.

Entre setembro de 2006 e agosto de 2007 o serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal esteve suspenso. Foi retomado em setembro de 2007 com a orientação

¹⁴¹ A natureza das funções-técnico pedagógicas é definida no artigo 39 da Portaria no [343/2008](#) da seguinte forma: "As funções de natureza técnico-pedagógica são as que, pela sua especialização, especificidade ou especial relação com o sistema de educação e ensino não superior, requerem, como condição para o respetivo exercício, as qualificações e exigências de formação próprias do pessoal docente. No Arquipélago da Madeira os serviços educativos dos museus são locais onde os professores são autorizados a exercer estas funções, ficando particularmente incumbidos de desenvolver atividades e programas educativos destinados, primeiramente, ao público escolar.

¹⁴² Informação facultada pela direção do Museu de Arte Sacra do Funchal via correio electrónico (Questionário, pergunta nº1)

do professor Martinho Mendes, que se mantém nestas funções até hoje¹⁴³. O serviço educativo do museu funciona atualmente nos mesmos moldes, anteriormente referidos, e conta com dois professores de Artes Visuais destacados. Conta pontualmente, com a participação de outros técnicos do museu na dinamização de atividades específicas relacionadas com determinadas funções museológicas – estudo de coleções, conservação preventiva, design de comunicação¹⁴⁴.

3.2.2. Princípios Educacionais Subjacentes

A gênese da formação da equipa técnica do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal baseou-se na orientação de Ana Duarte do Museu de Setúbal, que propôs um modelo educativo seguindo três pontos fundamentais: a formação artística, a educação patrimonial e a atividade lúdica. A formação artística engloba as visitas guiadas, os ateliês de expressão plástica e musical, a leitura animada, o teatro de fantoches e as exposições secundárias relacionadas com temas sobre a comemoração de datas. O segundo ponto, a educação patrimonial, incorpora os cursos de história local, as exposições sobre aspetos da vida local ao longo dos tempos, a investigação nas bibliotecas e arquivos, as exposições sobre as notoriedades dos locais e cursos de formação ou conferências em outros estabelecimentos. O terceiro ponto faz referência à atividade lúdica: os espetáculos musicais, teatrais e bailados em espaços específicos do museu; os espetáculos que se realizam nas escolas, nas juntas de freguesia e noutras instituições. As animações teatrais retratam a história do edifício e o seu espaço, e como se interligam entre si.

O modelo educativo atual, “Modelo Educativo em Circuito Aberto”, foi designado assim devido ao nome ligado ao desenho do alçado sul do corpo principal do edifício do Museu de Arte Sacra do Funchal. É composto por uma linha aberta que cruza todos os espaços interiores do Museu através de um movimento esférico intercruzado e ascendente, abrindo-se ao exterior a partir das janelas da torre-diagrama gerado sobre a torre avista-navios. A funcionalidade deste diagrama representa a ideia de ascensão e a abertura do interior do Museu, seguindo a tendência de permanecer fechado e reduzido ao espaço expositivo, o que por sua vez promove uma visão do entorno físico da cidade e da ilha. Este aspeto tanto pode ser considerado no contexto de

¹⁴³ Informação facultada pelo professor Martinho Mendes, Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal.

¹⁴⁴ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 2).

um horizonte movível, modificando consoante a interação do público visitante com o museu, como também na conjuntura da abertura para o exterior do museu. Na íntegra, a informação acima foi facultada pelo professor Martinho Mendes, coordenador do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal.

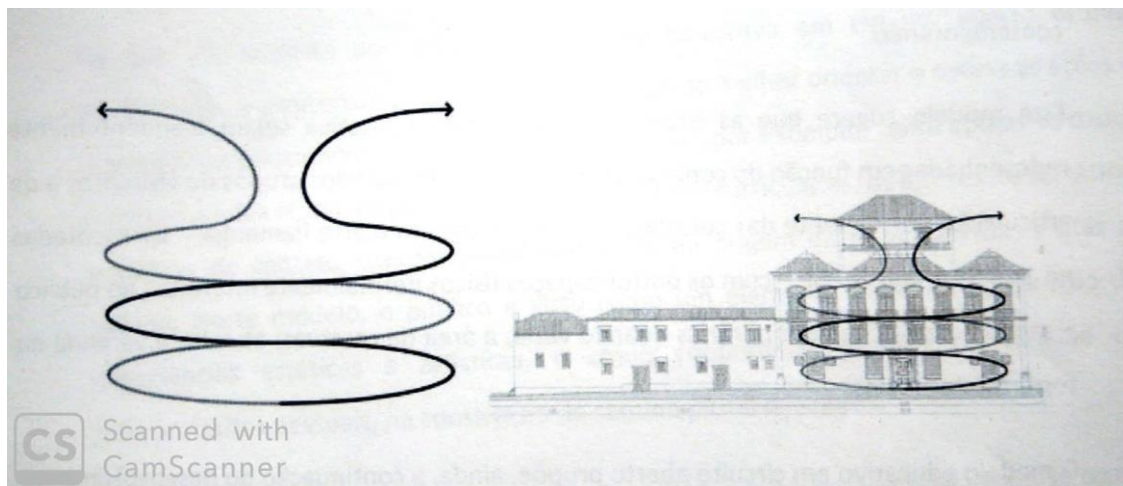


Fig.14 - Modelo educativo em circuito aberto para o serviço educativo do Museu de Arte Sacra. Fonte: (Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Bela Artes. P. 190).

O modelo educativo em circuito aberto exhibe a proposta de desenvolvimento das práticas educativas existentes no Museu de Arte Sacra do Funchal que têm sido empreendidas nos últimos anos, nos contextos cultural, regional e local.

Segundo este modelo, as bases da programação educativa devem ser redesenhadas com frequência em função do conhecimento adquirido das características dos grupos de visitantes. Além disso, deve ocorrer a ligação permanente das coleções de arte flamenga e arte portuguesa com outros espaços físicos do museu normalmente interditos ao público, tais como a sala de exposições temporárias quando se encontra vazia, a área de reservas, as salas e a varanda pertencente à torre-avista-navios¹⁴⁵.

A aprendizagem neste modelo está estabelecida na perspetiva construtivista de que o conhecimento é o resultado da interação social do indivíduo com o mundo, numa relação dialética gerida através de diversas ferramentas histórico-culturais, como por exemplo, a arte¹⁴⁶. Nesta linha de pensamento, o Museu de Arte Sacra do Funchal

¹⁴⁵ Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Bela Artes. P.190

¹⁴⁶ Ibidem.

interliga a sua programação educacional ao modelo de museu construtivista, promovendo novas e diferentes formas de aprendizagem.

Os professores planificam visitas orientadas temáticas em diversos formatos e ateliês práticos cujo objetivo maior é o de dar a conhecer ao público visitante, do ponto de vista da história, da arte, da religião e da cultura regional e insular, as diferentes coleções que o MASF tem à sua guarda e que englobam um arco temporal de quase seis séculos¹⁴⁷. O serviço educativo também procura criar dinâmicas que envolvam reflexões com questões atuais que interpelam as funções do museu no século XXI.

No que concerne aos públicos, o modelo educativo atual em causa examina previamente as características dos grupos com o propósito de facultar uma orientação mais eficaz, definindo ações e experiências educativas. No caso do público escolar, os dados dizem respeito à faixa etária, aos programas curriculares, aos interesses temáticos e pontos de contacto interdisciplinares no momento da marcação das visitas de estudo¹⁴⁸.

No que diz respeito aos conteúdos das atividades educativas, o modelo educativo em circuito aberto baseia-se em três conteúdos. O primeiro conteúdo consiste em compreender a coleção de arte sacra do Museu de Arte Sacra do Funchal, com base numa multiplicidade de contextos (história da ilha da Madeira, igreja católica, entre outros)¹⁴⁹.

O segundo conteúdo baseia-se na envolvência de outros tipos de produtos visuais que intensificam o estabelecimento de um fio condutor do diálogo com a cultura ao longo dos tempos¹⁵⁰.

O último conteúdo corresponde à inclusão de perspetivas do micro-relato, da exploração da ligação entre saber e poder, da desconstrução e da teoria da dupla codificação¹⁵¹. Desde a sua fundação, o Museu de Arte Sacra desempenha um papel importante na medida em que facilita o encontro com testemunhos materiais e artísticos relacionados com a história e a identidade cultural do povo madeirense.

A missão educativa do Museu de Arte Sacra do Funchal procura, por meio da programação do Serviço Educativo, fortalecer as relações entre o Museu e a

¹⁴⁷ Informação facultada pela direção do Museu de Arte Sacra do Funchal via correio electrónico (Questionário, pergunta nº2)

¹⁴⁸ Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Bela Artes. P.191

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Ibidem.

comunidade nomeadamente o público escolar. No entanto, existe a preocupação em diversificar os públicos que acedem ao Museu, abrangendo os diversos níveis etários e sociais. Esta programação assenta na planificação e diversificação de novas atividades que explorem as coleções do MASF na perspetiva da educação estética artística e patrimonial.¹⁵² As atividades em questão são programadas de acordo com os objetivos requeridos no âmbito das muitas solicitações que o MASF tem por parte dos vários grupos no âmbito escolar, público adulto e sénior no contexto das universidades seniores, instituições de solidariedade social, ateliês de ocupação de tempos livres, entre outros.

Assim sendo, a educação no campo museal é feita no Museu de Arte Sacra do Funchal, procurando dinâmicas de grupo, com escolas, grupos de terceira idade, entre outros, na partilha e construção de sentidos, conhecimento e reflexões em torno das diferentes realidades e contextos.

3.2.3 - Atividades Educativas e Culturais

Ao longo de 25 anos o Museu de Arte Sacra do Funchal desenvolveu várias metodologias inovadoras quer pelas diversas estratégias marcadas pelos pareceres do conceito e práticas do serviço educativo, quer pela distinção pessoal e autoral deixado por todos os professores no conjunto de atividades e projetos desenvolvidos pelos mesmos.

O serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal elaborou inúmeras atividades socioeducativas, sempre de acordo com os recursos disponíveis ao longo dos tempos. O uso de maletas pedagógicas corresponde ao conjunto de materiais sobre a história e técnica da pintura a óleo e a arte do Renascimento, destinadas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, ao 3.º Ciclo, incluindo o Secundário. As atividades em questão também abordam informações sobre a Pintura Flamenga e foram utilizadas com frequência entre 1994 e 1997. Atualmente este tipo de atividades está obsoleto.

A dinamização de roteiros e gincanas culturais envolve um trabalho através da parceria de várias instituições, como é o caso dos museus, das câmaras e escolas. O objetivo destas atividades é aprender, conservar e estimular o património histórico, cultural e natural da região. Estas atividades realizaram-se com frequência entre 1994 e 2002, porém raramente são utilizados nos dias de hoje.

¹⁵² Anexo n.º 14.

Outra atividade praticada no museu é o preenchimento de fichas de avaliação dos conhecimentos. As fichas são preparadas para os vários níveis de ensino, sendo facultadas aos professores e alunos para o preenchimento durante e após a visita guiada, abordando conteúdos relativamente à educação visual e história. Apesar de terem sido muito utilizadas entre 1994 e 2002, atualmente raramente são usadas.

A dinamização de atividades lúdicas consiste na utilização de vários tipos de jogos criados a partir das coleções, dando destaque aos puzzles, jogo da glória, entre outros. Os jogos realizam-se, geralmente, após a visita e levados para a escola caso não haja tempo suficiente para serem concretizados no museu. Esta atividade tinha uma grande aplicação entre 1994 e 2002¹⁵³.

É possível colocar em prática a execução de atividades relacionadas com a visualização de documentários temáticos. Os temas envolvidos são sobre a história do ciclo do açúcar, temas da Etnografia madeirense e da História da Arte. Além desta atividade também são realizadas visitas orientadas. Neste caso é empregue uma prática inicial conduzida, centralizada nos discursos reproduzidos através das narrativas em exposição, integradas nas visitas de forma progressiva. Neste tipo de atividades predomina um discurso analítico, desconstrutivo, transformante e dinâmico, permeável a intervenções abertas ao exterior segundo o "*Modelo Educativo em Circuito Aberto*". Este processo de planeamento faz a recolha de diferentes contextos dos grupos escolares que comunicam com o museu, em função das necessidades erguidas a partir de vários fatores¹⁵⁴. Desta maneira são programadas atividades e neste sentido são elaboradas estratégias específicas para cada grupo.

Relativamente às atividades educativas do Museu de Arte Sacra do Funchal, podemos constatar a dinamização de Oficinas criativas, algo que acontece desde 2007. Neste campo têm sido concretizados oficinas e ateliers criativos e produtivos no âmbito da leitura e interpretação da obra de arte, da cultura visual e da arte sacra, particularmente na valorização da expressão plástica e visual através do intercâmbio das diferentes áreas do conhecimento, como as Ciências da Natureza, Filosofia Geografia, Antropologia, Etnografia e o Estudo das Ilhas.

O Museu de Arte Sacra do Funchal realiza programas de formação e participação em conferências. O serviço educativo tem cooperado com vários grupos de

¹⁵³ Informação facultada pelo professor Martinho Mendes, Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal.

¹⁵⁴ Anexo n.º 14.

formação de professores, com o intuito de demonstrar o potencial pedagógico e cultural do Museu, em parceria com as escolas e outros grupos profissionais, como por exemplo, os guias intérpretes.

Desde 2007 que o serviço educativo se afirmou como um espaço de tutoria ativa, tendo como base os pressupostos inerentes no “Modelo Educativo em Circuito Aberto”. Nesta perspetiva têm sido organizadas exposições temporárias que incitam a criatividade, independentemente do público, estimulando a curiosidade de quem observa.¹⁵⁵ Tudo isto diz respeito à realização de exposições temporárias e conferências tematicamente associadas às mesmas.

A tutela do Museu de Arte Sacra do Funchal é da Diocese do Funchal, como já foi referido anteriormente no Capítulo II deste trabalho. O museu tem autonomia científica para definir conceptualmente todas as suas atividades. Porém, a relação das coleções do museu com o património regional de natureza religiosa e as celebrações anuais do calendário litúrgico são tidas em conta advindo daqui alguns tópicos para a organização de atividades que ajudam a relembrar a matriz deste património que permanece sempre vivo e reativado a cada dia junto dos diferentes públicos¹⁵⁶.

3.3. Museu Quinta das Cruzes

3.3.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

O serviço educativo do Museu Quinta das Cruzes surgiu em 1996, tendo sido destacadas para este efeito duas professoras das áreas de História e das Artes Plásticas. A criação deste serviço serviu para a programação, organização e acompanhamento de diferentes atividades lúdico-pedagógicas junto do público visitante do museu.¹⁵⁷

O serviço educativo do Museu Quinta das Cruzes é atualmente composto por uma professora e duas técnicas superiores licenciadas em Ciências da Educação, a exercer funções desde 1996 e 2010, respetivamente.¹⁵⁸

3.3.2. Princípios Educacionais Subjacentes

O serviço educativo do Museu Quinta das Cruzes é um descodificador dos elementos que constituem a peça cultural. Neste sentido assume-se como um mediador

¹⁵⁵ Informação facultada pelo professor Martinho Mendes, Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal.

¹⁵⁶ Informação facultada pela direção do Museu de Arte Sacra do Funchal via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 4)

¹⁵⁷ Informação facultada pela direção do Museu Quinta das Cruzes via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 1)

¹⁵⁸ Ibidem.

nos diálogos que se desenvolvem entre os múltiplos significados do bem cultural e a sua relação com o público¹⁵⁹.

A existência deste serviço numa instituição cultural promove uma relação mais próxima e direta entre o museu e o quotidiano de cada indivíduo ou comunidade. Desta forma, o serviço educativo representa um papel fundamental no reconhecimento e valorização do património regional, sempre enquadrado no panorama nacional e internacional. As ações desenvolvidas por este serviço fomentam a fruição de espaços culturais, bem como criam uma relação de proximidade entre as coleções com o conhecimento prévio e interesse de cada visitante.

O serviço educativo do museu tanto divulga as suas coleções como também promove hábitos de visita regular, o que, por sua vez, ajuda a desenvolver as competências sociais e comportamentos cívicos como o saber-estar. Neste contexto de ambiente museológico, os visitantes desenvolvem a curiosidade, a reflexão, o questionamento e a contemplação do património artístico à guarda do museu¹⁶⁰.

O museu assume-se assim, como um lugar onde se promove a educação informal e que colabora com as instituições escolares como complemento aos conteúdos programáticos das disciplinas. Os conteúdos que são transmitidos numa visita guiada ou atividade, muitas vezes são de natureza multidisciplinar e permitem diferentes explorações pedagógicas centradas, sobretudo, na esfera do “saber-fazer”, através de oficinas, ateliês, entre outros.

3.3.3 - Atividades Educativas e Culturais

A programação educativa está estruturada com propostas dirigidas a públicos diferenciados, com o objetivo de se atender à diversidade das necessidades e interesses dos visitantes. Neste sentido, as atividades são planificadas de acordo com as especificidades de cada tipo de público. As propostas educativas são dirigidas a todos os níveis de ensino: pré-escolar; 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico; ensino secundário; cursos EFA; ensino superior. Abrange, ainda, os educadores, os professores e os formadores.

As propostas educativas do Museu Quinta das Cruzes abertas à comunidade dirigem-se às crianças e aos jovens com necessidades educativas especiais permanentes (NEE’S) – CAO’S /famílias / adultos / seniores (IPSS);

¹⁵⁹ Ibidem

¹⁶⁰ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 3).

No Museu Quinta das Cruzes, as propostas educativas distribuem-se por: visitas guiadas gerais às coleções, visitas gerais temáticas, atividades educativas de complemento às visitas guiadas, teatros de fantoches, ateliês e projetos educativos pontuais¹⁶¹.

O programa educativo do museu é apresentado sob a forma de um plano anual, no qual são apresentadas as planificações, objetivos e respetivas descrições de cada uma das ações educativas complementadas por respetivo cronograma. No final do ano, o serviço elabora um relatório, no qual são apresentadas estatísticas e balanços finais das ações educativas¹⁶².

O serviço educativo tem autonomia na criação do seu programa educativo, desde que o objetivo central seja a divulgação das coleções e da história do museu e as ações educativas respeitem o regulamento interno da instituição. Contudo, no que diz respeito à aquisição dos recursos materiais necessários à operacionalização dos projetos educativos, este serviço depende financeiramente da tutela, uma vez que o museu não possui orçamento próprio.

Por outro lado, o serviço educativo atende a iniciativas culturais promovidas pela tutela, quando é requisitado para este efeito. Por exemplo, no decurso deste ano, os museus tutelados pela Direção Regional da Cultura integraram um projeto “Museus em Festa”, promovido pela Secretaria Regional do Turismo e Cultura, no âmbito da Comemoração dos 600 anos da Descoberta da Ilha da Madeira e Porto Santo¹⁶³.

3.4. Museu Henrique e Francisco Franco

3.4.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

O Serviço Educativo do Museu Henrique e Francisco Franco foi inaugurado no dia 8 de maio de 1997¹⁶⁴. A estrutura deste serviço está organizada pelas visitas orientadas no museu e roteiros e a estatuária pública na ilha da Madeira, da autoria de Francisco Franco, incluindo as atividades de divulgação deste acervo no exterior. As atividades estão a cargo dos técnicos superiores da instituição.

Uma parte considerável dos Serviços Educativos do Museu Henrique e Francisco Franco é desenvolvida por parceiros, entidades ou associações, em regime de prestação

¹⁶¹ Ibidem (Questionário, pergunta n°2).

¹⁶² Ibidem.

¹⁶³ Ibidem (Questionário, pergunta n°4).

¹⁶⁴ Anexo n.º 15

de serviços. Atualmente o serviço educativo do Museu conta com dois técnicos superiores e quatro Assistentes Operacionais¹⁶⁵.

3.4.2. Princípios Educacionais Subjacentes

O Funchal é uma Cidade Educadora desde 2014. Neste contexto, o Museu Henrique e Francisco Franco tem como preocupação o envolvimento da sociedade civil com as suas ações e o seu património cultural. Os princípios educacionais defendidos pelo museu visam a capacitação e empoderamento da população, a coesão social, a inclusão, a igualdade de oportunidades e a promoção de forma lúdica do desenvolvimento pessoal, social e cultural da sociedade madeirense¹⁶⁶.

As atividades culturais e educativas desenvolvidas facultam aos diversos visitantes, em especial a comunidade mais próxima, excelentes oportunidades de desenvolvimento de qualidades afetivas e estéticas.

A programação de manifestações artísticas de tipo performativo (música, teatro, poesia, entre outras) obedece ao mesmo objetivo de interação com os espaços do Museu e supera as noções de mera conveniência formal e de enquadramento, contribuindo para a criação de contrastes e amplificações de valores.

O serviço educativo do Museu Henrique e Francisco Franco, promove condições de convivência autêntica com as obras de arte através de experiências sensoriais e emotivas, como forma de proporcionar a todos aqueles que o visitam a oportunidade de voltarem a emocionar-se perante obras de arte deslocadas dos espaços, para onde foram criadas.

3.4.3 - Atividades Educativas e Culturais

As atividades dinamizadas pelo serviço educativo do Museu Henrique e Francisco Franco estão organizadas de acordo com o tipo de atividade e público-alvo. As visitas orientadas decorrem de segunda a sexta, e por norma, são marcadas atenciosamente.

As visitas temáticas consistem em levar parte do acervo do Museu a diversas instituições, incluindo as exposições temporárias ao ar livre. A ação de informação “O Museu vai ter contigo”¹⁶⁷ envolve levar parte do acervo do museu a escolas ou outras

¹⁶⁵ Informação facultada pela direção do Museu Henrique e Francisco Franco. via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 1)

¹⁶⁶ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 3).

¹⁶⁷ Projeto Educativo Municipal Set2019/Ago2020. P. 47. Disponível em: http://www.cm-funchal.pt/images/servicos_municipais/educacao/proj_educativo_municipal/Projeto-educativo-CMF-2019-20.pdf

instituições com o propósito de dar a conhecer a história dos irmãos Franco através de atividades lúdicas. A exposição temática “O Museu sai à Rua!”¹⁶⁸ tem como objetivo expor réplicas de obras de Henrique e Francisco Franco numa galeria de arte temporária. O público-alvo em ambos os casos são os alunos a partir do nível pré-escolar, bem como outros utentes de outras instituições, a partir dos cinco anos de idade.

No que concerne às visitas encenadas, o Museu Henrique e Francisco Franco realiza a atividade denominada de “Sementes de Mudança”¹⁶⁹. O objetivo consiste em refletir sobre a importância das obras de arte moderna concebidas pelos vanguardistas Henrique e Francisco Franco. Esta atividade destina-se a alunos dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, tendo a duração média de uma hora.

O Museu Henrique e Francisco Franco realiza oficinas temáticas, entre as quais a oficina de Artes Plásticas “As obras-primas e as suas matérias”¹⁷⁰. Esta atividade tem como objetivo desta atividade a transmissão de informação relativamente às peças de arte, os materiais e técnicas utilizados, bem como os processos criativos e opções dos artistas e encomendadores. Pretende-se dar a conhecer o universo dos materiais utilizados na elaboração de peças de arte. No âmbito das oficinas didáticas, o museu desenvolve o teatro de fantoches “A arte trocada por fantoches”¹⁷¹, com o propósito de fazer um percurso imaginário sobre a cidade do Funchal e descobrir as obras de Henrique e Francisco Franco. Esta atividade tem como destinatários os alunos do Pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico.

Além destas atividades, o Museu Henrique e Francisco Franco desenvolve *ateliers* de férias relativos ao Natal, Carnaval, Páscoa e Verão. As atividades realizadas no exterior incluem a “Aldeia de Natal Funchal” e a “Feira do Livro Funchal”. No mesmo sentido também são organizados concertos no âmbito do Programa Música em Museus, bem como conferências e lançamentos de livros¹⁷².

O Museu Henrique e Francisco Franco não dispõe de um financiamento próprio, dependendo dos critérios financeiros da tutela¹⁷³. O desenho das atividades desenvolvidas pelos Serviços Educativos é estudado e debatido em conjunto com a tutela e os seus parceiros.

¹⁶⁸ Ibidem. P. 48

¹⁶⁹ Ibidem. P. 52

¹⁷⁰ Ibidem. P. 50

¹⁷¹ Ibidem. P. 51

¹⁷² Anexo n.º 16

¹⁷³ Informação facultada pela direção do Museu Henrique e Francisco Franco, via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 4)

3.5. Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias de João Carlos Abreu

3.5.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

O Serviço Educativo do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu surgiu para criar visitas temáticas ao acervo expositivo, de forma a corresponder aos interesses de um conjunto diversificado de visitantes. Trabalha com a preocupação de, por um lado, captar novos públicos e, por outro, contribuir para a formação de públicos, cada vez mais amplos, conhecedores e exigentes. Desta forma, não só é possível estabelecer com os visitantes uma relação estreita e duradoura, diversificando o público-alvo, como também origina um “visitante-base”, ou seja, um visitante cujo interesse não se esgote apenas numa visita. Além disso, o Serviço Educativo desta instituição visa sensibilizar e formar públicos de idades, vivências e interesses diversificados, promovendo a aprendizagem ao longo da vida.

O Serviço Educativo do Universo de Memórias de João Carlos Abreu tem a missão de: potenciar a construção de conhecimentos; despertar aptidões naturais; e informar, interagir com todas as faixas etárias e culturais. Neste sentido, o serviço está estruturado e é dinamizado como fazendo parte de todo o programa de atividades da instituição¹⁷⁴.

Relativamente aos Recursos Humanos, o Serviço Educativo é coordenado pela responsável da instituição, tendo a seu cargo a elaboração, divulgação e execução dos programas. Na elaboração e execução das atividades, colaboram duas técnicas superiores, que também são guias de exposição para os visitantes do acervo que não está inserido nos Serviços Educativos. As guias têm formação na área da arte, da museologia e em línguas estrangeiras. A proatividade da equipa faz com que seja possível organizar visitas temáticas bilingues para os Serviços Educativos, visitas inseridas no Plano Nacional de Leitura e outras atividades temáticas bastante diversificadas.¹⁷⁵

3.5.2 - Princípios Educacionais Subjacentes

Os Serviços Educativos do Universo de Memórias de João Carlos Abreu recorrem a estratégias e a recursos lúdico-pedagógicos e criativos para interagir com a sociedade madeirense. As atividades desenvolvidas têm como base um conjunto de premissas

¹⁷⁴ Informação facultada pela direção do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 1).

¹⁷⁵ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 2).

transdisciplinares, de modo a desenvolver uma relação entre o indivíduo e o espaço, através da descoberta, da aprendizagem e da memorização. Assim, o serviço educativo desta insituição sensibiliza e forma públicos, independentemente da faixa etária, vivências e os diversos interesses, promovendo uma aprendizagem contínua ao longo da vida¹⁷⁶.

3.5.3 - Atividades Educativas e Culturais

As atividades estão divididas pelos vários públicos, faixas etárias e graus de conhecimento.

Tipos de atividades desenvolvidos no Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu:¹⁷⁷

Pré-escolar

- **“Vamos Todos Viajar!”** – Viagem divertida pelas coleções inspirada no livro de Catarina Cardoso.
- **“Safari das Memórias”** – Passeio pela casa à descoberta dos animais que nela “habitam”. Cada criança leva um par de binóculos, um chapéu e a fotografia de um animal que está representado na exposição. A fase seguinte consiste em descobri-lo, identificando o material de que é feito, a sua origem e em que sala se encontra.

1.º ano

- **“Alfabeto Trapalhão”** – Nesta atividade, é disponibilizada a cada criança uma letra que está associada a uma peça da coleção. No final da visita “criam-se” as rimas.

2.º ano

- **“A arca de Não É ... ou o guia dos animais que poderiam ter existido”**
Nesta atividade e depois de visitarem todos os “animais” das coleções, as crianças “imaginam ou criam” os animais que poderiam ter visto durante a visita.

3.º ano

- **“A lenda do Galo de Barcelos”** – Esta visita tem por objetivo abordar os temas principais da lenda contada por Maria José Meireles, incluindo os itens relacionados com a lenda e que fazem parte da coleção do Universo de Memórias de João Carlos Abreu.

¹⁷⁶ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 3).

¹⁷⁷ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 2).

4.º ano

- **“Contos e Lendas de Macau”** – As seis histórias, contadas neste livro por Alice Vieira recordam-nos as relações de Portugal com Macau que remontam à época das Grandes Navegações. O encontro entre estas duas civilizações é feito numa visita guiada à exposição na qual é dada ênfase aos itens orientais e ocidentais.

5.º e 6.º anos:

- **“Alice no País das Maravilhas”** – Tendo em conta as personagens desta aventura de Lewis Carrol, o “Universo de Memórias” sugere uma atividade relacionada com os símbolos de cada objeto (relógios, chapéus, chávenas, bules, coroas, entre outros) bem como uma viagem à época vitoriana, onde decorre toda a ação.
- **“Ulisses”** - Inspirada nas aventuras de Ulisses de Maria Alberta Menéres, esta visita tem por objetivo “viajar” pelas coleções ligadas à cultura, história e mitologia gregas, com destaque para o “cavalo de Troia”.

7.º 8.º e 9.º ano:

- **“A Odisseia de Homero”** – Atividade que tem por base as aventuras de Ulisses com abordagem à guerra entre Gregos e Troianos, a Penélope, Circe, à Ilha das Sereias e ao Politeísmo.
- **“O Cavaleiro da Dinamarca”** - Nesta atividade, são apresentadas peças relacionadas com os sítios por onde o Cavaleiro da Dinamarca passou e contadas as referidas narrativas de encaixe. A visita guiada culmina com a elaboração de um pequeno dossiê contendo palavras cruzadas relativas a esta obra de Sophia de Mello Breyner.
- **“Os Lusíadas em Prosa”** - Visita guiada ao acervo e contextualizada em “Os Lusíadas” de Luis Vaz de Camões, destacand-se as peças de origem indiana e portuguesa.
- **“Na Patagónia”** - Esta aventura, contada por Bruce Chatwin, é transposta para o “Universo de Memórias” com uma atividade rica em objetos oriundos da “terra do fim do mundo”, habitada por figuras errantes e exiladas, de gaúchos e foragidos, de mineiros peculiares e de índios da Terra do Fogo;

Secundário:

- **“Os Maias”** – Esta atividade faz uma analogia entre o espaço físico da obra de Eça de Queirós e o “Universo de Memórias”, a partir do edifício do séc. XIX e de uma coleção eclética.
- **“Viagens - Marco Polo”** - é uma atividade que enfatiza os itens italianos e asiáticos fazendo um paralelismo com as aventuras vividas pelo veneziano Marco Polo.

Dos 4 aos 6 anos

- **“Safari das Memórias”** – Passeio pela casa à descoberta dos animais que nela “habitam”, já mencionado anteriormente.

Dos 6 aos 12 anos

- **“Instrumentos Musicais no Universo”** – Descobrir os instrumentos musicais existentes na coleção, distinguindo entre os de sopro, de cordas e de percussão; demonstração do funcionamento de um-gira-discos e de uma telefonia; abordagem ao fado. A visita deverá ser acompanhada pelo/a professor/a de música dos alunos.
- **“O Universo dos Cavalos e as Memórias das Gravatas”** – Visita guiada à coleção dos cavalos em miniatura (600), fazendo uma abordagem ao papel deste animal no transporte, no comércio, na guerra, na terapêutica e no desporto; visita à coleção das gravatas (1000) fazendo uma resenha acerca deste adereço ao longo dos tempos e demonstrando a técnica do “nó de gravata”.

A partir dos 8 anos*

- **“Palavras-Chave”** – São dadas várias palavras-chave relacionadas com as coleções do “Universo de Memórias”. Ao visualizar o objeto correspondente à palavra-chave, os guias explicam o seu significado (pintura naïf, surrealismo, samovar, caixa de prever, ovos Fabergé, talha, Vitoriano, entre outros).
- **“Memórias da Cultura Portuguesa”** – Visita às peças relacionadas com Portugal e abordagem aos descobrimentos portugueses através das “Variações Camonianas” de José de Guimarães, do fado, da filigrana, entre outras.

- **“Memórias de uma Cultura Universal”** – Visita às coleções representativas das diversas culturas e países do mundo;
- **“Gravatas há Muitas!”** - Atividades com Oficina Plástica (origami), Oficina Literária (história da gravata) e visita guiada à coleção de gravatas.
- **“Letras & Brilhos”** - Atividades com Oficina Plástica (origami) e Visita Guiada com base nos livros e nas joias do acervo da Instituição.
- **“Guias por um Dia”** – Atividade que ensina aos alunos vários termos ligados às coleções para estes poderem fazer uma visita guiada aos seus pais e familiares. Cada aluno pode trazer até cinco pessoas, gratuitamente, na semana que se segue a esta atividade.

*O grau de dificuldade destas visitas aumenta consoante o nível de ensino, cultura e faixa etária.

DATAS TEMÁTICAS

- **Outubro**

Dia Mundial do Animal (4 de outubro)

“Safari das Memórias”- Passeio pela casa à descoberta dos animais que nela “habitam”. Cada criança leva um par de binóculos, um chapéu e a fotografia de um animal que está representado na exposição. Depois é só descobri-lo, identificando o material de que é feito, a sua origem e em que sala se encontra.

Dia das Bruxas/ Halloween’s Day (31 de outubro)

Visita guiada à casa. Os visitantes trazem apenas uma lanterna e o percurso é feito às escuras com “música ambiente”.

- **Dezembro**

Natal (10 de dezembro 2018 a 4 de janeiro 2019)

“Natal no Universo” – “O Religioso e o Profano” - Visita aos objetos ligados à quadra natalícia, oriundos dos vários continentes distinguindo os religiosos dos profanos (presépios, natividades, anjos, quebra – nozes, Rodolfo.).

- **Fevereiro**

Carnaval (27 de fevereiro a 8 de março 2019)

“Máscaras do Mundo” – Visita guiada à coleção de 62 máscaras oriundas dos quatro cantos do mundo.

- **Abril**

Páscoa (1-30 abril 2019)

“Páscoa no Universo de Memórias” – descoberta das peças alusivas à época pascoal, incluindo os crucifixos, salmos, cálices, custódias, estantes de missal e 28 ovos (Limoges, Royal Family, Fabergé, ortodoxos.).

- **Mai**

Dia Internacional dos Museus - (18 de maio)

Comemorações e atividades - (13 a 24 de maio)

A tutela do Museu é uma peça fundamental no funcionamento do serviço educativo do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu. Influencia quer a parte da elaboração dos programas e divulgação, quer a parte da execução, nomeadamente o apoio dos recursos financeiros, logísticos e humanos.¹⁷⁸

3.6. Casa-Museu Frederico de Freitas

3.6.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

Em 1999 foi finalizada a segunda fase da Casa-Museu Frederico de Freitas que incluiu a inauguração de novos espaços de Exposição Permanente (Sala das Canecas, Cozinha, Biblioteca e a Casa dos Azulejos) da Casa-Museu, concluindo as instalações destinadas a acolher os Serviços Educativos (Casa da Entrada).

O investimento dotou a Casa-Museu dos meios físicos específicos para o funcionamento dos Serviços de Educação e de Animação e acarretou responsabilidades acrescidas. Desta forma, a Casa-Museu Frederico de Freitas passou a assumir um papel mais ativo no âmbito das responsabilidades culturais e educativas.¹⁷⁹ A decisão de proporcionar melhores serviços teve como motivo principal a rentabilização do espaço e assim, tirar dividendos das invulgares condições que a Casa-Museu passou a dispor.

O Museu é um local de conservação, de investigação, de divulgação e de educação, sendo estas as grandes prioridades que norteiam a atuação desta instituição museológica. Os Serviços de Educação da Casa-Museu Frederico de Freitas foram criados em setembro de 2001, com o objetivo de colmatar algumas lacunas no âmbito da vertente educativa.

¹⁷⁸ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 4).

¹⁷⁹ Informação facultada pela direção da Casa-Museu Frederico de Freitas via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 1)

Dado que a visita é a primeira e principal forma de contacto com o público, o acolhimento dos diferentes públicos é uma preocupação fundamental. O acolhimento é feito de um modo especialmente cuidado e personalizado, tendo em conta os diferentes interesses e as motivações de cada visitante.

Se os visitantes forem encarados como um potencial meio de divulgação do Museu, a impressão positiva com que os mesmos ficam servirá como um incentivo a outras pessoas para procurarem e visitarem a instituição. Deste modo, é evidente a importância do Serviço Educativo da Casa-Museu Frederico de Freitas, visto que se encarrega do acolhimento dos visitantes e tem a possibilidade de responder eficazmente às crescentes solicitações que a instituição recebe por parte de diferentes públicos no momento da visita.

O Serviço Educativo é independente e autónomo, mas trabalha em estreita colaboração e sintonia com a Direção e o Serviço de Gestão das Coleções. O seu funcionamento decorre de segunda a sexta, das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30 e, em dias excepcionais como o Dia Nacional do Azulejo (6 de maio), o Dia Internacional dos Museus (18 de maio) e em Comemorações de Efemérides (Dia do Pai, Dia da Mãe, etc.)¹⁸⁰.

A dimensão das áreas de exposição da Casa-Museu Frederico de Freitas, a diversidade do seu acervo e o modo como é encarado o funcionamento dos Serviços Educativos serviram como pretexto para que fosse criado desde o início, no mínimo, uma equipa de dois elementos, com formações diferenciadas - artes plásticas e história. Atualmente, a equipa é formada por dois professores que prestam serviço em regime de requisição. Desta maneira, ambos os elementos trocam ideias e impressões, de forma a apresentar um programa credível, criativo e aliciante¹⁸¹.

3.6.2 - Princípios Educacionais Subjacentes

A Casa-Museu é um local de estudo, preservação, divulgação e fruição do património cultural madeirense e, nesse âmbito, o Serviço Educativo trabalha no sentido de consciencializar os madeirenses a conhecer e usufruir da sua herança cultural. Trata-se de um serviço crucial e interventivo que trabalha em prol da Educação para a Arte e para a Cidadania, estando especialmente vocacionado para responder às expectativas e

¹⁸⁰ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 1).

¹⁸¹ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 2).

solicitações da comunidade regional, nomeadamente estabelecimentos de qualquer grau de ensino e instituições de solidariedade social¹⁸².

3.6.3 - Atividades Educativas e Culturais

Desde a sua fundação, os Serviços Educativos assumem a responsabilidade de preparar, planificar e realizar visitas temáticas, de curta e longa duração, assim como atividades complementares de carácter lúdico, de expressão escrita, plástica e dramática¹⁸³.

A elaboração de materiais didáticos consiste na criação de jogos, textos, fichas lúdicas e formativas, maletas pedagógicas, entre outros materiais. Todo o material utilizado é encarado como uma forma de estimular a curiosidade e incentivar a aprendizagem.

A promoção de ações e reuniões com os professores, por intermédio da instituição museológica, tem como intuito a sensibilização para a importância da cooperação entre as escolas e os museus no processo educativo. Neste sentido, a Casa-Museu Frederico de Freitas apresenta propostas educativas e um programa de atividades de carácter próprio, facultando textos de apoio e documentação variada sobre a instituição e as atividades programadas.

A procura de apoio de grupos de teatro escolares e a recorrência a trabalhos de voluntariado servem para alargar o leque de serviços disponibilizados pela Casa-Museu. É assim que as visitas temáticas animadas, peças teatrais, espetáculos e outros tipos de intervenções dramáticas constituem um valioso contributo para as iniciativas promovidas por esta instituição¹⁸⁴.

O estabelecimento de parcerias com escolas e outras instituições resulta no desenvolvimento de atividades de longa duração. A presença deste serviço em estabelecimentos de ensino, museus e outros organismos congéneres possibilita a apresentação de comunicações no âmbito da temática “O Museu e a Escola”, o que por sua vez promove a Casa-Museu, divulga os seus serviços como forma de indução para novas atividades e assim angariar outro tipo de público.

¹⁸² Ibidem (Questionário, pergunta n.º 3).

¹⁸³ Disponível em https://pt.calameo.com/read/002808057c0753adcc861?fbclid=IwAR1vWt-UBUHVk_gyrzn5BvWSb_1-NYpcpsgMBo6eoCf_TRutDbG8kRS7mE

¹⁸⁴ Informação facultada pela direção da Casa-Museu Frederico de Freitas via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 2).

O Serviço Educativo da Casa-Museu Frederico de Freitas cativa outro tipo de visitantes. Tanto recebem e facultam documentação específica, como também esclarecem os profissionais do setor turístico, criando inclusive percursos de visitas especialmente vocacionadas para a terceira idade ou para pessoas com necessidades educativas especiais¹⁸⁵.

O serviço educativo também organiza ateliers de tempos livres destinados a públicos mais jovens ou grupos intergeracionais, adequados às diferentes épocas¹⁸⁶ do ano¹⁸⁷.

Deste modo, o serviço educativo da Casa-Museu Frederico de Freitas é considerado uma das vertentes prioritárias da instituição. Assenta hoje em sólidas raízes e usufrui de um claro reconhecimento e aceitação por parte da comunidade regional. Isto resulta do trabalho árduo e constante dos técnicos responsáveis e de toda a restante equipa, incluindo a diretora. A diretora acompanha de perto o trabalho desenvolvido, assim como a elaboração do programa anual, incentivando a possível realização de novos projetos e desafios que surgem anualmente. A direção é também responsável por reunir meios e criar as condições necessárias à concretização das diferentes atividades¹⁸⁸.

3.7. Museu da Baleia da Madeira

3.7.1 - Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

O serviço educativo do Museu da Baleia surgiu com a necessidade de comunicar os conteúdos das exposições a novos públicos. É uma subunidade do Museu, que dispõe de espaços e equipamentos específicos para explicar e explorar. Quer a nível teórico, quer a nível prático, as exposições e o conhecimento gerado no Museu da Baleia são relativos à Caça à Baleia e à conservação das baleias e golfinhos. O serviço educativo desta instituição museológica conta com 3 a 4 pessoas¹⁸⁹.

¹⁸⁵ Ibidem.

¹⁸⁶ Natal, Páscoa, Férias de Verão, entre outros.

¹⁸⁷ Informação facultada pela direção da Casa-Museu Frederico de Freitas via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 2).

¹⁸⁸ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 4).

¹⁸⁹ Informação facultada pela direção do Museu da Baleia da Madeira via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 1).

3.7.2 - Princípios Educacionais Subjacentes

O Serviço Educativo do Museu da Baleia tem uma elevada abrangência regional, envolvendo muitos participantes nas suas atividades, provenientes de escolas e outras instituições. O Museu da Baleia da Madeira tem como missão educativa promover a construção do conhecimento através da realização de ações baseadas no património cultural, a história da caça à baleia na Madeira, e no património natural marinho, em particular a diversidade de cetáceos do Arquipélago da Madeira, o mar e a sustentabilidade dos oceanos¹⁹⁰.

O projeto educativo assenta nas temáticas e discurso museológicos, disponibilizando atividades que incluem uma componente prática, direcionadas para cada ano de escolaridade, desde o ensino pré-escolar até ao secundário, em consonância com os currículos escolares. No início de cada ano letivo, é feita a apresentação de um plano de atividades didáticas em linha com a missão do museu¹⁹¹.

3.7.3 - Atividades Educativas e Culturais

O Museu desenvolve um conjunto de iniciativas de sensibilização, divulgação, formação e informação, recorrendo a inúmeras estratégias de comunicação, com significado para a identidade e memória coletivas.

O projeto educativo do museu envolve a orientação de visitas de estudo, o desenvolvimento de palestras nas escolas, entre outros. Neste âmbito também desenvolve e executa ações de educação ambiental, incluindo a realização de atividades em parceria com as escolas locais¹⁹².

O Museu é tutelado pela Câmara Municipal de Machico, que deixa o planeamento das atividades anuais ao critério da equipa do museu¹⁹³.

¹⁹⁰ Ibidem. (Questionário, pergunta n.º2)

¹⁹¹ Anexo n.º 17.

¹⁹² Informação facultada pela direção do Museu da Baleia da Madeira via correio electrónico. (Questionário, pergunta n.º 2).

¹⁹³ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 4).

Programa / Ações
Visitas de estudo
Os cetáceos vão à escola
Desafio educativo
O dia da ciência
Biblioteca escolar
Projeto “Mara salva os roazes”
Ações de formação para professores
Comunicações
Parcerias com as escolas locais
Colaboração com as escolas em atividades de enriquecimento curricular
Ações de educação ambiental
Exposições temporárias

Tabela n.º 1 ¹⁹⁴

3.8. Solar do Ribeirinho - Núcleo Museológico de Machico

3.8.1. Enquadramento Histórico do Serviço Educativo

O serviço educativo do Solar do Ribeirinho - Núcleo Museológico de Machico foi criado no ano letivo 2011-2012 e tem como finalidade a criação de novas fórmulas de relação evento/público, partindo de um espaço privilegiado de forte pendor histórico

¹⁹⁴ Anexo n.º 17.

e que encerra muitas memórias. O Serviço Educativo é constituído por três membros, uma Técnica de Serviço Educativo e dois colaboradores¹⁹⁵.

3.8.2. Princípios Educacionais Subjacentes

O serviço educativo do Solar do Ribeirinho - Núcleo Museológico de Machico segue três princípios educacionais fundamentais no momento da elaboração e execução das atividades de cariz educativo e cultural. O primeiro princípio envolve o aprender, pesquisar e divulgar a cultura, a arte e o saber. Neste sentido, as atividades realizadas no museu ajudam o visitante a adquirir mais conhecimento sobre a história da instituição, incluindo as peças artísticas expostas. Além disso, a divulgação de informação sobre a história do Núcleo Museológico de Machico, bem como do seu acervo, melhoram a cultura dos visitantes. Pretende-se que os visitantes despertem o interesse necessário para obter mais conhecimento sobre os temas associados à instituição.

O segundo princípio consiste em educar para a cidadania. Tem como fim contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.

O terceiro princípio reflete-se na consciencialização da importância da memória histórica e ancestral do concelho de Machico¹⁹⁶. Neste sentido, o Núcleo Museológico de Machico transmite através das atividades do seu serviço educativo que o começo da história da ilha da Madeira começou em Machico. A 1 de julho de 1419 Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira desembarcaram neste concelho, sendo esta a data oficial da descoberta da Madeira. Os frades franciscanos que acompanharam a expedição celebraram a primeira missa no dia seguinte, como forma de agradecimento e júbilo pela descoberta, indicando-se ser dia da Visitação de Nossa Senhora, que antigamente se celebrava a 2 de julho, pelo que a chegada teria sido no dia anterior.

3.8.3 - Atividades Educativas e Culturais

O Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico realiza anualmente um programa educativo com ações direcionadas para o público escolar e sénior. O

¹⁹⁵ Informação facultada pela direção do Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico via correio electrónico (Questionário, pergunta n.º 1).

¹⁹⁶ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 3).

serviço realiza diversas iniciativas culturais, nomeadamente visitas guiadas, exposições, giros pelo património, ateliês, comemoração de efemérides, concursos escolares, conferências, entre outras¹⁹⁷. A política da tutela, a Câmara Municipal de Machico, vai totalmente ao encontro do programa de atividades proposto pelos Serviços Educativos do Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico. A tutela desempenha, neste sentido, um papel importante no desenvolvimento das atividades educativas e culturais¹⁹⁸.

¹⁹⁷ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 2).

¹⁹⁸ Ibidem (Questionário, pergunta n.º 4).

Conclusão

O serviço educativo de uma instituição, definido pelo artigo 1 da Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro, referente à Lei de Bases do Sistema Educativo, consiste no conjunto de meios necessários à concretização do direito à educação, de forma a garantir uma ação formativa contínua e permanente dos indivíduos, favorecendo o seu progresso social e a democratização da sociedade. Desta maneira, o serviço educativo, através das ações formativas, fomenta o desenvolvimento social dos indivíduos, o que, por sua vez, auxilia a formação da sua personalidade e identidade.

Na Região Autónoma da Madeira, o Museu de História Natural do Funchal foi o museu pioneiro no que toca à constituição de uma equipa de serviços educativos. Mais tarde, e no mesmo sentido, o Museu de Arte Sacra do Funchal criou uma equipa de serviços educativos, sendo que serviu como modelo de referência não só para outros museus situados no concelho do Funchal, como também para os museus localizados em outros concelhos da Região.

A estrutura dos serviços educativos está diretamente ligada à temática central de cada instituição museológica, assim como à sua história. É por esta razão que o serviço educativo de cada museu abordado segue uma estrutura concisa e consolidada.

O número de membros que fazem parte de cada serviço educativo dos museus estudados tem influência, até certo ponto, nas atividades educativas e culturais realizadas por cada um deles. Nos museus referidos, este número varia entre dois a sete membros. O serviço educativo da Casa-Museu Frederico de Freitas, por exemplo, é composto atualmente por uma equipa de apenas dois professores que prestam serviço em regime de requisição. No sentido oposto, o serviço educativo do Museu de História Natural do Funchal conta com um professor licenciado em Biologia, designado pela Secretaria Regional da Educação, e seis conservadores, perfazendo um total de sete investigadores.

Os serviços educativos dos museus do arquipélago da Madeira realizam atividades educativas e culturais destinadas a vários públicos-alvos. O serviço educativo do Museu de História Natural do Funchal desenvolve atividades para todos os graus de ensino, desde o pré-escolar, até ao ensino superior. Tal como o Museu de História Natural do Funchal, o serviço educativo do Museu Quinta das Cruzes elabora atividades para o mesmo público-alvo, embora também realize atividades para grupos mais específicos: educadores, professores e formadores, incluindo os cursos EFA. Já o serviço educativo do Museu da Baleia da Madeira elabora atividades direcionadas para

cada ano de escolaridade, do ensino pré-escolar ao secundário, em consonância com os currículos escolares.

As atividades do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Abreu estão divididas pelos vários públicos, faixas etárias e graus de conhecimento. No caso do Museu Henrique e Francisco Franco, as atividades dinamizadas pelo seu serviço educativo estão organizadas conforme o tipo de atividade e público-alvo. O Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico realiza anualmente um programa educativo com ações direcionadas para o público escolar e sénior. A Casa-Museu Frederico de Freitas, através do seu serviço educativo, organiza atividades direcionadas para professores e alunos, bem como para as famílias, adultos e seniores¹⁹⁹.

No Museu de Arte Sacra do Funchal, o seu serviço educativo, modelo de referência para os restantes, desenvolve atividades para vários públicos: crianças, jovens, terceira idade e pessoas com necessidades educativas especiais. O serviço educativo do museu abrange não só grupos do universo escolar, mas também público adulto e sénior, no contexto das universidades seniores, instituições de solidariedade social, entre outros.

Dito isto, pode-se dizer que os museus do arquipélago da Madeira, especialmente os que foram abordados neste trabalho, realizam atividades educativas e culturais para o público escolar abrangendo os vários graus de ensino. Em casos concretos, são criados programas direcionados tanto para o público escolar como para o público em geral.

Quando nos detemos no número de atividades educativas e culturais desenvolvidas pelos museus abordados todos apresentam uma vasta diversidade nos seus programas. Num âmbito geral, as instituições museológicas em questão possuem um projeto educativo assente na orientação de visitas de estudo, palestras nos estabelecimentos de ensino e outras instituições, e na criação e execução de ações conforme a temática de cada museu. Os museus também realizam atividades no âmbito de parcerias com as escolas locais. Além disso, as propostas educativas destes museus distribuem-se por diversas ações, tais como as visitas gerais guiadas às coleções, visitas temáticas, atividades educativas de complemento às visitas guiadas, teatros de fantoches, ateliês e projetos educativos pontuais, entre outras atividades lúdico-

¹⁹⁹ Disponível em: https://pt.calameo.com/read/002808057c0753adcc861?fbclid=IwAR1vWt-UBUHVk_gyrzn5BvWSb_I-NYpcpsgMBo6eoCf_TRutDbG8kRS7mE

educativas. Alguns museus, além das atividades referidas elaboram ainda oficinas educativas, concursos escolares, conferências e atividades no exterior.

Todos os museus aqui constantados têm em comum o desenvolvimento de um conjunto de iniciativas que procuram, em última análise, a sensibilização, a divulgação, a informação e a formação, recorrendo a variadas estratégias de comunicação, em alguns casos muito específicas, de forma a criar, difundir ou mesmo perpetuar significados e memórias coletivas, edificantes para a identidade das comunidades onde estão inseridos.

No decorrer deste trabalho foi criado um questionário direcionado aos diretores dos museus, de forma a adquirir informação relevante sobre os seus serviços educativos. Procurou-se enquadrar e compreender a influência da tutela no desenho das atividades desenvolvidas pelos vários serviços educativos. De acordo com as respostas obtidas é possível afirmar que a tutela deixa ao critério das equipas dos museus o planeamento das suas atividades. Facultar os recursos necessários a nível financeiro, logístico ou mesmo humano, papel não tão menos importante no delinear e implementar de atividades educativas e culturais dos serviços educativos, fica a cargo da tutela de cada um dos museus.

O apoio dado pelas tutelas de cada museu é evidente a diversos níveis. A sua influência no programa de atividades educativas e culturais determina o seu papel ativo, quer nos recursos disponibilizados, quer, nalguns casos, nas sugestões de possíveis atividades a pôr em prática. Os serviços educativos do Museu de História Natural do Funchal possuem autonomia total na programação das atividades e, ocasionalmente, a tutela sugere atividades que possam ser realizadas. Porém, as atividades e os programas desenvolvidos são normalmente projetados, debatidos e aprovados no seio do Conselho de Conservadores, o órgão técnico máximo do museu. O Museu de Arte Sacra do Funchal tem autonomia científica para definir conceptualmente todas as suas atividades educativas e culturais. No entanto, a relação das coleções do museu com o património regional de natureza religiosa e as celebrações anuais do calendário litúrgico são sempre tidas em conta juntamente com a tutela.

No caso do Museu Quinta das Cruzes, o serviço educativo elabora as iniciativas culturais promovidas pela tutela, quando é requisitado para este efeito. O serviço educativo tem autonomia na criação do seu programa educativo, desde que o objetivo central seja a divulgação das coleções e da história do museu e as ações educativas respeitem o regulamento interno da instituição. Relativamente à aquisição dos recursos

materiais necessários à operacionalização dos projetos educativos, este serviço depende financeiramente da tutela, uma vez que o museu não possui orçamento próprio. O Museu Henrique e Francisco Franco também não dispõe de um financiamento próprio, e assim, fica dependente⁵ financeiramente, da tutela. O desenho das atividades desenvolvidas pelo seu serviço educativo é estudado e discutido com a tutela e os parceiros. Os restantes museus seguem o mesmo procedimento e respeitam totalmente a política da tutela, ficando o planeamento das atividades ao critério dos respetivos serviços educativos.

O artigo 1.2 do Código de Ética do ICOM para Museus realça que a “... autoridade de tutela deve elaborar, tornar público e cumprir um texto legal defina a missão, os objetivos e as políticas do museu, assim como seu próprio papel e composição”²⁰⁰ é justo afirmar que a tutela dos museus abordados e analisados neste trabalho é uma peça fulcral no seu funcionamento, quer quando define legalmente as bases que os sustentam (missão, objetivos e políticas), quer quando explicita os termos das relações que os guiam. A tutela desempenha assim, também, um papel importantíssimo no desenvolvimento das atividades educativas e culturais nos museus, quando disponibiliza a estas instituições os recursos necessários (sejam financeiros, logísticos ou humanos) para a sua realização.

Em suma, constata-se que os museus, como instituições polivalentes, têm vindo a registar um desenvolvimento excecional, tanto qualitativo como quantitativo, ao longo dos tempos. Os museus do Arquipélago da Madeira, incluindo os que foram abordados neste trabalho, não são exceção. Além disso, cada vez mais se nota, na sociedade madeirense, uma maior valorização do museu como espaço complexo de construção e transmissão de conhecimentos, nas áreas temáticas de cada museu. Desta forma, é possível dizer que a função educativa destes museus é cumprida com excelência, fruto de todo o trabalho e investimento que é feito nestas instituições museológicas pelas tutelas, direções e respetivas equipas

²⁰⁰Código de Ética do ICOM para Museus (Versão Lusófona). P. 15. Disponível em: http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf

Webgrafia

Plataforma online do ICOM (International Council of Museums)

<https://icom.museum/en/>

<https://icom.museum/en/about-us/history-of-icom/>

<http://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/museum-definition/>

Plataforma online oficial da Comissão Nacional da UNESCO

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/>

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/museus>

Plataforma online oficial da Academia Portuguesa de História

<https://academiaportuguesadahistoria.gov.pt>

Plataforma online “Museus da Madeira”

<https://museus.madeira.gov.pt/>

<https://museus.madeira.gov.pt/Apresentacao#museu1>

Plataforma online da “Madeira Cultura – Agenda Cultural”

<http://cultura.madeira-edu.pt/agendacultural/AgendaCultural/tabid/781/language/pt-PT/Default.aspx>

<http://cultura.madeira->

[edu.pt/museus/Museus/CasaMuseuFredericodeFreitas/tabid/188/language/pt-PT/Default.aspx](http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/CasaMuseuFredericodeFreitas/tabid/188/language/pt-PT/Default.aspx)

<http://cultura.madeira->

[edu.pt/museus/Museus/N250cleoMuseol243gicodeMachico/tabid/205/language/pt-PT/Default.aspx](http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/N250cleoMuseol243gicodeMachico/tabid/205/language/pt-PT/Default.aspx)

<http://cultura.madeira->

[edu.pt/museus/Museus/UniversodeMem243riasJo227oCarlosAbreu/tabid/203/language/pt-PT/Default.aspx](http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/UniversodeMem243riasJo227oCarlosAbreu/tabid/203/language/pt-PT/Default.aspx)

Plataforma online do Museu da Ciência, situado na Universidade de Coimbra.

<http://www.museudaciencia.org/index.php?module=content&option=museum&action=museum>

Plataforma online do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda

<https://www.isa.ulisboa.pt/jba/apresentacao/historia-do-jba>

Plataforma online oficial da Câmara Municipal de Machico

<https://www.cm-machico.pt/index.php/>

Secção do Museu da Baleia da Madeira

<https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/content/posts/20/0>

<https://www.cm-machico.pt/index.php/pages/news/16>

Secção sobre o Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico

Plataforma online do Museu da Baleia (blogue)

<http://www.museudabaleia.org/pt/>

<http://www.museudabaleia.org/pt/o-museu/historia-do-museu.html>

Plataforma online do Museu Quinta das Cruzes

<https://mqc.madeira.gov.pt/>

<http://mqc.madeira.gov.pt/museu/historia-do-museu/>

Plataforma online oficial da Câmara Municipal do Funchal

<http://www.cm-funchal.pt/pt/home.html>

Secção sobre o Museu de História Natural do Funchal

<http://www.cm-funchal.pt/pt/serviços/ciência/museu-de-história-natural-do-funchal/sobre-o-museu.html>

Referências bibliográficas

Alexander, Edward Porter & Alexander, Mary. *Museums in motion: an introduction to the history and functions of museums*. Rowman Altamira, 2008.

Amador, M. D. R. H. (2011). *Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel activo na formação das crianças* (Dissertação de Doutoramento), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Anastácio, E. M. R. P. (2009). *O multimédia na educação museológica: uma experiência interactiva para o Museu Romântico* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Barbosa, S. D. F. (2006). “Serviços educativos online nos museus: análise das actividades” (Dissertação de mestrado). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Barriga, S., & Silva, S. G. D. (2007). *Serviços educativos na cultura*. Porto: Setepés

Ezequiel, C. S. M. (2015). *O serviço Educativo como mediador entre a Coleção António Cachola e os públicos-Programa, "Uma obra para todos"*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Artes e Design. Instituto Politécnico de Leiria.

Fróis, J. P. (2008). *Os Museus de Arte e a Educação: discursos e práticas contemporâneas*. Museologia. Pt, N°2.

Kotler, N. G., Kotler, P., & Kotler, W. I. (2008). *Museum marketing and strategy: designing missions, building audiences, generating revenue and resources*. John Wiley & Sons. Disponível em:

https://books.google.pt/books?id=4zoZDQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Leal, V. O. (2007). *As artes plásticas como actividade lúdica no espaço museal: estudo de caso "Manhãs no museu", realizadas no Museu de Arte Sacra, do Funchal* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Artes, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

Mendes, J. A. (1999). *O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências actuais*.

Mendes, J. A. (2013). *Estudos do património: museus e educação*, 2ª edição. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.

Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. (Dissertação de Mestrado em Educação Artística). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa.

Município De Machico, *Estatutos, criação do Museu da Baleia na Freguesia do Caniçal*, Concelho de Machico, Arquivo Administrativo do Museu da Baleia da Madeira, 1990, 4 p.;

MUSEU DA BALEIA DA MADEIRA. Plano Estratégico 2010 – 2014. 2ª versão, Arquivo Administrativo do Museu da Baleia da Madeira, 2010, 28 p..

Neves, J. S., Santos, J. A., & Lima, M. J. (2013). *O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI*. Direcção-Geral do Património Cultural.

Padilha, R. C. (2014). *Documentação museológica e gestão de acervo*. Coleção Estudos Museológicos Florianópolis: FCC Edições.

Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Sousa, F. C. (2008). *Guia dos Museus do Funchal*, Coleção Guias do Funchal-1, Funchal 500 Anos, E.M. Funchal.

Legislação

Decreto-lei n.º 28/2015 de 11 de fevereiro (2015). Diário da República. Série II, P. 3972 – 3997.

Decreto Lei n.º 863/76 de 23 de dezembro (1976). *Cria o Museu do Trajo e o Parque Botânico de Monteiro-Mor*. Diário da República, 1ª série, N.º 298. P. 2821 – 2822.

Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto, (2004). *Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses*. Diário Da República, n.º 195. 1ª Série – A. P. 5379 – 5394.

Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro, (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da República, nº237. 1ª Série. P. 3067 – 3081.

Portaria n.º 343/2008 de 30 de abril. (2008). Diário da República, 1.ª série — N.º 84. P. 2451 a 2452.

Fontes

Direção do Museu Quinta das Cruzes - Direção de Serviços de Museus e Património Cultural - Direção Regional da Cultura - Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

Casa-Museu Frederico de Freitas- Direção Regional da Cultura - Secretaria Regional do Turismo e Cultura - <http://madeira.gov.pt/srtc> - Calçada de Santa Clara n.º7 · 9000-036 Funchal- T. +351 291 202 570

Solar do Ribeirinho - Núcleo Museológico de Machico - Rua do Ribeirinho, nº15, 9200-102 Machico- Tlf: 291 964 118

Museu de História Natural do Funchal Rua da Mouraria, 32. 9004 – 546 Funchal- Câmara Municipal do Funchal Divisão de Ciência - Telf. +351 -291-700360; Fax: +351 – 291 – 211- 1009; e-mail: manuel.biscoito@cm-funchal.pt

Museu da Baleia da Madeira | Madeira Whale Museum - Rua Garcia Moniz, n.º 1 | 9200-031 Caniçal | Madeira.

Universo de Memórias João Carlos Abreu (Centro Cívico e Cultural de Santa Clara) - Calçada de Santa Clara, 2· 9050-206 Funchal - T. +351 291 225 122 F. +351 291 225 122 - Direção Regional da Cultura.

Museu Henrique e Francisco Franco - Rua João de Deus - 9004-027 Funchal, Madeira, Portugal - Telef: +351 291 211 090 | Ext: 2545 - E-mail: museu.franco@cm-funchal.pt | Website: www.cm-funchal.pt

Museu de Arte Sacra do Funchal - Rua do Bispo. 21, 9000-073 Funchal - Telefone: 291 228 900 - E-mail: masf@netmadeira.com

Iconografia

Gráfico 1 – Museus com serviço educativo por ano 2000 – 2009 (Fonte: Neves, 2013).....	20
Figura 1- Museu de História Natural do Funchal.....	26
Figura 2 - Entrada do Museu de História Natural do Funchal.....	29
Figura 3 - Museu de Arte Sacra do Funchal.....	32
Figura 4 - Entrada do Museu de Arte Sacra do Funchal.....	33
Figura 5 – Museu Quinta das Cruzes.....	35
Figura 6 - Entrada do Museu Quinta das Cruzes.....	37
Figura 7 - Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias de João Carlos Abreu.....	41
Figura 8 - Vista lateral do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias de João Carlos Abreu.....	42
Figura 9 – Museu Henrique e Francisco Franco.....	44
Figura 10 – Casa-Museu Frederico de Freitas.....	47
Figura 11 - Museu da Baleia da Madeira.....	51
Figura 12 - Entrada do Museu da Baleia da Madeira.....	54
Figura 13 - Solar do Ribeirinho – Núcleo Museológico de Machico.....	57
Quadro 1 - Plano de Atividades do Serviço Educativo da Câmara Municipal do Funchal 2019/2020.....	60
Figura 14- Modelo educativo em circuito aberto para o serviço educativo do Museu de Arte Sacra. Fonte: (Mendes, M. P. (2013). <i>Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal</i>. Dissertação de Mestrado.....	65

Anexos

Anexo n.º 1 - Questionário enviado aos diretores das instituições museológicas abordadas neste trabalho.



Rui Filipe da Silva Sé Fernandes

Instituição: Universidade da Madeira

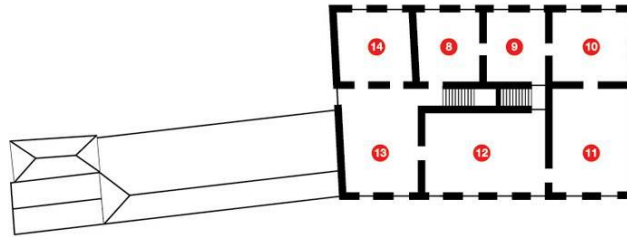
Curso: Estudos Regionais e Locais (2.º ciclo)

As perguntas presentes neste questionário têm como propósito de obter informação crucial para o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado sobre os serviços educativos dos museus da Madeira, no âmbito do curso de 2.º ciclo “Estudos Regionais e Locais”. Conto com a vossa colaboração no preenchimento deste questionário.

QUESTIONÁRIO

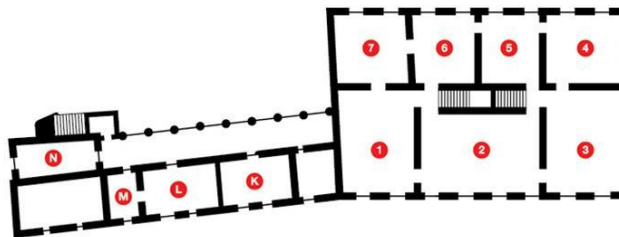
- 1 – Como surgiu o serviço educativo e de que forma está estruturado na instituição museológica?
- 2 – O serviço educativo da instituição museológica é composto por quantos membros e quais os principais programas e ações desenvolvidas por este serviço?
- 3 – Que papel julga que o serviço educativo desempenha junto da sociedade madeirense. Quais os princípios educacionais defendidos?
- 4 – De que forma a tutela do museu tem influência no desenho das atividades desenvolvidas pelos serviços educativos?

Anexo n.º 2 - Distribuição das coleções do Museu de Arte Sacra pelo espaço do edifício. (Fonte: Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. (Dissertação de Mestrado em Educação Artística). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. P. 207).



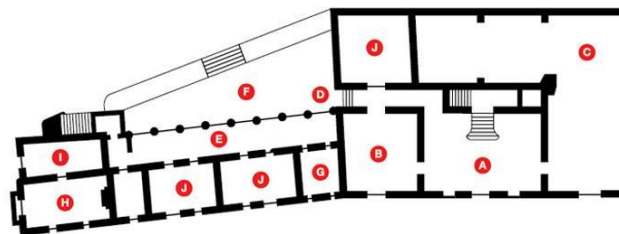
2º Andar

- | | |
|---------------------------------|---------------------------------|
| 8 Escultura e Pintura Flamenga | 12 Pintura Flamenga |
| 9 Escultura e Pintura Flamenga | 13 Escultura e Pintura Flamenga |
| 10 Escultura e Pintura Flamenga | 14 Pintura Portuguesa |
| 11 Escultura e Pintura Flamenga | |



1º Andar

- | | |
|--|---|
| K Sala de Apoio Técnico e Centro de Documentação | 3 Sala do Camarim da Sé do Funchal do século XVII |
| L Serviço Educativo | 4 Sala de Arte Portuguesa do século XVI |
| M Serviço Administrativo | 5 Sala de Arte Portuguesa do século XVII e XVI |
| N Direção | 6 Sala de Arte Portuguesa do século XVII e Arte Luso-Oriental |
| 1 Sala de Ourivesaria Portuguesa e Estrangeira, sécs. XV-XVII | 7 Sala de Escultura Portuguesa do século XVIII |
| 2 Sala de Ourivesaria Portuguesa e Paramentaria dos séculos XVII-XVIII | |



Rêz-do-chão

- | | |
|--|---------------------------------|
| A Entrada Principal (Rua do Bispo) | F Cafeteria / Esplanada |
| B Recepção e Loja do Museu | G WC |
| C Sala de Exposições Temporárias | H Capela de S. Luís de Toulousa |
| D Entrada Lateral (Praça do Município) | I Sacristia |
| E Cafeteria | J Áreas Técnicas |

Anexo n.º 3 - Esquematização da relação de fatores a ponderar pelo serviço educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal na planificação e organização de atividades educativas. (Fonte: Mendes, M. P. (2013). *Diálogos entre arte antiga e arte contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal*. (Dissertação de Mestrado em Educação Artística). Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. P.51).

Quadro 1 – Esquematização da relação de fatores a ponderar pelo serviço educativo do MASF na planificação e organização de atividades educativas.

PROCESSO DE PLANIFICAÇÃO DE UMA VISITA AO MASF.				
Seleccção e ponderação dos seguintes factores:				
Colecções do MASF	Contexto e meio das escolas e instituições	Curricula Nacional	Efemérides e celebrações pontuais	Programas /oficinas e actividades
<p>1 <i>Arte portuguesa</i> 2 <i>Arte Flamenga</i> 3 <i>Exposições temporárias</i></p> <p>Abordagem aos objectos artísticos dos seguintes domínios:</p> <ul style="list-style-type: none"> . ARQUITECTURA . PARAMENTARIA . PINTURA . ESCULTURA . OURIVERISARIA . AZULEJARIA <p>Contextualização histórica e artística dos objectos, enquadrados nos seguintes períodos da História de Arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> . GÓTICO FINAL . RENASCIMENTO . MANUELINO . ARTE INDO-PORTUGUESA . MANEIRISMO . BARROCO . NEOCLÁSSICO . ARTE CONTEMPORÂNEA <p>(Projectos de revisitação)</p>	<p>No sentido de proporcionar um enquadramento, contextualização e comparação das obras com exemplos muito próximos do meio onde vivem os alunos/ visitantes, há que ter em conta o seguinte:</p> <p>1 Localidade de proveniência da escolas e instituições;</p> <p>2 O grau de proximidade com o património religioso (Catedrais, Igrejas, Capelas; mosteiros, núcleos museológicos paroquiais)</p>	<p>Níveis de ensino:</p> <ul style="list-style-type: none"> . PRÉ-PRIMÁRIA . 1.º, 2.º E 3 CICLOS DO ENSINO BÁSICO; . ENSINO SECUNDÁRIO . ENSINO PROFISSIONAL . ENSINO UNIVERSITÁRIO <p>Disciplinas ou situação interdisciplinar:</p> <ul style="list-style-type: none"> . ESTUDO DO MEIO . HISTORIA . HISTORIA DA ARTE OU DA CULTURA DAS ARTES . EDUCAÇÃO VISUAL . EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA . FILOSOFIA . EDUCAÇÃO MORAL <p>entre outras</p> <p>Levantamento dos CONTEÚDOS, OBJECTIVOS e COMPETÊNCIAS das disciplinas e ciclos de estudo que recorrem até ao Museu de Arte Sacra do Funchal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . NATAL . PÁSCOA . DIAS DO PAI E DA MÃE . SANTOS POPULARES . DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS (18 DE MAIO) . DIA INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (29 DE OUTUBRO) 	<ul style="list-style-type: none"> . PROGRAMA ESCOLAS . PROGRAMA CRIANÇAS . PROGRAMA FAMILIAS <p>. OFICINA: <i>Da torre avistam-se navios</i></p> <p>ACTIVIDADES:</p> <ul style="list-style-type: none"> . DESENHO; . ARTES PLÁSTICAS; . PEDIPAPERS; . CONFERENCIAS TEMÁTICAS . FORMAÇÃO PARA PROFESSORES

ANO 57. N.º 17.706
MESTRE ALBERTO DE ARAÚJO
Proprietário do Diário de Notícias
A Rua da Botica de S. Paulo
T. 20.1.30 | FAX: 2.20.1.30
Editor: J. DE ALMEIDA

Diário de Notícias

INDEPENDENTE
O jornal mais antigo e de maior circulação na Madeira

Sabado, 7 de Outubro 1933

Por motivo do aniversário da República, foi concedido o dia de folga, a começar a partir de amanhã e suspensa a planta a data dos trabalhos em favor da Agricultura e da Malagueta.

A COMEMORAÇÃO DO ANIVERSARIO DA REPUBLICA

O MUSEU REGIONAL

Os Bombeiros O Posto DE SOCORROS URGENTES Municipals

O Museu Regional
— Um trabalho de palmar entre a fundação de um novo museu regional e a inauguração do Museu Regional de S. Paulo, que se realizou no dia 23 de setembro.
— O Museu Regional de S. Paulo, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Os Bombeiros Municipals
— Os Bombeiros Municipals de S. Paulo, que se realizaram no dia 23 de setembro, foram inaugurados pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

O Posto DE SOCORROS URGENTES Municipals
— O Posto de Socorros Urgentes Municipals de S. Paulo, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Dr. José Lavrador
— O Dr. José Lavrador, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Q "CONDE ZEPPELIN"
— O "Conde Zeppelin", que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Ainda o Inquerito
— Ainda o inquerito, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Novos Interrogatorios
— Novos interrogatorios, que se realizaram no dia 23 de setembro, foram inaugurados pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

NA IGREJA DE S. PEDRO
— Na Igreja de S. Pedro, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

UM JULGAMENTO SENSACIONAL
— Um julgamento sensacional, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

O Interrogatorio a Torgler
— O interrogatorio a Torgler, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

As lampadas "Phillips"
— As lampadas "Phillips", que se realizaram no dia 23 de setembro, foram inauguradas pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

EM CUBA
— Em Cuba, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

TURISMO
— Turismo, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

A comissão internacional de inquerito e os advogados dos acusados
— A comissão internacional de inquerito e os advogados dos acusados, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um dos reus acusa a policia
— Um dos reus acusa a policia, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

Um plano revolucionario
— Um plano revolucionario, que se realizou no dia 23 de setembro, foi inaugurado pelo Sr. Engenheiro José Pedro de Freitas, vogal servido da Presidente da Câmara Municipal de S. Paulo.

...do, a regoio os todos...
 situação, não só o regoio mas
 o entusiasmo, a gratidão dos
 dados com as novas moradas...
 a grande e que se manifestava
 resão, nas atitudes de todos.

ntidades do Funchal embarcaram
 casolinas, para aquela freguesia.
 horas, Seguiram os srs. dr. João
 veia, Governador Substituto do
 Eng. António Teixeira de Sou-
 dente da Junta Geral, Dr. Agos-
 ardoso, Presidente da Comissão
 da União Nacional, Dr. Adolfo
 a Brazão, Inspector de Saúde,
 na Lino, Director da Junta Au-

**Imprensa local
 voz da Madeira.**

lo pelo ilustre homem de letras
 lóficio Bento de Gouveia, tendo
 fe da redacção e talentosos Jor-
 r. Amândio Rodrigues, apara-
 m o primeiro número da «Voz
 tra», novo semanário de feição
 armento, regional e nacionalista.
 do seu valor doutrínario, quer-
 rioridade dos seus limites, quer
 e seu aspecto gráfico, o mo-
 rio representa um esforço pro-
 que honra todos quantos com-
 para o seu aparecimento.
 magnífico editorial, definem-se
 os da «Voz da Madeira», que se
 rvir a Nação e a nossa terra.
 há anos trabalham devotada-
 Imprensa muito grato lhes é
 e aparecimento de um novo
 mado pelo mal não idealismo
 por alguns que dá todas as gu-
 servir os princípios naciona-
 lizador, ao mesmo tempo, as
 aspições da Madeira.

ção Distrital da União Nacio-
 on do seu Eustre presidente
 ostino Cardoso, ao director
 e da «Voz da Madeira» dirigi-
 mas felicitações, formulando
 longa vida do novo jornal.

A Tribuna

ontem mais um número do
 nacionalista «A Tribuna», em
 le do 28 de Maio.

ostre director — sr. Dr. Ma-
 e Freitas — a quem a actual
 lítica deve um conjunto de
 edições servios — o «Diá-
 rias» dirige os seus compri-
 apreçamento de mais um
 «A Tribuna».

Por iniciativa da Junta Geral

A inauguração da Casa-Museu “César Gomes”

Constituiu uma cerimónia brilhantíssima o acto inaugural da Casa-Museu «César Gomes», notável iniciativa da Junta Geral do Distrito.

Cerca das 21 horas começaram a reunir-se na Quinta das Cruzes, entidades oficiais, figuras mais salientes do nosso meio social e muitas senhoras.

A inauguração, que foi presidida pelo sr. Dr. João de Gouveia, ilustre Governador Substituto, em exercício, fez-se eram excitadamente 21,30 horas.

Por essa ocasião o sr. Eng. António Teixeira de Sousa, ilustre Presidente da Junta Geral do Distrito, proferiu o seguinte discurso:

«Apenas uma explicação prévia. Não vamos assistir a uma cerimónia inaugural, mas simplesmente proceder à abertura desta Casa-Museu «César Gomes», ainda em organização, dando ao público a possibilidade de observar as peças de mobiliário e outros artigos aqui expostos.

Deve-se ao esforço, à persistência e aos conhecimentos artísticos de César Gomes, conservador desta Casa-Museu, a possibilidade de reunir um conjunto de peças de apreciável valor. E de esperar que esta Casa-Museu, desenvolvendo-se e ampliando-se venha a constituir um notável repositório e um núcleo onde, porventura, venham a convergir as principais actividades artísticas da Madeira.

Sente-se a necessidade de conjugar os esforços que se manifestam e as dedicações que se revelam, para imprimir uma certa orientação e concluir pela definição da directriz que deve ser dada a um conjunto tão complexo e difícil de congregar.

O arranjo que provisoriamente foi dado, deve-se principalmente aos srs. Drs. José Leite Monteiro e Frederico de Freitas que juntamente com os srs. Dr. Angelo Silva, Padre Eduardo Pereira, Prof. Basto Machado e João Maria Henriques constituem a comissão organizadora.

No ano de 1946 a Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal titulóu, com César Filipe Gomes, um contrato pelo qual este cedia à Junta a sua colecção de arte e antiguidades com a condição da Junta instalar na Quinta das Cruzes, um Museu de Arte.

A Junta Geral — então da presidência do Dr. João Abel de Freitas e tendo como segais os Drs. Angelo Silva e Francisco Correia Figueira — diligenciou e

Deve-as ao velho curioso César Gomes a magnífica colecção de excelentes peças de mobiliário, tapeçarias, porcelanas, jóias, cerâmicas, cristais, gravuras, pinturas e outros culturas que agora figuram na Casa-Museu com o seu nome.

Com o valioso apoio da Junta Geral do Distrito do Funchal, a qual César Gomes cedeu, em 1946, a sua colecção de objectos de arte e antiguidades com a condição de ser instalada na Quinta das Cruzes um Museu de Arte, converteu-se assim uma iniciativa magnífica de bela projecção no movimento artístico da nossa terra. Neste momento é justa salientar a actividade da comissão encarregada de proceder aos trabalhos de organização da Casa-Museu, composta pelos srs. Drs. José Leite Monteiro, Dr. Frederico de Freitas, Dr. Angelo Silva, Pa. Eduardo Pereira, Prof. Basto Machado e João Maria Henriques.

A colecção de César Gomes serve de base ao Museu, Mas, posteriormente, foram adquiridas várias peças de grande valor artístico.

Que vemos no andar térreo do edifício? Mobiliário de antigas épocas: velhos armários que pertenceram a conventos já extintos na Madeira; candeleros portugueses, hispano-árabes, indo-portugueses e outros feitos nesta ilha. E também cerâmicas diversas, objectos de cobre e latão.

Nas nosas dependências do Museu podem admirar-se verdadeira excepcionalmente: tapeçarias, dos períodos Oropendola e Hopylandia. E peças, porcelanas (européias e orientais), cristais, jóias, tapetes, cerâmicas, prendem também a atenção do visitante.

Entre as peças de maior e de maior importância, a colecção de tapeçarias e tapetes, de origem e origem europeias.

Série II Ano LXXII N.º 2
599

> ESPÓLIO DE JOÃO CARLOS ABREU MOSTRA “UNIVERSO DE MEMÓRIAS” NUMA CASA INAUGURADA HOJE

Onze mil obras em exposição

«Quem ainda não a conhece não imagina o que está cá dentro», diz João Carlos Abreu. Aos críticos, o secretário convida a uma visita à casa.

CARLA BERRO
carla.berro@jornaldamadeira.pt



> João Carlos Abreu mostrou a casa à comunicação social e algumas das muitas obras

ras entidades, para realizarem conferências na casa “Universo de Memórias”. Uma casa onde as visitas serão guiadas e feitas de meia em meia hora.

O secretário regional do Turismo diz que, enquanto os visitantes esperarem pela hora da visita, poderão desfrutar de um vídeo que dá a conhecer aquilo que está exposto na casa.

«Uma verdadeira obra», realça o secretário regional do Turismo, o qual, instado a comentar as críticas que têm sido feitas a propósito deste investimento, convida a uma visita à casa. «Se depois, criticarem», apela.

Mais: o secretário regional do Turismo diz que trouxe obras de fora para a Região, «enquanto que há uns que levam da Madeira para fora». Por isso, prossegue, «cada qual que pense o que quiser».

Muita dinâmica

Quanto ao futuro, João Carlos Abreu diz que aquela casa, a ser inaugurada hoje, por Alberto João Jardim, terá de ter uma grande dinâmica. O secretário regional acredita que haverá muita colaboração no sentido de concretizar este desejo.

O secretário regional conta ainda arranjar mecenias por forma a ser mais fácil manter esta casa que é, sem dúvida, uma verdadeira “reliquia”. Biblioteca, salas de estar e jantar, sala de cavalos, cozinha, sala de jogos, quartos de dormir, entre outros, estes os compartimentos que a casa tem para mostrar. Uma exposição que pode ser visitada a partir do amanhã. e

Onze mil obras (incluindo as sete mil livres) oriundas dos “quatro cantos” do Mundo constituem a exposição “Universo de Memórias”, uma obra de João Carlos Abreu e que está patente num edifício recentemente recuperado e inaugurado, hoje, à Calçada de Santa Clara. Foi o próprio secretário regional do Turismo quem levou a comunicação social a conhecer os cantos daquela casa que João Carlos Abreu não considera ser museu, mas antes um espaço que dá a conhecer o seu espólio. Foi o próprio João Carlos Abreu quem “montou” a exposição, a qual, segundo releva, reflecte a sua vivência, a sua própria casa.

«isto é o testemunho da minha vida», diz o jornalista, da mão virada de um dos lados da vida da casa.



> A visita à casa vai ser guiada e durará meia hora



> O secretário quer que esta seja uma casa dinâmica

to», afirma. O secretário regional do Turismo diz que a exposição em causa tem para mostrar uma grande mistura de obras. «Há pinturas a óleo, há serigrafias, há de tudo. Não tive sequer cuidado de separar o que é

bom daquilo que é menos bom porque a minha casa é também assim. Há peças muito caras e peças muito baratas», diz o secretário regional do Turismo, o qual considera que a “sua” exposição está mais virada para

uma cultura oriental, a qual sempre o fascinou. João Carlos Abreu não sabe precisar o valor de todas as obras que doou à Madeira mas assegura que estão ali, seguramente, muitos milhares de contos.

O secretário regional do Turismo diz que esta nova casa cultural vai ter uma dinâmica muito grande. Esse é, pelo menos, o seu objectivo. Aliás, o poeta já enostou contactos com escritores italianos e franceses, entre out-

MUSEU HENRIQUE E FRANCISCO FRANCO



Tutelado pela Câmara Municipal do Funchal, o Museu Henrique e Francisco Franco, dedica-se ao estudo, conservação, apresentação e divulgação da obra dos irmãos Henrique e Francisco Franco, naturais da Ilha da Madeira e participantes ativos da modernidade portuguesa.

Henrique Franco (Pintor 1883 – 1961)

Henrique Franco de Sousa nasceu a 3 de Março de 1883, no Funchal. Em 1893, com o seu irmão Francisco Franco iniciou os estudos na Escola Industrial António Augusto Aguiar do Funchal. Ingressou na Escola de Belas Artes de Lisboa, em 1902, tendo como mestre mais marcante Columbano Bordalo Pinheiro. Aí notabilizou-se no curso de Pintura Histórica e Decorativa, tendo obtido medalhas de prata e bronze, menções honrosas e prémios. Em 1912 tornou-se bolseiro do Estado, através do Legado Valmor, estabelecendo-se primeiro em Madrid e depois em Paris. Com o início da I Grande Guerra, em 1914, regressou à Ilha da Madeira com o seu irmão Francisco Franco. Em 1921 tornou-se professor da Escola Industrial e Comercial António Augusto Aguiar do Funchal, onde leccionou até 1934, concorrendo, nesse ano, para o lugar de professor na Escola de Belas Artes de Lisboa, tendo sido o 1.º classificado. Em 1922 e 1924 expôs no Salon de la Societé Nationale des Beaux-Arts de Paris e no Salon D'Automne. Em Outubro de 1923 participou com Francisco Franco, Dordilo Gomes, Alfredo Miguéis e Diogo de Macedo na Exposição "5 Independentes". Na década de 30 participou numa série de obras importantes, onde revelou o seu gosto pela pintura histórica e decorativa e pela técnica do fresco, que estudou e explorou. Destacam-se os frescos da Via-sacra da Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Lisboa, o fresco O povo de Lisboa oferta os seus bens ao Mestre de Avis, do Museu Numismático – Casa da Moeda. Faleceu em Coimbra em 1961.



Paisagem | Henrique Franco, 1920, Pintura a óleo sobre cartão



Estudo para figura tumular Anjo Implorante | Francisco Franco, Funchal, 1915, Gesso

Francisco Franco (Escultor, 1885 – 1955)

Francisco Franco de Sousa nasceu no Funchal a 9 de Outubro de 1885. Em 1893 iniciou os estudos na Escola Industrial António Augusto Aguiar do Funchal. Ingressou na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1902, iniciando o Curso Especial de Escultura em 1907. Enquanto aluno participou em exposições anuais e nos concursos para os monumentos aos Heróis da Guerra Peninsular e à memória de Barahona Fernandes, obtendo menções honrosas. Em 1910 venceu o concurso para a bolsa de escultura do Legado Valmor, partindo nesse ano para Paris. Aí conviveu com jovens artistas portugueses, participou da intensa vida cultural da capital francesa e viajou por França, Holanda e Bélgica. Regressou à Ilha da Madeira em 1914 onde realizou vários bustos, destacando-se o busto comemorativo de João Gonçalves Zarco. Ainda a figura tumular – Anjo Implorante –, o Torso Alusivo ao Ataque dos Submarinos Alemães ao Funchal, e o Busto Simbólico do Aviador. Em 1921 regressou a Paris, iniciando uma época de trabalho intenso, e alcançando críticas favoráveis em diferentes exposições nos Salons de Paris. Datam deste período obras como, Busto do Pintor Manoel Jardim, Busto de Polaca, Torso de Mulher, Rapariga Francesa, Adão e Eva ou o Semeador. E em Paris que, com Dordilo Gomes e Diogo de Macedo, é planeada a Exposição "5 Independentes", inaugurada em 1923, em Lisboa, considerada a "primeira manifestação modernista portuguesa dos anos 20". Em Maio de 1924 iniciou com Dordilo Gomes uma longa viagem por Itália, que o influenciou profundamente, deixando marcas na produção subsequente. Desse mesmo ano data o contrato para a construção do Monumento a João Gonçalves Zarco, encomendado pela Junta Geral do Distrito do Funchal. O monumento foi inaugurado no Funchal a 28 de Maio de 1934. Ainda nos anos 20 expôs em Nova Iorque, no Rio de Janeiro e em Boston. Em 1931 executou a estátua do Infante D. Henrique para a Exposição Internacional e Colonial de Paris. Em 1933 é inaugurada a Dor, para o monumento fúnebre ao Rei D. Carlos e ao príncipe D. Luís Filipe, no Panteão Real. Dois anos depois, nas Caldas da Rainha, o monumento à Rainha D. Leonor, cujos trabalhos tiveram início em 1926, ainda no Funchal. Em 1934 executou um busto de Salazar, e mais tarde em 1937, uma estátua togada, destinada à Exposição Universal de Paris desse ano. Participou em importantes obras arquitetónicas do modernismo português, nomeadamente na Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, inaugurada em 1938 e na Casa da Moeda de Lisboa. Em 1940 é inaugurado o D. João IV de Vila Viçosa. A partir dessa data, executou uma série de estátuas de reis de Portugal, D. Dinis, D. João III, D. João I, D. João II, e finalmente, em 1950, o Bispo D. Miguel de Portugal para Lamego, sua última obra de estatuetária. Os últimos anos da sua vida foram profundamente afetados por um desastre de viação, do qual nunca se vicia a restabelecer completamente. É deste período a encomenda da estátua monumental do Cristo Rei de Almada, para a qual só fizera um esboço inicial. Ao longo da sua vida foi-lhe reconhecido mérito e valor, recebendo várias medalhas e o Grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada. Faleceu na sua casa em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1955.

Rua João de Deus, 13 - 9050 Funchal | 291 211 090 | museu.franco@cm-funchal.pt
www.facebook.com/museuhenriquefranciscofranco



Anexo n.º 9 – “Casa-Museu Frederico de Freitas valoriza o património cultural da Região” – *Jornal da Madeira* (30 de junho de 1988). Série II. N.º 17257. Pág. 1.

CASA-MUSEU FREDERICO DE FREITAS VALORIZA O PATRIMÓNIO CULTURAL DA REGIÃO



Alberto João Jardim e o Sr. do Funchal, acompanhados de outras individualidades, quando visitaram o salão de exposições onde se destaca o busto de Frederico de Freitas, esculpido por Lúcia Cruz.



Visita à colecção de estampas aquarelas à Madeira, as quais se encontram expostas em salas do Museu.

nessa residência de Santa Clara, onde residiu durante 40 anos.

Após receber o legado, o Governo adquiriu então a Casa e aí instalou de forma adequada as colecções oferecidas aos madeirenses. A origem da construção da casa de Santa Clara, agora devidamente res-

taurada, é provavelmente anterior ao século XVIII, sendo o edifício bastante interessante do ponto de vista urbano e ambiental.

No acto inaugural foram ainda apresentadas com ramos de flores e salvas de prata algumas personalidades ligadas da forma directa ao museu, e as

obras de reconstrução do imóvel.

Estiveram presentes, de suas individualidades, sendo destacada a presença do secretário de Estado das Comarcas, Correia de Jesus, Bispo do Funchal, D. Teófilo de Faria e do director do ICM, dr. Paulo de Freitas.

A Casa-Museu Frederico de Freitas foi inaugurada ontem. Este evento, situado na Galpaga de Santa Clara, constitui um importante ponto de partida, pelo menos por um lado, para o futuro do passado histórico da Madeira.

Este novo espaço museológico foi legado à Região por Frederico de Freitas, um prestigioso jurista natural da Madeira, onde faleceu em 1978. Conhecido como um «coleccionador de colímbos», recolheu ao longo de toda a sua vida peças valiosas que enriquecem o nosso património, como gravuras, livros, estatuas, anéis e mobiliário.

O acto inaugural foi presidido por Alberto João Jardim e pelo Sr. do Funchal, acompanhado por outras individualidades.

Este legado, situado na Galpaga de Santa Clara, constitui um importante ponto de partida, pelo menos por um lado, para o futuro do passado histórico da Madeira.

Este novo espaço museológico foi legado à Região por Frederico de Freitas, um prestigioso jurista natural da Madeira, onde faleceu em 1978. Conhecido como um «coleccionador de colímbos», recolheu ao longo de toda a sua vida peças valiosas que enriquecem o nosso património, como gravuras, livros, estatuas, anéis e mobiliário.

Este legado, situado na Galpaga de Santa Clara, constitui um importante ponto de partida, pelo menos por um lado, para o futuro do passado histórico da Madeira.

Este novo espaço museológico foi legado à Região por Frederico de Freitas, um prestigioso jurista natural da Madeira, onde faleceu em 1978. Conhecido como um «coleccionador de colímbos», recolheu ao longo de toda a sua vida peças valiosas que enriquecem o nosso património, como gravuras, livros, estatuas, anéis e mobiliário.

Esta colecção de estampas aquarelas à Madeira, uma das primeiras que o país viu. Justamente com essas peças e desenhos originais dos quais se destacam alguns «Pickers», estas tornam um núcleo com cerca de mais centena de exemplares que se não sempre atingem grande nível artístico, possuem grande interesse documental sobre a Madeira no século passado.

João Carlos Abreu anunciou ainda a intenção do Governo Regional em desenvolver actividades de protecção e preservação do património que pertence a todas nós.

Após receber o legado, o Governo adquiriu então a Casa e aí instalou de forma adequada as colecções oferecidas aos madeirenses. A origem da construção da casa de Santa Clara, agora devidamente res-



Salão ricamente mobiliado da Casa-Museu.

Uma Casa-Museu bastante melhorada



- Ficou a ganhar a instituição e ficou a ganhar a Cultura: a Casa-Museu Dr. Frederico de Freitas foi ontem apresentada, de “cara lavada”, à comunidade, na presença de académicos e governantes regionais.

A Casa-Museu Frederico de Freitas apresentou-se ontem ao público com um novo “look”, substancialmente remodelado e ampliado. Felizmente que, para além do “look”, existe um também substancial conteúdo. É, mais uma vez felizmente, registado o facto de esse importante espólio, virtualmente desconhecido da maioria dos madeirenses, beneficiar agora de melhores condições de exposição, e de ter sido, em parte, submetido a uma restauração significativa e cuidada.

Foi o caso da coleção de azulejaria, que se encontra agora exposta de forma muito mais condigna.

A antiga residência do Dr. Frederico de Freitas tornou-se ontem pequena para acolher as centenas de pessoas que acorreram à inauguração dos novos espaços, entre as quais se contavam o presidente do Governo Regional e vários secretários regionais, o presidente da Câmara Municipal do Funchal e o bispo da Diocese e variadíssimas personalidades ligadas ao sector cultural madeirense, além de Pedro Tamen, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, e de Raquel Henriques da Silva, directora do Instituto Nacional de Museus.

A Casa-Museu Frederico de Freitas expandiu-se para duas parcelas do terreno do Convento de Santa Clara, cedidas pela Direcção-Geral do Património do Estado àquela instituição, com o acordo do então Instituto Português do Património Cultural e as autorizações da Direcção-Geral do Património do Estado e da Província Portuguesa das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

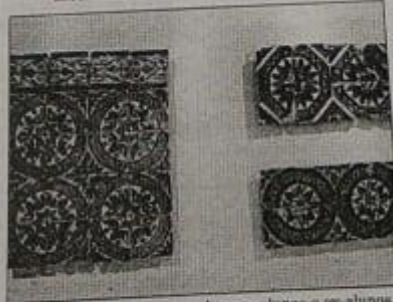
Recorde-se que o Dr. Frederico de Freitas, advogado e notário, homem de Cultura, cedeu à sua coleção artística no Governo Regional em 1978. As entidades governamentais adquiriram então a Casa da Calçada, um conjunto arquitectónico cuja origem data pelo menos do século XVIII e que serviu de morada ao Dr. Frederico de Freitas, com o intuito de ali



O presidente do Governo, acompanhado pelo director da Casa-Museu, Paulo Freitas, e por alguns secretários dialoga com a arquitecta Maria João Dandelo.



O precioso espólio de azulejaria que a Casa-Museu encerra tem novas condições de exposição.



As peças foram restauradas por alunos e ex-alunos da Secção Autónoma de Arte e Design da UMa.

foi necessário, antes de mais, consolidá-la para que não ruísse em certos pontos. Foi apenas em 1984 que se iniciaram os estudos da futura reconstrução, procurando-se criar um projecto de intervenção que não destruísse espaços, elementos e suportes que são a memória do lugar.

foi sendo conhecida a real dimensão e importância das coleções, foi-se tornando mais e mais evidente a necessidade de se poder beneficiar de mais espaço para as expor.

Veio neste sentido a criação de um edifício de ruiz, e que agora alberga a exposição permanente da coleção de azulejos, além de um auditório com 50 lu-

trava, e à medida que



Guilhermina da Luz apresenta, no Salão Nobre do Teatro, uma mostra que fala de memórias.

NO “FOYER” DO TEATRO Guilhermina da Luz cativa as memórias

Convida-se a uma intervenção artística no espaço do Salão Nobre do Teatro Municipal H. L. S. A artista plástica Guilhermina da Luz, mais conhecida como escultora,



acabou por escolher a pintura, num “regresso” marcado por substanciais diferenças em relação à anterior produção pictórica.

Intitulada “Há Memória nas Paredes”, esta mostra de Guilhermina da Luz, realizada pela economia de meios e, na realidade, uma instalação, constituída por diversas pinturas. O título é pertinente, na medida em que se trata precisamente

de um espaço que funciona quase como uma evocação de épocas passadas, propondo uma série de imagens que parecem flutuar nas paredes, surgindo semi-obscurecidas como que pela névoa dos tempos. E como se as paredes, elas mesmas, tivessem memória e regatassem, como películas fotográficas, acontecimentos e personagens há muito desaparecidos. As figuras que Guilhermina da Luz pinta são como fantasmas desvanecidos de outros tempos e de outros lugares, talvez mesmo daque-

le lugar, talvez não, talvez de mais longe... Recorrendo a imagens de inspiração etnológica, mas sobretudo a imagens pessoais, a artista pretende o observador para momentos de introspecção e de peregrinação interior, como que em busca de algo do que hoje só resta uma mágoa aguda recordação, talvez individual, talvez colectiva.

Conforme nos explica Guilhermina da Luz, esta foi uma intervenção artística no “foyer” do Teatro, onde se reúnem as pessoas onde existia no passado uma “convivência social” marcada por um certo “gustoso”.

“Era aqui que as pessoas iam e cruzavam, partilhavam momentos sociais”, época charmosa que, motivadamente, já no “foyer”, apesar dos tempos, a convivência social era, apesar de tudo, e na óptica desta um lugar de alegria e mistura, pois ali se misturavam as pessoas, através de um teatro, enquanto momentos da vida. Foi esse que Guilhermina quer retratar.

LUIS ROCHA

MINISTRO PRESE João Caração lançou livro em

O livro “Science et Communication”, de João Caração, foi lançado ontem em Paris, no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, com a presença do ministro da Cultura português, Manuel Maria Carrilho. Editado pela PUF (Presses Universitaires de France), na célebre colecção “Que Sais-je!”, este livro “espírito” lançado no dia 40, diz o livro. O livro “Science et Communication”, de João Caração, foi lançado ontem em Paris, no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, com a presença do ministro da Cultura português, Manuel Maria Carrilho. Editado pela PUF (Presses Universitaires de France), na célebre colecção “Que Sais-je!”, este livro “espírito” lançado no dia 40, diz o livro.

de comunicação social portugueses a funcionar no estrangeiro: «É claro que este sistema tem as suas limitações, mas durante este encontro vamos analisar a situação» — e adiantou — queremos que qualquer português, onde quer que esteja, saiba do que se passa no seu país. Estamos a estreitar os

passados. Por seu turno, o secretário regional do Turismo, Cultura e Emigração referiu que a presença dos órgãos de comunicação social portugueses no estrangeiro atesta a força que Portugal tem no mundo. João Carlos Abreu destacou a importância deste encontro mundial, no intercâmbio

tacou ainda a preocupação do secretário de Estado das Comunidades Portuguesas em saber das dificuldades dos portugueses radicados no estrangeiro, surgindo assim o protocolo entre o Governo e a LUSA para apoio a esses órgãos de comunicação social.

ingua a portu, excepção, acidentes, catástrofes e terrorismo ocorridos desde a década de 70 até aos nossos dias, em Portugal. Depois de outras exposições semelhantes em Coimbra, Porto e Lisboa, a LUSA tem prevista uma outra no Açores.

NO CANIÇAL

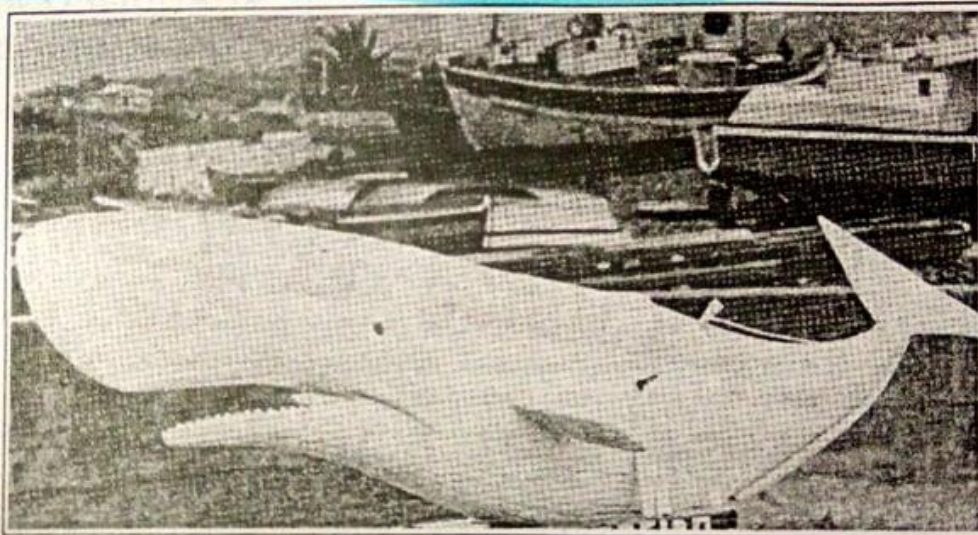
MUSEU DA BALEIA ABRE HOJE AO PÚBLICO

O Museu da Baleia abre hoje as suas portas ao público.

A abertura oficial é presidida pelo secretário regional do Turismo, Cultura e Emigração, João Carlos Abreu, em representação do chefe do executivo madeirense.

A abertura oficial do Museu da Baleia, marcada para as 16 horas, conta ainda com a presença de um grupo de cientistas ligados ao estudo dos mamíferos, e directores de diversos organismos internacionais de defesa da espécie, nomeadamente da América, Inglaterra e Alemanha.

(Foto: Arquivo J.M.)



Scanned with
CamScanner

Anexo n.º 12 – “Memória da caça à baleia pode ser revisitada no novo Museu da Baleia” – *Diário Cidade* (Edição de 2 a 4 de setembro de 2011). N.º 1030. Pág. 9.

Cidade SEXTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2011

MÚSICA
O realizador norte-americano David Lynch abriu esta semana um clube noturno em Paris, *Silêncio*, e editará em novembro o primeiro trabalho discográfico, *"Crazy Clown Time"*.

LITERATURA
O histórico *Café Richmond*, em Buenos Aires, que foi fin literária como Saint-Exupéry, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, corre o risco de encerrar e ser transformado numa loja de roupas.

Memória da caça à baleia pode ser revisitada no novo Museu da Baleia

A memória da caça à baleia na Madeira pode ser revisitada a partir da próxima semana, quando abrirem ao público as novas instalações do Museu da Baleia, no Caniçal, concelho de Machico.

“Este museu é mais do que a memória da caça à baleia na Madeira”, disse à agência Lusa o diretor do espaço, Luís Freitas, explicando que a importância dos cetáceos na região, em cujo mar já foram identificadas 28 espécies de baleias e golfinhos, está também retratada no novo espaço, a inaugurar hoje.

O responsável sublinhou a este propósito o “património valioso” que constitui a presença ou a passagem destes mamíferos, que o Museu da Baleia continua a estudar, investigar e também a proteger.

No espaço, os visitantes vão poder encontrar a réplica de uma baleeira a remos e à vela e a última baleeira a motor e a contraplacado marítimo, por entre outros objetos ligados à caça à baleia, atividade que, no arquipélago, teve origem com a instalação da primeira



armação, em 1940, “importada” dos Açores.

Os primeiros abates de cetáceos ocorreriam no ano seguinte, na costa norte da ilha, quando já estava em funcionamento uma estação de processamento que permitia a extração do óleo das baleias. Mais tarde, nasceria, na mesma freguesia que acolhe o Museu da Baleia, uma fábrica.

O crescimento da atividade, que atingiu o apogeu na Madeira nas décadas de 1950 e 60, tem explicação na rede de vigias, onde estavam “plantados” os homens que tinham por missão descobrir o sopro das baleias e, dessa forma, avisar os baleeiros para que rumassem ao mar.

A distribuição da rede de vigias é outro dos aspetos que apresenta o museu, que possibilita ainda aos visitantes espreitar o horizonte e, com alguma sorte, ver baleias e golfinhos.

“Nós próprios somos testemunhos disso, sem sair do gabinete, conseguimos ver os nossos objetos de estudo”, referiu Luís Freitas.

O Museu da Baleia, investimento do Governo Regional de 8,3 milhões de euros, com financiamento comunitário de cerca de um milhão de euros, reserva também uma sala dedicada à vida marinha onde ganham forma as principais espécies de cetáceos da região.

Modelos à escala real – o maior dos quais relativo à baleia tropical, de 16 metros – são uma das atrações do museu, onde quiosques multimédia convidam o visitante a descobrir mais informação sobre a caça à baleia ou sobre as espécies.

“Vamos dar a conhecer as diferentes espécies de cetáceos que existem nas nossas águas e falar de vários aspetos da sua vida, desde a ecologia ao mergulho profundo, à forma como estudamos as baleias e os golfinhos”, declarou o diretor do museu.

Um espaço educativo, uma biblioteca pública, laboratórios, loja, cafeteria, auditório e sala de exposições temporárias completam o museu, fundado em 1990 para mostrar a atividade que desaparecera dos mares da Madeira nove anos antes, em 1981, de forma voluntária e depois da interdição da comercialização de produtos extraídos destes animais por parte de alguns países.

Cinco anos mais tarde, um decreto legislativo regional determinou que o mar da região fosse espaço de proteção dos cetáceos.

Opinião

Bem-te-quer e malmequer

Sorria. Vá lá, risinho pálido. Nessa é sorrir. C tá a ser fotogr Não acredito do Social? Poi o seu olhar vi diáfragma. E rido, o seu ol ma daquelas todos olhar quina”.

Mas olhe flash. Nem mitir-se qu boca. Tam tudo na gr pontiagud do lá atrás

Não ap mal...). ro. Não bochech mundis

Pode um dos de deix aparec para qu

Ou, nhos e tadinh Nem carpe Cig são n já fu certu Nê que pres

Núcleo Museológico abre hoje ao público em Machico

Abre hoje ao público o Núcleo Museológico de Machico - Solar do Ribeirinho. A inauguração terá lugar na sede deste espaço (Rua do Ribeirinho n.º 15) às 18h30. O Núcleo Museológico de Machico é uma instituição cultural criada pela respectiva câmara municipal e “renasce” após uma recuperação do imóvel Solar do Ribeirinho, datado do século XVII. Neste museu vão estar disponíveis (de forma interactiva) informações sobre as histórias e as personalidades que ajudaram a construir e desenvolver a

cidade de Machico dos nossos dias. São documentos que vão mostrar os 600 anos de história, distribuídos por quatro núcleos temáticos em exposição, nomeadamente, o Solar do Ribeirinho enquanto edifício; as origens, o povoamento e a vida local da cidade; o percurso económico e, por fim, o seu quotidiano. De acordo com a Câmara Municipal de Machico, de entre os objectos mais importantes em exposição estão a pintura do 1.º capitão donatário de Machico, Tristão Vaz

Teixeira; um passo processional do século XVII; um raro sineta com um punho em marfim e cunho em prata datado do século XVI; uma inscrição gravada com uma quadra do poeta setecentista de Machico, Francisco Álvares de Nóbrega (conhecido também por Camões Pequeno) e, por fim, vários artefactos de cerâmica, pedra e metal que ajudam a retratar a história económica, social e cultural de Machico desde o século XV até ao século XX.

Lúcia M. Silva



Anexo n.º 14 – Poster sobre o Museu de Arte Sacra do Funchal afixado no espaço onde decorreu a conferência "Conferências do Museu 2019. Mediações: Aprendizagem, Património e Museus" (8 e 9 de Março de 2019) .

MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL



O Museu de Arte Sacra do Funchal é uma Instituição privada, sob tutela da Diocese do Funchal que tem como finalidade primordial a preservação, investigação e divulgação de património artístico proveniente das igrejas e capelas da Diocese do Funchal e/ou particulares.

Conjugando as dimensões, religiosa e cultural dos objetos, funda-se na convicção de que é possível conciliar as duas – sem que uma se subordine à outra – para prestar um serviço de bem comum.

Expõe desde 1955 um conjunto patrimonial de coleções de pintura, escultura, ourivesaria, têxteis e paramentaria religiosas que testemunham cinco séculos de história da ilha da Madeira.

MISSÃO EDUCATIVA

O Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF) procura por meio da programação do Serviço Educativo fortalecer as relações entre o Museu e a comunidade nomeadamente o vasto público escolar. No entanto existe a preocupação em diversificar os públicos que acedem ao Museu, abrangendo os diversos níveis etários e sociais. Esta programação assenta na planificação e diversificação de novas atividades que explorem as coleções do MASF na perspetiva da educação estética artística e patrimonial. Estas atividades são programadas de acordo com os objetivos requeridos no âmbito das muitas solicitações que o MASF tem por parte dos vários grupos no âmbito escolar, público adulto e sénior no contexto das universidades seniores, instituições de solidariedade social, ateliês de ocupação de tempos livres entre outros.

PROGRAMA / AÇÕES

- Programação e orientação de visitas de estudo;
- Visitas de estudo com componente de ateliê;
- Atividades de trabalho no domínio da leitura e interpretação da obra de arte;
- Dinamização de exposições dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Serviço Educativo;
- Desenvolvimento de oficinas criativas de curta ou longa duração assinalando datas específicas (Páscoa, Dia Internacional dos Museus, Dia do Turismo, Dia Nacional dos Bens Culturais da Igreja, Natal, etc.);
- Visitas orientadas à hora do almoço;
- Realização de conferências e mesas redondas;
- Orientação de estágios ao abrigo de vários programas;
- Participação na conceção e animação das diversas ações e recursos em articulação com a área de conservação, investigação e gestão das coleções;
- Oferta Formativa: interna e externa.



ÉQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL
 Marlinda Mendes e Liliana Meim
 Rua do Bopo, 21 9000-073 FUNCHAL

HORÁRIO
 Segunda a sexta das 10h às 17h, Sábado das 10h às 13h

serviocioeducativo@masf.pt 291239300 masf.pt FACEBOOK @museuartsacraofunchal.org INSTAGRAM @masfunchal

QUOTIDIANO

PARA CATIVAR MAIS PÚBLICO

Museus do Funchal com serviços educativos

Angariar novos sectores do público para os museus e sensibilizar as camadas mais jovens para estes espaços culturais são os objectivos principais dos Serviços Educativos dos museus da cidade do Funchal.

Ontem foram apresentadas e explicadas, no Museu Francisco Franco, as linhas mestras deste projecto elaborado pela Câmara Municipal do Funchal com a colaboração da Secretaria Regional da Educação.

Para Francisco Clode, responsável pelos museus da CMF, estes serviços são uma nova maneira de “criar públicos para os museus”, através da divulgação e criação de mecanismos pedagógicos. Tudo para incutir nos mais novos, nomeadamente os que se encontram na fase “da infância”, o gosto pela cultura museológica. Na sua opinião é imperioso que os museus criem condições de renovação e de inovação no sentido de despertarem interesse no seio da população.

Segundo Francisco Clode, os Serviços Educativos são a base para um entendimento “acompanhado” daquilo que pode ser o papel dos museus na sua formação humana. Neste momento, encontram-se a trabalhar em permanência com os museus da cidade do Funchal cerca de vinte escolas. Dois professores, destacados pela SRE, coordenam e acompanham este trabalho junto das escolas.

- A Câmara Municipal do Funchal quer atrair mais visitantes aos museus da cidade. Para isso foi elaborado um projecto a desenvolver pelos Serviços Educativos.



Divulgar a cultura museológica é o objectivo dos Serviços Educativos.

Opinião semelhante foi manifestada pelo presidente da Câmara Municipal do Funchal, Miguel Albuquerque que esteve presente na apresentação do projecto.

Didácticas, educativas e específicas

Como forma de alcançar um entendimento mais aprofundado recorreu-se às visitas guiadas, ao estudo temá-

tico daquilo que é o interesse do museu e do professor, bem como ao desenvolvimento de material educativo e pedagógico. Este material é caracterizado por jogos, fichas formativas, puzzles destinados às crianças e que facilitam “o entendimento das propostas que os museus têm para apresentar”.

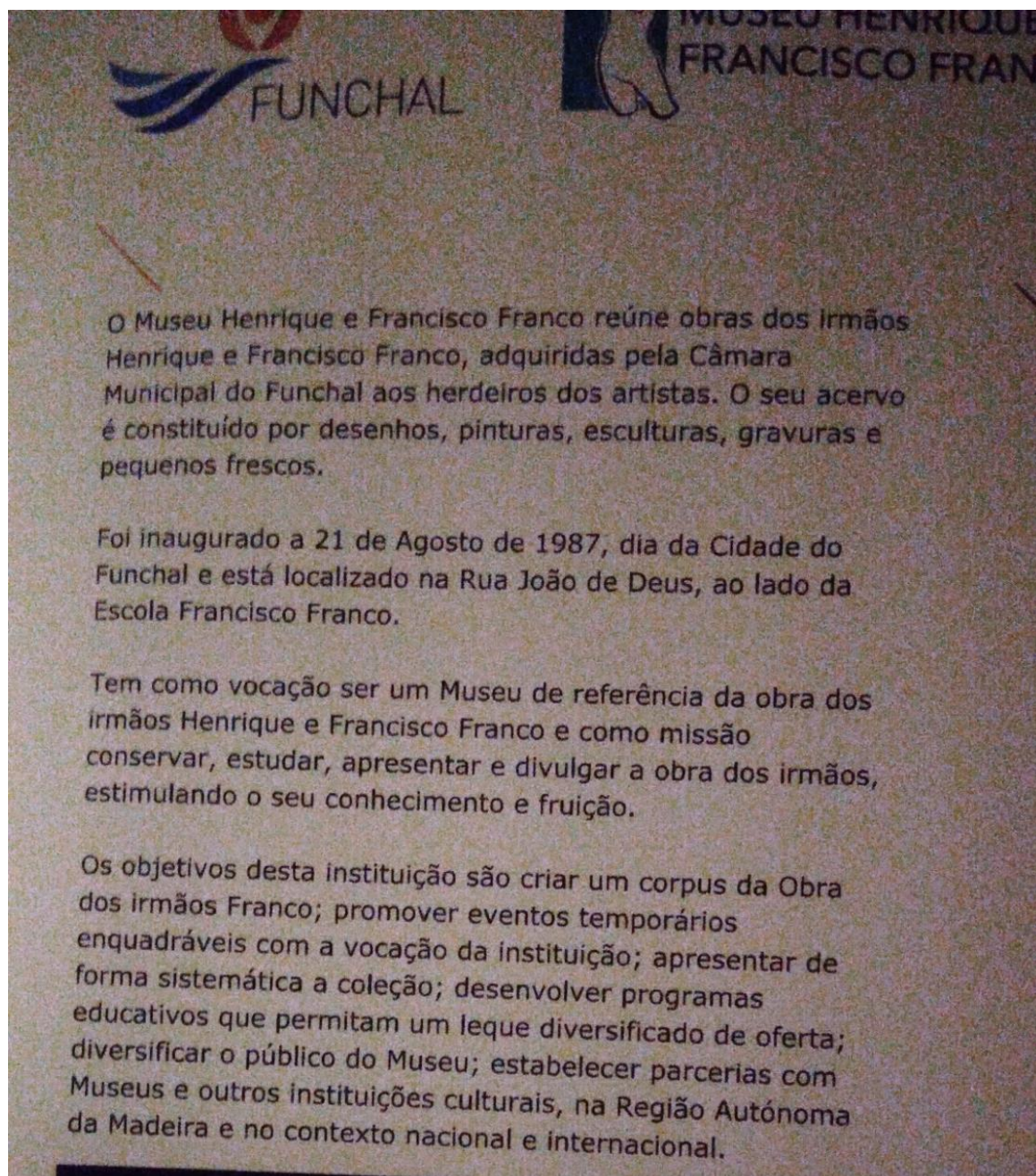
Refira-se que este projecto destina-se a todos os alunos, inclusivamente aqueles

com deficiências visuais. Para estes foram desenvolvidos jogos pedagógicos específicos e alguma documentação em “braille”.

Ao concluir, Francisco Clode anunciou que no próximo dia 18 de Maio, Dia Internacional dos Museus, realizar-se-á uma gincana cultural na cidade do Funchal subordinada ao tema: “À descoberta dos Museus”.

ÓSCAR BRANCO

Anexo n.º 16 - Poster sobre o Museu Henrique e Francisco Franco afixado no espaço onde decorreu a conferência "Conferências do Museu 2019. Mediações: Aprendizagem, Património e Museus" (8 e 9 de Março de 2019) .



MISSÃO EDUCATIVA

As atividades desenvolvidas no Museu, que habitualmente designamos de culturais e educativas, pretendem oferecer a todos, em especial à comunidade mais próxima, excelentes oportunidades de desenvolvimento de qualidades afetivas e estéticas.

A programação de manifestações artísticas de tipo performativo (música, teatro, poesia, etc.) obedece ao mesmo objetivo de interação com os espaços do Museu e ultrapassa as noções de mera conveniência formal e de enquadramento, contribuindo antes para a criação de contrastes e amplificações de valores.

Por cumprimento qualificado da missão do Serviço Educativo deste museu, entende-se a propiciação de condições de convivência autêntica com as obras de arte, através de experiências sensoriais e emotivas, como forma de proporcionar a todos aqueles que nos visitem a oportunidade de voltarem a emocionar-se perante obras de arte deslocadas dos espaços, para onde inicialmente foram criadas.

PROGRAMA / AÇÕES

Agenda de Atividades educativas 2018/2019, lançada pelo Departamento de Economia e Cultura da Câmara Municipal do Funchal, com a programação educativa anual, para os vários espaços geridos, por este Departamento.

VISITAS ORIENTADAS

PROGRAMA / AÇÕES

Agenda de Atividades educativas 2018/2019, lançada pelo Departamento de Economia e Cultura da Câmara Municipal do Funchal, com a programação educativa anual, para os vários espaços geridos, por este Departamento.

VISITAS ORIENTADAS

Segunda a Sexta | Por marcação
Público-alvo: Geral

VISITAS TEMÁTICAS

Museu vai ter contigo
O museu sai à rua!
Exposições Perspetivadas

VISITAS ENCENADAS

Sementes de mudança

OFICINAS TEMÁTICAS

Esculturas com História
Oficinas de arte
O meu caderno de campo

ATELIER DE FÉRIAS

Carnaval / Páscoa / Verão / Natal

ATIVIDADES NO EXTERIOR

Adega de Natal Funchal
Feira do Livro Funchal

CONCERTOS

Projeto Música das Escolas

CONFERÊNCIAS/LANÇAMENTO DE LIVROS

Anexo n.º 17 - Poster sobre o Museu da Baleia da Madeira afixado no espaço onde decorreu a conferência "Conferências do Museu 2019. Mediações: Aprendizagem, Património e Museus" (8 e 9 de Março de 2019) .

MISSÃO EDUCATIVA

O Museu da Baleia da Madeira tem como missão educativa promover a construção do conhecimento através da realização de ações baseadas no património cultural, sobre a história da caça à baleia na Madeira, e no património natural marinho, em particular sobre a diversidade de cetáceos no Arquipélago da Madeira, o mar e a sustentabilidade dos oceanos.

O projeto educativo assenta nas temáticas e discurso museológicos, disponibilizando atividades, que incluem uma componente prática, direcionadas para cada ano de escolaridade, desde o ensino pré-escolar até ao secundário, em consonância com os currículos escolares. No início de cada ano letivo, é também apresentado um plano de atividades didáticas em linha com a missão do museu.

E porque a Educação não se esgota com o público escolar, o Museu desenvolve ainda um conjunto de iniciativas de sensibilização, divulgação, formação e informação, recorrendo a várias estratégias de comunicação, com significado para a identidade e memória coletivas.

PROGRAMA / AÇÕES

- Visitas de estudo
- Os cetáceos vão à escola
- Desafio educativo
- O dia da ciência
- Biblioteca escolar
- Projeto "Mara salva os roazes"
- Ações de formação para professores
- Comunicações
- Parcerias com as escolas locais
- Colaboração com as escolas em atividades de enriquecimento curricular
- Ações de educação ambiental
- Exposições temporárias